

Universidades Lusíada

Mota, Patrícia Mariana Macedo

Da habitação moderna para a habitação no presente e no futuro

http://hdl.handle.net/11067/4671

Metadados

Data de Publicação

2018

Resumo

A habitação e o ato de habitar são conceitos transversais no tempo. Nesta investigação em concreto ganham destaque os exemplares de habitação de arquitetura Moderna, servindo como o objeto de estudo e a habitação Contemporânea como modelo para a compreensão das questões de arquitetura que hoje são importantes, em particular a flexibilidade, como a abordagem determinante e capaz para a previsão e definição do habitat no futuro. O caminho adotado para a construção desta leitura transversal foi tr...

Housing and the act of inhabiting are cross-cutting concepts in time. This investigation specifically high the examplary Modern architecture housing, serve as the object of study, and the Contemporary dwelling as a model for the understanding of the architectural questions that are today important, in particular flexibility, as the decisive and capable approach to predicting and defining habitat in the future. The path adopted for the construction of this transversal reading was traced chronolo...

Palavras Chave Habitação, Arquitectura - Flexibilidade

Tipo masterThesis

Revisão de Pares no

Coleções [ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T07:14:03Z com informação proveniente do Repositório

Universidade Lusíada Norte FAA | Faculdade de Arquitetura e Artes

DA HABITAÇÃO MODERNA PARA A HABITAÇÃO NO PRESENTE E NO FUTURO

Patrícia Mariana Macedo Mota



Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Orientação:

Prof. Doutor Francisco Peixoto Alves

Vila Nova de Famalicão, 2018

Dedicatória

A todos que contribuíram para a minha educação, muito obrigada...

Se queres conhecer o passado, examina o presente que é o resultado, se queres conhecer o futuro, examina o presente que é a causa.

Confúcio

Agradecimentos

Agradeço, antes demais, ao professor Francisco Peixoto Alves, pela sua crítica construtiva, sempre sensata e lógica, nunca condescendente, buscando o essencial das matérias em conformidade com uma consciência oportuna do global e, ainda, pela sua disponibilidade e atenção.

Aos professores Henrique Fabião e Ricardo Freitas que me acompanharam e auxiliaram, de forma prestável na construção do meu projeto de fim de curso.

Aos meus queridos tios, Fernanda e Orlando, que me acompanharam em paralelo e de forma atenciosa neste meu itinerário e, ainda, ao meu primo Landinho que em muito contribui para a formação de uma atitude autodidata e persistente perante os dilemas que a investigação me propôs.

ÍNDICE

Dedicatória	II
Agradecimentos	III
Índice	V
Índice de figuras	VII
Resumo	XIX
Palavras chave	XIX
Abstract	XX
Keywords	XX
Introdução	23
Problema	23
Motivação	23
Ideia	23
Objetivos	24
Metodologia	24
Estrutura	25

CAPÍTULO I – A vivência Moderna e o projeto de Habitação [ONTEM]

1.1.	O paradigma social Moderno	29
1.2.	Morfologia do Espaço Habitacional Moderno:	37
	O Espaço Mínimo	
1.3.	A Apropriação do espaço Moderno	53
1.4.	Casos de Estudo do Habitar Moderno	61
CAP.	ÍTULO II – A vivência Contemporânea e o projeto de Habitação	[НОЈЕ]
2.1.	A vivência Contemporânea	73
2.2.	Morfologia do Espaço Habitacional Contemporâneo:	79
	A Adaptação Flexível da Habitação	87
	2.2.1. Longevidade	90
	2.2.2. Ambiguidade	93
	2.2.3. Evolutividade	95
2.3.	A Apropriação do Espaço Contemporâneo:	
	Aspirações ou Necessidades?	97
2.4.	A Reabilitação através da Flexibilidade	101
2.5.	Casos de estudo do Habitar Contemporâneo	107
CAP	ÍTULO III – A Reabilitação do Complexo das Lameiras [AMAN	NHÃ]
3.1.	O Complexo das Lameiras na Cidade	119
3.2.	A Reabilitação flexível do Complexo das Lameiras para o mod	<i>lus vivendi</i> atual e
fi	aturo em V.N. de Famalicão	125
CON	CLUSÃO	143
FON	TES BIBLIOGRÁFICAS	145

ÍNDICE DE FIGURAS

Do Percurso de Dissertação ao Projeto

Fonte: figura do autor

Figura 01

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://www.spatialagency.net/database/garden.cities; consultado em 05-12-2017

Figura 02

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/346355027575373277/; consultado em 18-12-2017

Figura 03

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://pt.wikipedia.org/wiki/Composição II em Vermelho, Azul e Amarelo; consultado

em 07-03-2018

Figura 04

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://lapisblog.epfl.ch/gallery3/index.php/2014070901/werkbund ausstellung weissenhof

1927 01; consultado em 21-01-218

Figura 05

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/3197/Os+Verdes+Anos; consultado em 13-12-2017

Figura 06

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://podoslivrosvintage.blogspot.pt/2013/06/cadernos-de-arquitectura-manifesto-

de.html; consultado em 08-05-2018

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://pinterest.com%2Fpin%2F174373816792511242%2F&psig=AOvVaw0ak9TCfHW9 fFLAW_pehpdd&ust=1520778157456824; consultado em 04-05-2018

Figura 08

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.google.pt/search?q=bairro+de+alvalade&safe=active&source=lnms&tbm=i sch&sa=X&ved=0ahUKEwiAgsms6IbYAhXBtxoKHaFyBC4Q_AUICigB&biw=1440&bih =839#imgrc=onvfyKHUlHFJFM; consultado em 03-05-2018

Figura 09

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.google.pt/search?q=bairro+de+alvalade&safe=active&source=lnms&tbm=i sch&sa=X&ved=0ahUKEwiAgsms6IbYAhXBtxoKHaFyBC4Q_AUICigB&biw=1440&bih =839#imgrc=OuYMvjPiS9JPaM; consultado em 16-03-2018

Figura 010

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://www.we.expo2015.org/en/news/margarete-schutte-lihotzky-revolutionary-kitchen; consultado em 11-08-2018

Figura 011

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.google.pt/search?q=bairro+weissenhof&safe=active&source=lnms&tbm=is ch&sa=X&ved=0ahUKEwiSlao_4bYAhVFPBoKHauJBywQ_AUICygC&biw=1440&bih= 862#imgdii=HOTddQKE4xMhBM:&imgrc=FXcXy7LvJ4yW3M; consultado em 11-08-2018

Figura 012

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.google.pt/search?q=bairro+weissenhof&safe=active&source=lnms&tbm=is ch&sa=X&ved=0ahUKEwiSlao_4bYAhVFPBoKHauJBywQ_AUICygC&biw=1440&bih= 862#imgdii=uXHXtPkG7th4GM:&imgrc=54TEVK2sVVPaLM; consultado em 11-09-2018

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.google.pt/search?q=bairro+weissenhof&safe=active&source=lnms&tbm=is ch&sa=X&ved=0ahUKEwiSlao_4bYAhVFPBoKHauJBywQ_AUICygC&biw=1440&bih= 862#imgdii=5z-N6EXWffxT_M:&imgrc=54TEVK2sVVPaLM; consultado em 05-09-2018

Figura 014

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/557250153870514454/; consultado em 05-08-2018

Figura 015

Fonte: figuras disponíveis nos endereços eletrónicos

A https://intermittentmechanism.blog/2015/06/10/breaking-the-glass-engaging-with-space-in-playtime/; consultado em 21-11-2018

B http://www.bfi.org.uk/news-opinion/news-bfi/features/users-guide-modern-world-according-jacques-tati; consultado em 21-11-2018

Figura 016

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/317011261263045205/; consultado em 13-05-2018

Figura 017

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/442549100859331779/; consultado em 29-09-2018

Figura 018

Fonte: Maria Tavares, Casa protótipo: afirmação de um caminho experimental em arquitectura, p.12 figura disponível no endereço eletrónico *www.resdomus.blogspot.com*; consultado em 20-01-2018

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/15381; consultado em 24-09-

2018

Figura 020

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.cca.qc.ca/en/issues/2/what-the-future-looked-like/32734/1956-house-of-the future?lb_url=%2Fen%2Flightbox%2Fmediacopy%2Fsummary%3Fmediacopy_url%3D %252Fapi%252Fmediacopy%252F13021; consultado em 27-09-2018

Figura 021

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://blog.modernmechanix.com/british-house-of-the-future/2/; consultado em 26-09-2018

Figura 022

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://www.catview.com.br/2013/03/31/maison-de-verre-pierre-chareau1932/; consultado

em 11-10-2018

Figura 023

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/552183604304224949/; consultado em 15-09-2018

Figura 024

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://uk.phaidon.com/agenda/art/picture-galleries/2010/march/23/this-is-tomorrow-the-work-of-richard-hamilton/; consultado em 15-09-2018

Figura 025

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/484207397420945893/; consultado em 24-10-2018

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/506162445597311535/; consultado em 24-10-2018

Figura 027

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://lagrette.free.fr/citeradieuse.html; consultado em 10-11-2018

Figura 028

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://mariabuszek.com/mariabuszek/kcai/Design%20History/Exam3 gallery2.htm;

consultado em 12-04-2018

Figura 029

Fonte: Utopia Reload A+P Smithson's Robin Hood Gardens, publicado em junho, 29,

2014. pp.28-29

Figura disponível no endereço eletrónico

https://www.issuu.com; consultado em 14-08-2018

Figura 030

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://www.anothermag.com/design-living/10885/how-the-ruins-of-a-brutalist-london-

estate-ended-up-at-the-venice-biennale; consulado em 17-08-2018

Figura 031

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://mcfarquitectos.pt/portfolio/sache1/; consultado em 10-08-2018

Figura 032

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://mcfarquitectos.pt/portfolio/sache1/; consultado em 10-08-2018

Fonte: CIAMH. Edificio de habitação coletiva Cooperativa Sache, frente & verso 1ª fase.

Porto: Edições CIAMH

Figura 034

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/354940014373877045/; consultado em 16-08-2018

Figura 035

Fonte: figura disponível no endereço

 ${\it http://www.dazed digital.com/fashion/article/34601/1/fruits-magazine-shuts-after-20-years-shuts-after-20-year$

tokyo-harajuku-street-style; consultado em 22-08-2018

Figura 036

A Fonte: figuras disponíveis nos endereços eletrónicos

http://canacopegdl.com/keyword/her-movie-2013.html; consultado em 23-08-.2018

B Fonte: figura disponível no endereço

http://www.cantstopthemovies.com/2014/01/her-2013/; consultado em 23-08-2108

Figura 037

Fonte: figura disponível no endereço eletrónicos

http://ursusamericanus.us/tocador-japones/tocador-japones-14-arquitectives-enero-2013/;

consultado em 28-09-2018

Figura 038

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/475059460688647982/; 02-10-2018

Figura 039

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://17.performa-arts.org/events/francois-dallegret-dimitri-chamblas-francois-perrin12;

05-07-2018

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/475059460689013390/; consultado em 12-11-2018

Figura 041

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://pauldyson.wordpress.com/2010/04/06/shearing-layers-in-software-delivery-part-1-layers-in-software-delivery-part

recognising-rates-of-change/; consultado em 09-11-2018

Figura 042

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://www.open-building.org/ob/next21.html; consultado em 26-08-2018

Figura 043

Fonte: Tatjana Schneider & Jeremy Till, Flexible Housing, 2007, p. 144

Figura 044

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/475059460689264163/; consultado em 09-09-2018

Figura 045

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.pinterest.pt/pin/475059460689057551/; consultado em 09-09-2018

Figura 046

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.metalocus.es/en/news/2-domesticity-netherlands-modern-movement-present;

consultado em 13-09-2018

Figura 047

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

https://www.franceculture.fr/emissions/creation-air/petit-inventaire-le-sang-verse-

seffacera-par-le-sang-repris-r; consultado em 13-09-2018

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

http://architectuul.com/architecture/naked-house; consultado em 13-09-2018

Figura 049

Fonte: figuras disponíveis no endereço

A B http://www.stevenholl.com/projects/fukuoka-housing; em 13-09-2018

Figura 050

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

A B https://www.archilovers.com/projects/91364/social-housing-in-carabanchel.html; consultado em 15-09-2018

Figura 051

Fonte: Daylight & Architecure, #16, 2011, p.20

Figura disponível no endereço eletrónico *https://www.issuu.com*; consultado em 14-08-2018

Figura 052

Fonte: figuras disponíveis nos endereços eletrónicos

A https://www.pinterest.pt/pin/475059460688648015/; consultado em 20-09-2018

em 15-09-2018

B https://www.archdaily.com/230533/house-na-sou-fujimoto-architects-diagram-01; consultado em 20-09-2018

Figura 053

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

A https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=56; consultado em 18-10-2018

B https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=56; consultado em 19-10-2018

Figura 054

Fonte: figura disponível no endereço eletrónico

A https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=56; consultado em 19-10-2018

B https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=56; consulatdo em 19-10-2018

Fonte: Daylight & Architecure, #02, 2011, p.41

Figura disponível no endereço eletrónico https://www.issuu.com; consultado em 14-08-

2018

Figura 056

Fonte: figura disponível no endereço

http://www.nlarchitects.nl/slideshow/201?slide=80; consultado em 17-10-2018

http://www.nlarchitects.nl/slideshow/201?slide=81; consultado em 17-10-2018

Figura 057

Fonte: figura disponível no endereço

http://www.nlarchitects.nl/slideshow/201?slide=79; consultado em 17-10-2018

Figura 058

Fonte: figura disponível no endereço

https://www.archdaily.com/230533/house-na-sou-fujimoto; consultado em 11-01-2018

Figura 059

Fonte: figura disponível no endereço

https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-

malagueira-alvaro-siza; consultado em 12-11-2018

Figura 060

Fonte: figura disponível no endereço

https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-

malagueira-alvaro-siza/usuario-flickr_gva_jb_1329748522-gva-jb/; consultado em 12-11-

2018

Figura 061

Fonte: figura disponível no endereço

http://ignaciogarranchoreflexiones.blogspot.com/2014/05/jean-nouvel-viviendas-

nemausus.html; consultado em 29-10-2018

Fonte: figura disponível no endereço

https://www.researchgate.net/figure/Stills-from-Nemausus-1-a-documentary-film-by-Richard-Copans-and-Stan-Neumann-for fig1 299537039; consultado em 29-10-2018

Figura 063

Fonte: figura disponível no endereço

https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=19; consultado em 19-10-2018

Figura 064

Fonte: figura disponível no endereço

http://www.spatialagency.net/database/lacaton.vassal; consultado em 20-10-2018

Figura 065

Fonte: figura disponível no endereço

http://unmetrocuadradojamasvisto.blogspot.com; consultado em 11-11-2018

Figura 066

Fonte: figura do autor

Figura 067

Fonte: figura do autor

Figura 068

Fonte: figura do autor

Figura 069

Fonte: figura do autor

Figura 070

Fonte: figura do autor

Figura 071

Fonte: figura do autor

Fonte: figura do autor

Figura 073

Fonte: figura do autor

Ilustrações no Quadro Reinterpretativo das Tipologias Habitacionais

Fonte: figuras disponíveis no endereço

https://www.instagram.com/iejvxr/; consultado em 27-11-2018

Resumo

A habitação e o ato de habitar são conceitos transversais no tempo. Nesta investigação em concreto ganham destaque os exemplares de habitação de arquitetura Moderna, servindo como o objeto de estudo e a habitação Contemporânea como modelo para a compreensão das questões de arquitetura que hoje são importantes, em particular a flexibilidade, como a abordagem determinante e capaz para a previsão e definição do habitat no futuro.

O caminho adotado para a construção desta leitura transversal foi traçado cronologicamente com uma compreensão que se inicia no virar para o séc. XX e na qual é analisado o contexto da vida à época até meados do séc. XX, bem como das "casas" que albergaram esta vivencia no que concerne com especial enfase à morfologia do espaço e à fenomenologia de uma espacialidade de cariz marcadamente mínimo.

Numa perspetiva contemporânea do método referido anteriormente procurou-se enfatizar temporalmente a fase de viragem para o novo milénio e das propostas que estão à superfície atualmente. A flexibilidade é a abordagem escolhida para o estudo, como procedimento para a garantia a longo prazo da sustentabilidade da casa, sendo também relevante para a reabilitação dos exemplares já existentes com potencial para a continuidade do ciclo de vida do habitar, em detrimento da demolição.

O caso prático do Complexo das Lameiras é o pretexto para a experimentação das teorias analisadas aplicadas num projeto em concreto com potencial para ser reabilitado, com o objetivo de incutir novos princípios que tornem este Complexo autossuficiente em termos da capacidade de renovação do habitar mantendo sempre o conforto imprescindível para a fruição deste ambiente.

Deste modo, com o projeto das Lameiras como o culminar de toda a investigação são de ressalvar as seguintes deduções: a habitação Moderna está, partindo da amostra selecionada, em perfeito alinhamento com a contemporaneidade para a implementação de abordagens espaciais de cariz flexível, os valores que estiveram na génese da estruturação dos ambientes de convivência fazem sentido agora numa outra perspetiva aliados a metodologias renovadas em termos tecnológicos, espaciais e sociais e a reabilitação de impacto a longo prazo é a resposta necessária para a viabilização dos "habitares" que a habitação possibilita.

Palavras Chave

Habitação. Vivência. Passado. Contemporaneidade. Futuro. Flexibilidade.

Abstract

Housing and the act of inhabiting are cross-cutting concepts in time. This investigation specifically high the examplary Modern architecture housing, serve as the object of study, and the Contemporary dwelling as a model for the understanding of the architectural questions that are today important, in particular flexibility, as the decisive and capable approach to predicting and defining habitat in the future.

The path adopted for the construction of this transversal reading was traced chronologically with an understanding that starts at the turn to the 20th and in which the context of the life to the time until the middle of the century is analyzed, as well as the "houses" that host this experience with special emphasis on the morphology of space and the phenomenology of a spatiality of a clearly minimal nature.

In a contemporary perspective of the above-mentioned approach, we have sought to emphasize temporarily the turning point for the new millennium and the proposals that are currently on the surface. Flexibility is the approach chosen for the study, as a procedure for the long-term guarantee of the sustainability of the house, being also relevant for the rehabilitation of the existing ones with potential for the continuity of the dwelling life cycle, to instead of demolition.

The practical case of the Complex of the Lameiras is an excuse for the experimentation of the analyzed theories applied in a concrete project with potential to be rehabilitated, with the aim of transfering new principles that make this Complex self-sufficient in terms of the capacity of renovation of the dwelling, always maintaining the indispensable confort for the enjoyment of this environment.

Therefore, with the Lameiras project as the result of the all research, the following deductions must be taken into account: Modern housing is based on the selected sample, in perfect alignment with contemporaneity for the implementation of flexible space approaches, the values that were in the genesis of the structuring of living environments continue to make sense now in another perspective associetad to renewed methodologies in technological, spatial and social terms and the rehabilitation of long-term impact is the necessary answer for the viability of "the many ways of dwell" that the dweelling makes possible.

Keywords

Dwelling. Inhabit. Past. Contenporaneity. Future. Flexibility.

Do Percurso de Dissertação ao Projeto

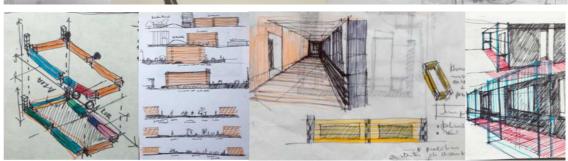




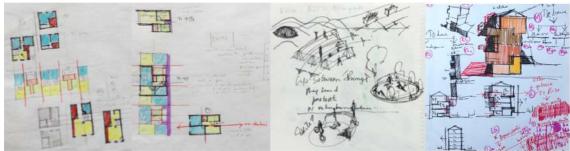


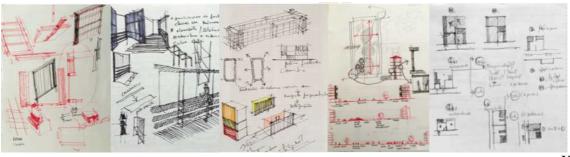












Introdução

Como resultado da proposta temática de projeto de 5º ano, que incidiu sobre o acervo arquitetónico Moderno no concelho de V.N. de Famalicão aliado à curiosidade acerca do tema do habitar, comum a todos os seres humanos, no entanto tão diferente quanto imaginável. A habitação permanece maioritariamente à vista comum como o resultado da necessidade e cada vez mais como um bem de desgaste rápido. Percebeu-se logo de inicio que estes dois mundos referidos se relacionavam, na medida em se torna exequível testar em concreto sobre o quão maleável poderá ser um habitat físico ao longo do tempo para indivíduos "anónimos" numa mesma zona de influencia ou pertença cultural.

Problema

A incapacidade de resposta da habitação Moderna ao uso Presente e Futuro.

Motivação

As profundas transformações da habitação de origem sociológica: no núcleo familiar, nos modelos laborais ou na relação do indivíduo com o espaço.

O clima crescente de interdependência da dualidade entre metrópole/habitação para a definição de um lugar de identificação e integração cultural.

A existência de um legado habitacional Moderno, importante, em fase de obsolescência vivencial.

Ideia

Compor uma visão geral da particularidade da Habitação Moderna Portuguesa com o propósito de decifrar padrões ou lógicas aplicáveis e adaptáveis ao habitante de hoje.

Objetivos

- 1. Compreender a realidade vivencial da sociedade Moderna e a sua expressão no âmbito da fenomenologia do espaço de habitação.
- 2. Entender a dinâmica vivencial da sociedade contemporânea e as soluções atuais no campo da adaptabilidade habitacional, com especial enfoque no domínio da relação uso/forma.
- **3.** Formalizar através de um ensaio projetual uma resposta possível de adaptação da Habitação Moderna às necessidades do séc. XXI.

Metodologia

Tomando como ponto de partida, a questão da *Incapacidade de resposta da habitação Moderna ao uso Presente e Futuro*; será realizada uma investigação do ponto de vista evolutivo.

Com base nas perspectivas, relevantes para o desenvolvimento de uma visão individual, de autores como, Iñaki Ábalos na sua obra ímpar La Buena Vida; Maria Távares na tese de doutoramento intitulada de "Habitações Económicas", Federação de Caixas de Previdência, Arquitectura e Modos de Actuação no Exercício de Projecto; Tatjana Schneider e Jeremy Till em Flexible Housing ou de José Mattoso com a compilação da História da vida privada em Portugal. Para além dos referidos salientam-se como obras completivas de suporte teórico: Uma Nova Agenda para a Arquitetura, Antologia Técnica 1965-1995 da autoria de Kate Nesbitt; Teoria e crítica de Arquitetura século XX; Habitação para o maior número, Portugal os anos de 1950 – 1980; Habitação Contemporânea, Formas de Habitar; e Housing: new alternatives, new systems: the private domain.

Outras fontes importantes a referenciar são os documentários e filmes que contribuíram para uma mais consciente compreensão do universo no qual emerge a investigação, bem como a monografia complementar como *Seis propostas para o próximo milénio*, de Ítalo Calvino.

Portanto através da referência a figuras e acontecimentos charneira, aos arquitetos de vanguarda e, nomeadamente, às obras de habitação que marcaram e marcam uma identidade, procura-se compor uma visão geral da particularidade Habitação Moderna em Portugal com o propósito de decifrar padrões ou lógicas aplicáveis e adaptáveis ao

habitante de hoje, usando o ensaio projetual do Complexo das Lameiras em V.N. de Famalição como laboratório experimental.

Estrutura

A estrutura da investigação, de forma ampla, subdivide-se em três etapas cronológicas e que constituem em simultâneo os três capítulos compositivos da dissertação.

Na primeira etapa do (Ontem) será efetuada uma breve contextualização acerca do estado social da época no qual a Arquitetura Moderna foi projetada e construída, seguindo-se a esta uma abordagem de leitura ampla acerca da Habitação Moderna, assente nos critérios chave da "Morfologia Espacial" e da "Apropriação do Espaço".

Numa segunda etapa do (Hoje) será elaborada uma análise similar assente nos critérios do capítulo inicial numa perspectiva crítica através do estudo de habitações com características de adaptabilidade, flexíveis, de utilização atual, ou seja, do séc. XXI, de modo a decifrar as diferenças fulcrais no modo de formulação do espaço de habitação Moderno e do Contemporâneo, com o objetivo de consolidar um balanço sobre, particularmente, os programas, as funções e a fenomenologia que poderão florescer na habitação num futuro próximo.

Na última etapa o (Amanhã) constituirá uma síntese conclusiva dos dois primeiros capítulos, de acordo com os critérios definidos previamente, com uma antevisão probabilística, do que existirá em arquitetura no futuro como resultado da vivência do habitar. A partir de uma abordagem primeiramente urbana e posteriormente do Complexo das Lameiras, o caso prático, exemplificativo das teorias, agora testadas no projeto prático de arquitetura.

CAPÍTULO I

A vivência Moderna e o projeto de Habitação [ONTEM]

1.1. O PARADIGMA SOCIAL MODERNO

O panorama social dos séc. XIX - séc. XX

Movimentos e manifestos modernos

A sociedade refletida na habitação

O PANORAMA SOCIAL DOS SÉC. XIX – SÉC. XX

A sociedade que caracteriza o paradigma do Moderno¹ foi densamente modelada pelo binómio Homem/máquina introduzido pela revolução industrial, que definiu o rumo da sociedade contemporânea, a hierarquia do Homem perante a máquina, foi colocada em questão, sendo estes dois elementos colocados ao mesmo nível, portanto, trata-se agora de uma questão pragmática: homem ou máquina?

Como fruto de uma multiplicidade de ocorrências, desde a ascensão do paradigma Positivista, do rescaldo da Revolução Industrial, da mecanização dos processos tecnológicos, das contra ideologias de esquerda sustentadas no socialismo divulgado por Marx e, assim, de uma preocupação que não é demais ressalvar acerca da questão social particularmente da procura de alojamento como consequência de uma necessidade emergente desde a malha urbana à célula habitacional.

A Revolução Industrial do conjunto mencionado foi o acontecimento de base determinante da realidade vivencial do séc. XX, começando com o êxodo rural numa busca cega por melhores condições de vida e consequentemente pelo aumento populacional nos centros urbanos, em simultâneo surge de uma nova classe social que se desdobrou em classe média e classe operária, o que conduziu a uma escassez de recursos e à existência predominante de más condições de subsistência nos grandes aglomerados urbanos.

É neste contexto que é instituído talvez a mais significativa mudança, a revisão do papel social e doméstico da mulher e o aumento, por consequência, do número de mulheres empregadas como mais um elemento da mão de obra operária, fatores que convergiram numa ruptura da lógica da divisão de géneros consoante o papel profissional e familiar

29

¹ O paradigma Moderno floresce com o pensamento iluminista com a primazia da objetividade de base cientifica e do conhecimento empírico, por uma linguagem universalmente decifrável. Através do intelecto humano exercido num ambiente de liberdade, de autognose, e também de respeito pela natureza.

constituindo uma progressiva democratização já não só de géneros, mas também mais tarde de culturas, etnias e credos.

Na Alemanha o regime ditatorial apropria-se do domicílio para a instauração de uma sociedade normalizada, principalmente no que diz respeito à imagem da mulher, encerrada no ambiente doméstico, a morada, era o escritório hipotético da dona de casa, diferente da ideia da mulher liberal americana retratada no cinema.

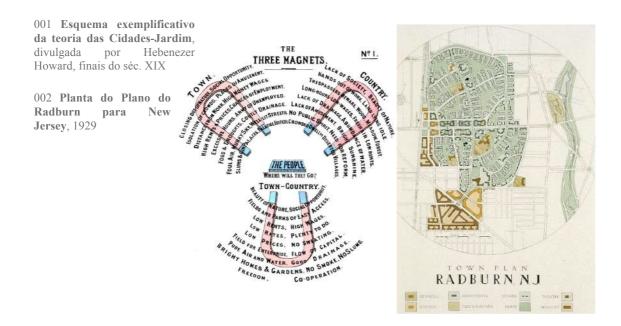
Paralelamente, Portugal caracterizava-se pelo seu vasto território no início do século, devido às colónias, uma grande porção da população recorria à migração, determinando, por consequência, o caráter predominantemente rural do país.

Esta sociedade poderá ser retratada como uma continuidade dos "vícios" antigos registados na sua história, permanecendo praticamente intocável desde finais do séc. XIX até meados do séc. XX, apesar das transformações que foi sofrendo gradualmente pelas alterações no clima político opressivo e em simultâneo por uma vaga tecnológica que viria a apoderar-se dos destinos globais.

Os dois primeiros decénios do séc. XX na arquitetura lusitana são, saturadamente, marcados pelo conceito de Casa Portuguesa, da nostalgia no passado de um Império perdido, da amargura de um presente em declínio e ainda pela inconstância de posições relativamente às novas potencialidades da industrialização, com a crescente disseminação das tendências ocidentais da arquitetura do vidro e do aço, com o destaque da Arte Nova, estes materiais liberaram a evolução dos métodos construtivos e, portanto, das novas possibilidades plásticas de concepção do ponto de vista da função e da linguagem arquitetónica.

O fundo real das razões do "moderno" escapava-nos (a necessidade de estandardização dos materiais para servir a premente reconstrução nas ruínas europeias, ou a afinação); mas algum gosto atávico (e compensador) pela novidade,... FERNANDES (2005: 63)

Todo o discurso arquitetónico no primeiro modernismo estava virado para a plasticidade da fachada sem uma abordagem mais consciente do interior e da relação com a envolvente perpetuando ... a própria estrutura urbana tradicional de fachada-rua e de traseiras-logradouro... (FERNANDES, 2005: 63)



Consequentemente como tentativa de resposta às patologias que se multiplicavam nas cidades, de forma sistemática, em diversas frentes da vivência humana, foram apresentados os primeiros estudos de base social relativos ao Homem urbano.

MOVIMENTOS E MANIFESTOS MODERNOS

Resultado desta preocupação social surgem manifestações de apelo à eliminação da dicotomia cidade/campo preferindo a comunhão das duas realidades, através de diferentes fatores como é exemplo a fusão entre a agricultura e a indústria. Desta ideologia são exemplo propostas como a Cidade-Jardim², da autoria de Hebenezer Howard, de finais do séc. XIX ou a Unidade de Vizinhança³, de Clarence Arthur Perry nos anos 20 do séc. XX.

Preconiza-se, portanto uma visão que procura a supressão do individual e por oposição a ascensão do coletivo fora do âmbito estritamente positivista e bebendo da história como um exemplo para a construção de uma realidade mais previsível e segura.

_

² O modelo de cidade jardim surgiu como um manifesto de desagrado relativamente às precárias condições de vida na cidade, a falta de salubridade e a concentração demográfica intensa nos centros das cidades industriais, a vida no campo, mais pura, seria a combinação ideal para o apaziguar das enfermidades no meio urbano. Através da implementação de bairros de baixa densidade como os criados em Letchworth, Hampstead ou em Welwyn.

³ A teoria da Unidade de Vizinhança, pode ser entendida como uma área na qual os residentes se conhecem pessoalmente e têm o hábito de se visitar, trocar objetos ou serviços e realizar coisas em conjunto. É um grupo territorial no qual os membros se encontram em terreno conhecido, no seio da sua área própria, para desenvolver actividades sociais primárias e contatos sociais espontâneos ou organizados. (LAMAS, 2014: 318)

Como Mattoso descreve de forma nítida foi uma época de valorização da *ciência como* sinal de progresso, fazendo face ao conhecimento científico, representando modernizadores e, portanto, de progresso. (MATTOSO, 2010: 21)

O Movimento de tendência modernista ⁴ compreende grande parte da sua atuação durante a primeira metade do séc. XX, em pleno período das duas grandes guerras mundiais, como um manifesto gritante da expressão de um sentimento de mal-estar perante a falência dos estados e a insegurança dos indivíduos.

As vanguardas artísticas foram um mote para a construção de uma nova gramática arquitetónica de cariz funcional, dentro destas as que mais se destacaram e diretamente influenciaram a arquitetura são: o Cubismo, o Abstracionismo, o Neoplasticismo, o de *De Stijl*, o Construtivismo Russo e a incontornável Escola da Bauhaus (como laboratório primitivo para a organização de uma teoria de aliança entre a prática projetual do design e os ofícios).

A influência das vanguardas foi apreendida sob a forma de duas correntes europeias de ordem racional/funcionalista com as figuras de Le Corbusier, Viollet-le-duc e Ledoux em destaque como os principais teóricos, subdividindo-se por um lado no racionalismo francês e por outro na objetividade alemã.

A primeira baseia-se numa formulação de cariz funcional com o objetivo de resolver questões de índole político/social que emergiram posteriormente à Revolução Industrial.

A segunda via alemã, relaciona-se com o "problema" do crescimento exponencial da industrialização e consequentemente a necessidade de afirmação de uma identidade nacional através da aplicação do desenvolvimento tecnológico à vida civil.

003 Composição II Vermelho,Azul e Amarelo, de Piet Mondrin,1930

004 Cartaz de difusão da escola da Bauhaus, da autoria de Joost Schmidt, 19





⁴ Cubismo, dadaísmo, expressionismo, futurismo ou surrealismo são algumas das principais correntes que se inserem no movimento modernista que influenciou a literatura, a arquitetura ou a pintura mundial nos finais do século XIX e princípios do século XX.

Durante aquele período histórico as mudanças tecnológicas criaram uma nova realidade social, a primeira Guerra Mundial colocou o homem perante a possibilidade da sua destruição e na Rússia surgiu o comunismo. Tudo isto é tema de reflexão para os artistas que procuram novas formas de se expressar. (ensina. RTP: 2008)

A SOCIEDADE REFLETIDA NA HABITAÇÃO

Este enquadramento fomentou uma nova teoria da arquitetura, esta, consiste numa sistematização da organização da vida e influencia sem distinção o campo físico, psíquico, material e económico (NESBITT, 2006: 175), o que corresponde à indigência por uma organização planimétrica e funcional do espaço doméstico eficaz em metrópoles que se tornavam progressivamente mais complexas.

A transformação do modelo de "família troncal" para a "família nuclear", foi um dos critérios para a fragmentação do conceito e o aparecimento de inúmeros significados para o mesmo.

O findar da 2ª Guerra anuncia novos e reforçados imperativos e problemas que existiam após a 1ª Guerra, ganhando uma ênfase acrescida com uma crise geral, na qual a habitação, ou mais objetivamente, o alojamento, foi uma das principais vítimas. *As cidades tornaram-se monstros, as crises de alojamento desorganizaram frequentemente toda a vida social.* (NESBITT, 2006: 436)

A sociologia da habitação, tal como defende Paul Chombart de Lawe, é a chave para a resolução desta crise, sendo os principais critérios de estudo os seguintes: a análise das funções, das necessidades e aspirações, o estudo do grupo familiar ou dos grupos vizinhos, das relações estabelecidas, das estruturas que as regem, da relação com as transformações económicas e a evolução demográfica e com as concepções da existência e os modos de vida de diversas camadas da população, estas determinaram objetivamente, tendo em conta a margem de erro subjacente à complexidade de fatores externos de um dado contexto, as necessidades qualitativas e quantitativas, as previsões e programas e as normas de superfície. (Paul Chombart de Lawe in NESBITT, 2006: 436-448)

O ambiente rural português, pobre em recursos originários da indústria e com as atividades primárias como única fonte de sustento familiar, proporcionou uma vivência extremadamente lusitana, fruto do improviso, cumprindo de modo medíocre as necessidades básicas e deixando as de "segunda ordem" no esquecimento, seguindo a seguinte divisa: a subsistência para a sobrevivência: o lema do bom português.

Deus, Pátria, Família: A trilogia da educação nacional pode ser entendida como o conceito geral para a atuação a todos os níveis de influência, evidentemente a arquitetura foi utilizada como um instrumento educativo e regulador de uma sociedade pautada pelo medo e pelo misticismo. Ela era impregnada, desde a ideia do arquétipo de família e da sua articulação, da

presença quotidiana e punitiva da religião e da nação como bem principal a preservar e única forma de garantir o bom estado do regime. FERNANDES & ALMEIDA (1986: 105–108)

A sociedade e a habitação evoluíam de forma desigual e as carências do alojamento não refletiam de forma clara a evolução tecnológica em constante progresso, é por este e outros motivos que a arquitetura em Portugal ganha um importante pendor de consciência social e funcionalista, obras como "O Problema da habitação", de Keil do Amaral e "O Problema da casa portuguesa" de Fernando Távora são prova desta mesma inquietação. Em concordância com Ana Tostões, mais do que as ... questões do "estilo" ou da "moda", estava em causa o saber específico do arquiteto e o reconhecimento público da sua missão. Reivindicaram o desejo e a capacidade de mudar o mundo, muitas vezes em termos de uma surpreendente candura, traduzindo a crença, que logo de início acompanhou os CIAM, de que a arquitetura era um condensador social... (TOSTÕES, 1997: 38)





005 **Fotograma do filme "Os Verdes Anos"**(1963), realizado por Paulo Rocha

006 A obra "O Problema da Casa Portuguesa", da autoria de Fernando Távora,

⁵ O arquiteto Fernando Távora apresenta uma perspetiva de rejeição da tão afamada e vulgarmente divulgada Casa Portuguesa, esta, segundo Távora, relacionava-se muito mais com meras questões decorativas, do que com o verdadeiro cerne da arquitetura doméstica, ou seja, a interpretação do passado, traduzindo-se numa continuidade da história da arquitetura e permanecendo atento às necessidades do Homem na sua época.

Esta obra "charneira" deu origem pouco mais tarde ao visionário Inquérito à Arquitetura Portuguesa, no qual arquitetos de norte a sul do país inventariaram a arquitetura popular existente e as suas características identitárias.

Após a realização do Congresso de 48 a mais recente geração de arquitetos será influenciada por obras de um Moderno tardio, redefinido e mais próximo da pósmodernidade, como a *Unidade de Habitação de Marselha*, *onde Le Corbusier ensaiou finalmente os seus princípios da cidade radiosa*, (...), e cujas obras, que terão decorrido entre 1947 e 52, constituirão lugar obrigatório de peregrinação e estudo para a maioria dos jovens arquitectos nacionais, ... (TOSTÕES, 1997: 43)

A pertinência do individuo como sujeito alvo de conhecimento insurge tornando-se fundamental ter em consideração que antes *de os alojar, é preciso conhecê-los*. (NESBITT, 2006: 436)

A generalização dos tempos livres — depois da importante etapa da Frente Popular, das quarenta horas e das férias pagas — proporciona o tempo de viver nesse espaço apropriado. A vida propriamente familiar concentra-se em momentos precisos — as refeições, o domingo — e em lugares precisos — a cozinha ou o que os arquitetos, depois da guerra, chamam o "living-room". A existência divide-se em três partes desiguais: a vida pública, essencialmente de trabalho, a vida familiar e a vida pessoal, ainda mais privada.

ARIÉS & DUBY (1991: 76)

A habitação redefine-se torna-se múltipla e não é um mero conceito tipificável, é um arquétipo que engloba não simplesmente um programa mais ou menos pré-concebido é a necessidade e a expectativa de cada morador em forma física. As casas de hoje terão de nascer de nós, isto é, terão de representar as nossas necessidades, resultar das nossas condições e de toda a série de circunstâncias dentro das quais vivemos, no espaço e no tempo. (NESBITT, 2006: 327)

Apesar do recurso à normalização manifestar-se como um método viável para de alguma forma subdividir a sociedade em grupos alvo é prioritário personalizar este tratamento. Hoje, a adaptabilidade deve ser tida em linha de conta como a atitude mais contemporânea na arquitetura e em muitas outras vertentes, como é possível afirmar desde a introdução Moderna da ruptura, da incongruência e da variabilidade. Precisa-se prever e antecipar o movimento humano, projetar o futuro na morada, mas deixando sempre a salvaguarda que esse mesmo futuro é incerto e a única certeza é o conhecimento do passado e, portanto, a capacidade de mutação de forma conveniente é a premissa imutável para a definição individual da habitação para o séc. XXI.

... a ideia duma libertação progressiva dos homens, das pressões que sobre eles pesam adentro da vida social, pode ser um guia muito seguro para os urbanistas que querem participar na construção duma Humanidade mais feliz. NESBITT (2006: 447)

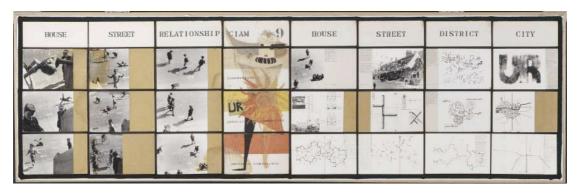


Diagrama concebido por Alison & Peter Smithson, no CIAM de Aix-en-Provence, em 1953

1.2. MORFOLOGIA DO ESPAÇO MODERNO O ESPAÇO MÍNIMO

Tipologias [relação cidade - casa]

Programa e Articulação espacial [relação casa - função]

Fenomenologia do lugar de habitar [relação casa - elementos]

TIPOLOGIAS

Com o instalar da 1ª Grande Guerra Mundial (1914-18) no mundo prolifera uma severa carência habitacional resultante do rasto de destruição, que impediu a continuidade da atividade construtiva e aumentou o custo de vida, dos materiais de construção, da mão-de-obra e o valor dos terrenos.

Com efeito era fundamental a criação de habitação para o maior número possível, em grande escala, W. Gropius foi um dos percursores de iniciativas de divulgação da habitação em massa com o "Programa para o estabelecimento de uma sociedade de construções gerais numa unidade artística unificada", que representou uma iniciativa pública para o controlo demográfico.

Apesar da habitação individual unifamiliar predominar, como afirmação do legado familiar, é a partir da nova casa promovida pelo Movimento Moderno que as tipologias de grande dimensão desde o prédio de rendimento e o bloco até ao aglomerado em bairro são introduzidas, constituindo uma antevisão do panorama atual. A modalidade de associativismo é a que melhor caracteriza a vaga contemporânea, na qual o espaço da cidade é o centro do acontecimento, paralelamente a quantidade de espaço privado escasseia, resultado do facto de a dado momento ser incomportável a continuação da corrente individualista que persistiu até e ainda durante a revolução da "casa Moderna", que por regra, revelou-se puramente especializada na função de alojar.

Gropius foi visionário na sua visão de habitação mínima defendendo que esta deveria basear-se nas mutações do social, na redução do agregado, no aumento do número de mulheres empregadas refletindo-se, portanto numa simplificação e racionalização dos equipamentos e das tarefas domésticas que em última estância espoletou a redução e revisão da compartimentação.

Numa perspectiva consonante com a anteriormente referida, Karl Teige afirma que a formulação física do espaço de habitar deveria ser concretizada em sintonia com as

mudanças no estilo de vida, nos horários de trabalho e no agregado familiar, logo tudo isto requer um novo postulado: para cada homem ou mulher adultos, um quarto mínimo, mas habitável e adequadamente independente. Tal como certos tipos de apartamentos de pequenas dimensões, (...) — cada um corresponde a um estilo de vida diferente e a um contexto social diferente, e cada um representa uma manifestação de diferentes níveis culturais e um determinado mundo socialmente diferente... (Karl Teige in NESBITT, 2006: 216)

Estas novas ideologias são validadas através das operações antecedentes de criação de bairros operários, maioritariamente de iniciativa privada, as chamadas "*cités* operárias" parisienses concretizadas na segunda metade do séc. XIX, foram realizadas, à semelhança dos falanstérios de Fourier e serviram de referencial para a definição do conceito de *Existenzminimum*.⁶

Em Portugal este sistema de ideias refletiu-se nos populares Bairros do Estado Novo, uma reminiscência representativa do ideário "Estadonovista" e do seu modelo social, sendo a família a base essencial da nação. Na arquitetura a moradia unifamiliar ou as apelidadas casas económicas foram o objeto de culto e de certezas com uma tipologia mínima, como uma unidade individual de gosto rural num contexto claramente urbano.

..., a habitação permitia, em simultâneo, a ilustração do modelo social e do modelo arquitetónico e urbano: a família modesta e digna, plena proprietária de casa xxs própria, dotada de jardim e quinta (...) com o recurso aos elementos típicos caracterizadores da "nossa casa" (...) até alcançar dimensão de tecido urbano que lhe permitisse almejar o estatuto de arrumada "aldeia na cidade". COSTA (2001: 1)

A partir de 1933 a construção dos bairros operários cresceu de forma galopante, de forma análoga era implementada uma solução higienista de ordenamento do edificado, das infraestruturas e dos espaços que constituem a malha urbana como os jardins, sendo restringidas a maioria das iniciativas de foro privado.

Como referido anteriormente, contemporâneos aos Bairros do Estado Novo são os planos de expansão da cidade de Lisboa, realizados por Frederico Ressano Garcia, que permitiram a construção de novas áreas para a habitação, com especial atenção às

nível de subsistência física.

⁶ O termo alemão *Existenzminimum* refere-se ao mínimo de subsistência ao essencial para satisfazer as necessidades materiais para sobreviver fisicamente, salientando-se a alimentação, o vestuário, o alojamento e a salubridade. É de salvaguardar que a definição de mínimo é sempre culturalmente específica e relativa, este, garante um direito à participação na vida social, cultural e política além do

classes altas, que residiam em tipologias que variavam entre a moradia unifamiliar e o prédio de rendimento. Por contraste as classes desfavorecidas, o operariado, abrigavamse em bairros antigos e as novas urbanizações periféricas sem ordenamento e de construção precária, denominando-se por *villas* em Lisboa originárias dos pátios, e por *ilhas* no Porto.

Até meados do séc. XX a habitação podia ser dividida, genericamente, em quatro categorias em Portugal: a habitação das elites, a das classes médias, a popular urbana e a rural.

Em meio urbano os edifícios eram diferenciados por pisos, cada apartamento correspondia a um estrato social, nos pisos de rés-do-chão e no último situavam-se as classes mais vulneráveis em espaços sobrelotados, a partir do piso 1 quanto mais se ascendia mais prestigio detinham os seus moradores.

Após anos consecutivos de um cenário de desigualdade surge o socorro social como iniciativa governamental resultante do pós-guerra Mundial, exaltando a atenção, portanto, dos valores higienistas, do paternalismo patronal e do problema das deficientes habitações em contexto urbano e rural.

Devido a uma multiplicidade de fatores foram construídos aglomerados e bairros na periferia dos núcleos urbanos, formalmente isolados e ausentes da consciência de vida comunitária, surgem como a resposta imediata para o acréscimo urbano da população. Erigidos segundo os critérios de baixo valor dos terrenos, da desconexão ou separação do tecido urbano e segundo a lógica do zoneamento e padronização de projetos-tipo.

A precariedade da habitação enquanto imóvel, a passagem de habitação como um alojamento temporário e de outrem para um bem individual pertencente à família conduziu à adopção de duas ideologias distintas em Portugal: a "ajuda à pedra", que consistia no Estado funcionar como um construtor e regulador da sua atribuição, a outra vertente da "ajuda à pessoa" incidia na facilitação por parte do Estado da procura de construção imobiliária privada.

No processo de crescimento das cidades modernas, a habitação tende a desequilibrar a estrutura urbana tradicional (...), logo a função habitacional em sentido restrito, isto é, reduzida ao âmbito exclusivo do alojamento familiar e ignorando os equipamentos complementares exigidos pela vida actual, toma uma preponderância patológica, que tanto deforma a estrutura urbana, como

impossibilita a criação de um ambiente verdadeiramente citadino. NESBITT (2006: 610)

O problema da casa e da sua fixação na cidade é abordado e testado através da comparticipação da população no processo e na adequação aos seus recursos e necessidades específicos, como grupo social, prestando especial atenção à classe proletária e à classe média.

Por toda a parte se constatou que a vida social nos novos bairros é impossível se os "equipamentos" colectivos não forem largamente desenvolvidos. (NESBITT, 2006: 440)

A importância da história do bairro e o espaço público como albergue de dinâmicas positivas que se prolongam até ao âmbito da escala do doméstico é relevada. O mundo do trabalho passa a ser considerado como um domínio fulcral para a interação social e para lançar interrogações sobre o futuro do bairro e dos seus habitantes à medida que este trabalho escasseia e se torna mais volátil e precário.

Renovam-se os processos, os programas e os modelos, no sentido de um realismo puro, através da leitura do contexto, não só geográfico, mas igualmente antropológico e sociológico, e do conhecimento dos futuros utentes e das suas necessidades/ambições.

Como última iniciativa relevante regida pelos princípios nucleares da habitação Moderna em Portugal a larga escala, salienta-se o projeto S.A.A.L.:

... proporcionou alojamento às camadas mais carenciadas -, pelas situações urbanas que contemplava – terrenos muito valorizados, - o SAAL não tinha lugar nas orientações adotadas para a politica habitacional a partir da primavera de 1976 (...)
(NESBITT, 2013: 123)

Nesta linha de pensamento a participação implica a presença dos utilizadores durante todo o decorrer da operação. Este facto dá lugar a pelo menos três consequências: cada fase da operação torna-se uma fase do projeto; o "uso" torna-se uma fase da operação e, logo, do projecto; as diferentes fases fundem-se e a operação deixa de ser linear, unidirecional e auto-suficiente. (NESBITT, 2006: 756)

Os objetivos primários do ponto de vista sociológico do cooperativismo da residência na cidade foram: proporcionar menos violência e vandalismo, a boa vizinhança, a equidade entre cidadãos e uma eficaz gestão de meios.

A urbe é um elemento do qual a habitação Moderna é dependente para gerar dinâmicas, gerar formas, condiciona e possibilita abordagens segundo o seu enquadramento cultural *a habitação e a cidade como a soma total da relação entre as pessoas e as*

classes sociais, e como um processo que reflecte o contraponto das forças sociais actuando, de forma dinâmica, na transformação de um conjunto de formas em elementos e estruturas de uma ordem superior. (NESBITT, 2006: 217)

Apesar da atenção à relação que o habitar pode estabelecer com a cidade, a regra do zoneamento foi utilizada indiscriminadamente na maioria das situações. O bloco habitacional como o Bloco das Águas Livres é uma exceção em Portugal e poderá ser considerado uma solução de tentativa de supressão das debilidades que existiam relativamente à oferta de serviços de proximidade, apesar de assumir claramente a autonomia da unidade em relação ao todo.

O Bloco localiza-se num ponto alto, voltado para a cidade e no limite de um promontório sob a cidade, trata-se da habitação como função autónoma, com lojas de bens imediatos, creche para recém-nascidos, ginásio, solário e com as necessárias infraestruturas comuns como: coletores de drenagens, redes de abastecimento e elevadores, o *mix* funcional gera um edificio comunitário com serviços e espaços comuns, que respondem adequadamente à nova função de habitar. No piso de rés-do-chão abre-se uma frente para uma praça uma frente de lojas e um extenso terraço frontal para a recepção das pessoas, este espaço é o elemento chave na relação do edifício com o exterior, ao quebrar a afinidade arruamento/praça, criando um momento de transição e condução para a entrada principal no edifício.

Numa vertente avessa a habitação organizada em bairro permitiu, em alguns casos exemplares, que a cidade rompesse com as diretrizes medievais e respirar, criando novos ambientes entre o construído, o apelidado, espaço entre edifícios, com o objetivo de estes serem propriedade neutra para a incorporação de serviços e equipamentos complementares à morada individual.

Os *immeubles-villas* criados em 1922, por Le Corbusier são essencialmente exemplares com o conceito de cooperativismo como motor para o desenvolvimento de políticas municipais de habitação e para a criação de juntas estatais.

La crise de la domesticité est un événement social inévitable qui réclame l'organisation des services communs. Les "Immeubles-Villas", par les moyens coopératifs de ravitaillement, proposent la solution même des Halles Centrales de grande ville. Cette solution, c'est tout simplement la suppression des Halles, l'instauration d'une bourse de l'alimentation; (fondationlecorbusier: 2018)

No Reino Unido as *new Towns* apresentaram-se como laboratórios de urbanismo onde foram elaboradas as ideias para a reestruturação a grande escala das cidades existentes, as antigas e as novas, como a de Hook Town, 1960. Em Portugal o bairro social é a correspondência direta em destas experiências servindo-se da mesma base tipomorfológica.

A casa moderna encurta distâncias. Distâncias na família burguesa, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre quem serve e quem é servido, entre residentes e visitantes. Distâncias na sociedade, entre ricos e pobres. MATTOSO (2010: 27)

A questão do Bairro e da resposta a situações emergentes de domínio social surge verdadeiramente com o Bairro de Alvalade em 1949-58, com o primeiro projeto financiado para as Habitações Económicas, com o objetivo de higienizar, alojar e fazer cidade. Num período em que o paradigma do êxodo se impunha, conduzindo, consequentemente, nos anos 60 a uma epidemia social com os "célebres" bairros de Lata e nas zonas periféricas dos bairros clandestinos.

Apostou-se num "mix social e de actividades", com uma população de 5000 a 6000 habitantes por unidade de vizinhança. Conceito este já estudado por Clarence Perry ao longo dos anos 20, embora tanto para um numero superior de habitantes, como de funções complementares à habitação. TAVARES (2015: 131)

008 Plano de Urbanização de Alvalade, 1950

009 **Blocos habitacionais de Alvalade**, da autoria de Ruy Athouguia e Formosinho Sanchez





PROGRAMA E ARTICULAÇÃO ESPACIAL

Fruto da ascensão da produção em série desponta uma nova organização espacial interior e exterior promotora de novas perspectivas popularizadas pela Arquitetura do Movimento Moderno, que assentam na abolição da monotonia estática da casa burguesa "fechada sobre si mesma", para a transferência de uma relação mais consciente com a envolvente, maioritariamente de cariz urbana e com o individuo que nela vive, portanto para uma reorganização do espaço de acordo com os pressupostos espaciais para a qual esta especificamente se designa.

O sentido fundacional do lugar foi substituído pela emergência do conceito de "espaço". A casa, individual ou colectiva e a rua, o exterior, são delineadas como um objeto "in vitro", abstracto, como abstracto era o seu destinatário. Cada elemento podia ser utilizado como tema de projecto. Paralelamente (...), a arquitetura moderna não procurava estabelecer uma relação directa entre a casa e a rua — esta última foi transformada em exterior, um plano cartesiano que incorpora as manchas arbóreas e a circulação. CARVALHO (2006: 40)

A habitação burguesa é no ocidente a base de desenvolvimento de uma lógica pautada pela estandardização, a sistematização e a racionalização das funções domésticas regida pela divisão espacial em três sectores fundamentais: o social, o íntimo e os serviços, o que o Movimento Moderno questionou como verdade genérica de aplicação, independentemente da conjunção. Apesar deste reposicionamento o Movimento Moderno falhou ao supor que o Homem Moderno possuiria os atributos idealizados pelo Futurismo equiparando-o a uma unidade eficiente no ecossistema urbano, esquecendo todas as diferenças e deficiências próprias do sujeito e a complexidade que o ecossistema global constitui que não é só cidade é essencialmente um equilíbrio entre o natural e o "artificial".

Tal como Giancarlo de Carlo defende ao levantar determinadas questões como:

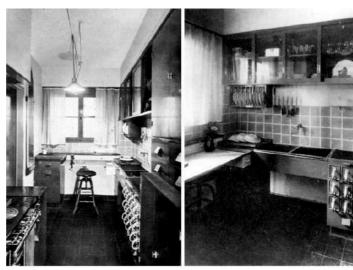
Porque é que as contribuições do Movimento Moderno dão com tanta frequência resultados muito diferentes daqueles que se esperava? Porque o problema de organizar o espaço físico foi abordado segundo os mesmos critérios dos utilizados na organização da produção de mercadorias(...) A equação forma-função (...) poderia ter sido muito mais produtiva se o segundo factor não tivesse sido limitado a uma mera representação de comportamentos e

conflitos. (...) este tipo de compreensão teria requerido a participação directa dos protagonistas (...) a única alternativa que restava era refugiar-se sob a arrogância intensa da arte ou a neutralidade despreocupada das técnicas... NESBITT (2006: 754)

Apesar de uma atitude pragmática, influenciada em muito pela emancipação da mulher que não mais pertence somente à esfera doméstica, ela desdobra-se entre o encargo da casa e o trabalho laboral, o lugar que antes era o seu "escritório", a cozinha, foi reconvertido numa organização mais eficiente. No entanto os conceitos de Casa e Família tradicional persistem na sua essência, causando a inviabilidade conceptual das primeiras propostas programáticas e causando entropia em relação a todo o mundo que persistia enraizado numa visão de relacionamentos estáveis e de verdades universais na qual uma atitude singular seria percepcionada como um erro, ou seja, um incumprimento dos códigos socialmente aceitáveis.

As soluções espaciais promovidas para os compartimentos são maioritariamente compactas, equivalentes ao funcionamento maquinista, como resultado da inclusão de inovações como os *built-in closets* utilizados na "Cozinha de *Frankfurt*", apresentada por Eugene Garden, em 1882 ou a instalação sanitária, inspirada na produção de *galleys* de navios e cozinhas de comboios.

The analogy between ship and Unité is of course an abstract one, but the image of a collection city "floating" above the sea of verdure is one the less strongly felt at Marseilles. CURTIS (1991: 442)



010 **Cozinha de Frankfurt**, da autoria de Margarete Shütte Lihotzky,

Nas primeiras concepções de habitação de dimensão mínima, com pés-direitos reduzidos, formalizou-se uma solução na qual a organização dos espaços se desenvolvia ao longo de um corredor compartimentando o menos possível, o espaço interior caracterizava-se por uma síntese levada ao essencial em termos de decoração e mobiliário.

O espaço habitacional é caracterizado pela racionalização ⁷, ou seja, pelo *Existenzminimum*, o espaço mínimo que não significa literalmente espaço pequeno, mas sim, racionamento para uma execução de forma mais eficaz, isto, pressupõe no âmbito da casa a reforma do espaço com recurso a métodos racionais, que necessariamente resultará numa peça formalmente distinta de outra que não se norteie por estes princípios.

É possível concluir que o cânone do espaço mínimo é particularmente relevante para a contemporaneidade, porque a partir deste o espaço de habitar tornou-se passível à rearticulação espacial conforme os contextos específicos da habitação. Inicialmente revelou-se como resultado da privação de alojamento para o maior número, sendo o espaço racionalizado à função, mais tarde a utilidade é pensada como mais um fator e não como um fim, passamos da casa que funciona para uma procura progressiva da casa para ser feliz. A garantia das necessidades básicas para a prosperidade, passou a ser um dos fatores estruturantes para o arranjo do espaço de habitar e temas como a luz, o espaço como ambiente indutor de vivências salutares e a interação com o meio exterior ganham relevo na definição do novo habitar e das mecânicas progressivamente aceleradas da sociedade.

A viragem do ponto de vista da arquitetura serviu como resposta imediata para a resolução do alojamento nos grandes núcleos urbanos em crescente aumento e das patologias que poderão derivar da inadequação dos espaços ao modo de viver das especificidades do lugar, do individuo, da época e da variável constante e adicional, que é a adaptação ao viver futuro.

A importância da relação entre o novo e o velho tornou-se mais complexa e simbólica.

Ya a lo largo de los años cincuenta se ponen de manifesto toda una serie de cambios radicales. (...) Cultura material, diversidad cultural, contextualismo,

⁷ O resultado da equação: racional + ação, usar da sua inteligência para execução de tarefas onde o efeito deverá ser integrado a menos desperdício, menos esforço, menos custo, menos retrabalho, menos reposição, com o objetivo de obter no final de determinada tarefa um custo benefício de excelência.

preexistencias ambientales, tradición, lenguage comunicativo, arquitectura anónima, etc., (...) En fondo se trata de una defensa del "hombre común", concreto, auténtico, real e individual frente al hombre universal y abstracto, sin atributos, sin necessidades psicológicas, que la sociedade produtiva de Frederich W. Taylor y Henry Ford había intentado generar...

MONTANER (1994: 18)

Relativamente ao espaço em concreto a nível planimétrico o programa Moderno inovou ao sintetizar ao essencial a necessidade segmentando o habitar com um programa que persiste ainda hoje genericamente intacto, com: os quartos como a zona do íntimo por excelência, a cozinha, o quarto de banho e a lavandaria na zona dos serviços e a zona social constituída pela sala de estar e jantar, esta é a base que eventualmente poderá sofrer alterações, mas que é tida como verdade universal, outros critérios depreendemse com os conceitos de exterior e interior, público e privado e ainda dia e noite.

É possível hoje afirmar que as práticas quotidianas desenvolvidas em habitações com programa mínimo são principalmente determinadas pela organização que o habitante de define de forma independente pelas suas prioridades, sejam elas relativas à execução das tarefas ou ao mobiliário e utensílios presentes em casa.

O espaço é racionado conforme a sua função para a minimização das áreas acessórias, bem como na colocação dos equipamentos em divisões de entrada, cozinha e casa de banho.

O Bairro Habitacional de Weissenhof é um exemplar inicial agregador de um conjunto de princípios, ainda que, pouco amadurecidos daquilo que regeria, mais tarde, a programática da casa Moderna. O Bairro de Weissenhof é constituído por três tipologias: a habitação unifamiliar, os apartamentos e as habitações geminadas, apesar do cariz experimental do bairro era mandatória a venda dos imóveis posteriormente à sua construção, logo a habitação unifamiliar foi a mais utilizada sendo mais viável a sua venda devido à maior proximidade dos padrões de família tradicional, apesar da mudança do conceito, ainda em pleno funcionamento.

- 011 Cartaz ilustrativo da maquete do Bairro de Weissenhof, 1927
- 012 **Fotografia do quarto da habitação "9"**, projetada por Mies van der Rohe
- 013 **Fotografia da sala da habitação "9"**, projetada por Mies van der Rohe







"Os conceitos de ordem" do Moderno foram aqui expressos numa visão de casa integrada na cidade que não é limitada pela sua estrutura física, ela, compartilha dos serviços, dos equipamentos e das infraestruturas que a cidade industrial, à época, tem para oferecer aos seus moradores.

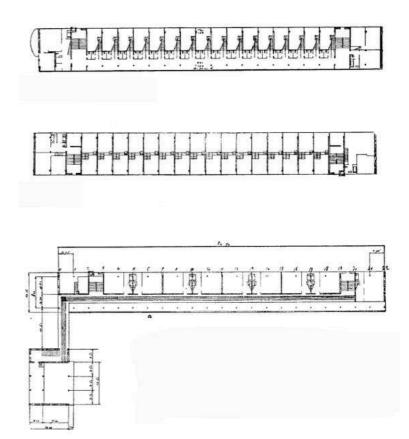
O carácter formal está intrinsecamente ligado ao modo como o ambiente é vivido, na questão da sensibilidade acerca da área mínima das "divisões", ou seja, não era suficiente diminuir as áreas dos compartimentos tradicionais era necessário repensar o programa e definir os espaços em aquiescência com as funções necessárias à utilização por parte dos seus moradoras. Esta inquietação é expressa em espaços únicos, divididos segundo uma lógica de dia/noite, com a versatilidade de cumprir um número de funções distintas, através do desenho do mobiliário, ou da composição formal dos interiores, numa lógica prematura de adaptação funcional ao estilo de vida particular (um personalismo que é regido por um modelo espectável).

No exercício da habitação plurifamiliar uma das principais preocupações está associada com a salubridade dos compartimentos e a precisão de "fuga" do ambiente saturado da cidade, onde é possível exercer a sua individualidade, o recurso à luz natural e a liberdade espacial da planta possibilitaram tal concretização, salienta-se a estranheza, à

época, da sobreposição de casas na vertical como um dilema solucionado através da complementaridade de terraço em cada um dos pisos de apartamentos.⁸

A organização do espaço social e de serviços é reavaliada, com a primazia consensual da conexão destas funções com o desígnio de criar um uso mais competente e em simultâneo preservar a convivência com uma zona social central.

A questão da divisão do lote neste bairro é diluída através de um arranjo exterior fluído entre cada edifício numa perspectiva de Unidade de vizinhança em detrimento da racionalização funcionalista do conceito de Zonamento, ⁹ uma abordagem que tenta abolir a ideia de lote particular e instaurar a noção de solo público de gestão estatal.



014 **Plantas dos pisos-tipo do Bloco Narkonfim**, de Moisei
Ginzburg e Ignaty Milinis, em
1928

_

⁸ Como modelo expressando tal possibilidade tipológica; as casas Pátio de Mies van der Rohe (...) ÁBALOS (2005: 22-27)

⁹O conceito de Zoneamento consiste na fragmentação da cidade por funções e determina a concepção urbana por sistemas independentes (...). Deste modo, a concepção da forma urbana atingiu por vezes autêntica paranoia, como no caso da construção pré-fabricada, em que as implantações dos edificios eram determinadas por razões de economia e rapidez, através do percurso da grua e sua área de ação. LAMAS (2014: 303)

No ano consequente a este projeto é realizado oficialmente o primeiro CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) com dois objetivos primordiais: por um lado confrontar e debater obras internacionais e as influências de cada uma delas dentro da mesma ideologia e por outro elaborar uma estratégia de comunicação com o público leigo.

O Bloco Norkomfin é percursor destas dialéticas através do emprego da tipificação em células com variações no programa e na disposição interior das funções de modo a que o uso do standard não se reflita como uma restrição, mas sim, como um recurso que possibilite uma gama de variações passível de adaptação a diferentes moradores dentro, é claro, do pressuposto deste tipo de domicílio à época, tratar-se de habitação operária de emergência para um grande número de moradores.

Numa outra vertente situam-se obras como a Unidade Residencial e Ramalde, Porto da autoria de Fernando Távora na qual a influência dos princípios Modernos e da arquitetura de Le Corbusier ou Walter Gropius denota-se de forma mais subtil, presente na geometria planimétrica para a resolução de um espaço mínimo conforme critérios economicistas ou na preocupação com questões relacionadas com o meio evolvente desde a disposição do bloco segundo o eixo heliotérmico, portanto a orientação nascente-poente de modo a obter uma constante iluminação do espaço interior:

Além dos quartos em número variável, cada fogo conta ainda com uma sala comum, uma cozinha e um quarto de banho, peças que se prolongam para o exterior por meio de duas varandas, uma em cada frente. A distribuição das várias peças, o seu dimensionamento e a sua iluminação e ventilação naturais, são, dum modo geral, correctos, dado o carácter económico das construções, que implica soluções sábias, simples e multiplicáveis. ISCTE (2009: 30)

As casas do tipo A serão mobiladas com armários previstos tanto nos quartos como nas cozinhas e cada um terá o seu fogão de sala colocado de forma tal que permita um bom aquecimento de toda a moradia. ISCTE (2009: 31)

A problemática do habitar mínimo está diretamente relacionada com a versatilidade, um dado espaço delimitado comporta uma variedade de "espaços" que inicialmente estariam divididos conforme a sua função primária, agora a habitação Moderna proporciona a possiblidade de integração.

A sala que antes estava preparada somente para servir como espaço de descanso e de refeições, agora, serve para descansar, comer, trabalhar, tratar da roupa ou estudar. A cozinha que antes estava compartimentada e designada como espaço de confecção de refeições, agora, serve também para comer, descansar ou tratar da roupa.

Por consecutiva, somente, a sala e a cozinha, mudaram completamente a nomenclatura do interior da casa, na qual a sala e cozinha são questionadas, sendo propostas outras designações mais relacionadas com a função, do que com o espaço físico.

Deste modo o espaço mínimo introduz conceitos como a ambiguidade e a abertura que conduziram por consequência à existência de concretizações no âmbito de uma habitação flexível e mutável que evolui conforme a necessidade do quotidiano e do longo prazo.

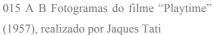
...a "obra aberta" (...), quanto ao próprio processo da formação e transformação no tempo, que potencialmente se lhe imprime. (...) uma sobrevivência funcional relacionada com a passagem das estritas necessidades que inicialmente a informaram. (...) " a sua abertura e dinamismo constituem um tornar-se disponível para várias integrações, para complementos funcionais concretos, canalizando-os de inicio no jogo de uma vitalidade orgânica que a obra possui, mesmo não sendo acabada, e que permanece válida até em face de diversas e múltiplas utilizações (esiti)" PORTAS (2008: 80-81)

FENOMENOLOGIA DO LUGAR DE HABITAR

O espaço Moderno enquanto objeto físico é conscientemente determinado por elementos, por vezes abstratos, que compõem aquilo a que se designa por ambiente habitável, estes podem ser a materialidade, a luz, o mobiliário ou o cromatismo, que no seu conjunto definem numa fase póstuma a apropriação do habitar por parte dos seus moradores induzida pelos hábitos, rotinas e relações interpessoais.

A Casa com Três pátios da autoria de Mies van der Rohe é o reflexo da importância dada a estes elementos, não como um acessório decorativo de finalização, por vezes utilizados como mera camuflagem de uma estrutura com pouco virtuosidade, mas sim como mais uma peça estrutural que une toda da composição espacial, justificando a sua







forma e fundamentalmente aproximando a relação entre arquiteto e morador, a expectativa e o facto.

A luminosidade compõe o espaço, divide zonas conforme a sua função acrescenta valores como a sensação de quente e frio e prolonga a envolvente para o interior da habitação, a casa não é uma caixa é uma composição de planos que alberga o indivíduo e que o integra no território.

A transparência possibilitada através da utilização dos primeiros grandes planos de vidro, em detrimento da parede de alvenaria alterou o carácter de divisão entre o interior do habitar para uma mera delimitação sensorial e prolongando o meio exterior para o interior abolindo a concepção conservadora do que é de âmbito do privado e do familiar.

A cor por cima do esqueleto de betão é a marca distintiva da habitação Moderna, o branco, predomina tanto no interior como no exterior, sublinhado o elemento luz e abrindo o espaço nas suas três dimensões, transparecendo de algum modo a expectativa e a incerteza de um quotidiano que se julga incerto ausente de uma ordem universal ou de um código social duradouro. O essencial e o puro são a opção para o lar enfatizar-se como objeto, coisa que serve para determinado fim.

O objeto obtém para além do valor simbólico ou sentimental como portador de memórias é agora por um lado uma peça da máquina de habitar estritamente funcional e por outro um manifesto de amor à arte, em número reduzido e intencionalmente colocado em dado lugar, prima pela sua beleza, perfeição, aconchego e funcionalidade no decorrer da vivência do espaço.

Na habitação do *Existenzminimum* o mobiliário é puramente resultado da necessidade essencial da função do indivíduo, a partir da produção em série o design está na linha da frente para juntamente com a arquitetura fazer habitar. Os materiais são utilizados de forma criteriosa optando sempre que possível por aqueles originários da região, atitude particularmente promovida pela corrente organicista, mais do que revestimentos são signos de comunicação com o utilizador, pode encerrar uma ideia, uma memória ou uma transição entre espaços funcionalmente distintos. A proliferação da utilização de madeira e têxteis nas zonas sociais é um dos métodos mais vulgarizados para acrescentar aconchego e aproximar os seus moradores. Deste modo, a fenomenologia pode-se considerar como a nota introdutória entre aquilo que é o espaço concreto, a forma e a sua articulação e os elementos compositivos de um ambiente que posteriormente serão alvo de manipulação por parte do habitante.

_

A fenomenologia no campo da arquitetura depreende-se como a interpretação de uma multiplicidade de fatores compositivos de um ambiente, através da experiencia do sujeito no espaço ausente das interferências de outras observações e permitindo a abstração da realidade e o estudo do fenómeno em si na ótica sensorial do observador.

1.3. A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO MODERNO

O fenómeno da necessidade [o uso mínimo]

O habitat-laboratório [experiências sobre o novo habitar]

A libertação existencial [a habitação do "eu"]

O FENÓMENO DA NECESSIDADE

A apropriação como anteriormente foi referida tem a ver com a questão da manipulação por parte do utilizador num determinado espaço segundo uma determinada base fenomenológica.

O trabalho da Federação de Caixas de Previdência exemplificativo do ponto de vista da ponte entre aquilo que é uma realização para o alojamento do grande número, apesar de constituir uma importante inovação no seu contexto, ausente do necessário conhecimento aprofundado dos habitantes como seres individuais para além do seu grupo social. Foi tido como base o princípio que as casas, quaisquer que fossem as posses da família, deviam satisfazer as necessidades básicas de uma habitação (...) interessava muito mais para as condicionantes de área que tínhamos uma ligação ampla entre o espaço de cozinha e dos trabalhos domésticos com a união da família, como a sala de estar. Para que todos pudessem estar em conjunto. Enquanto a dona da casa cozinhava o jantar, estava em contacto com os miúdos que estavam na sala...de um modo muito fluido e não forçado. (COELHO, 2013: 88)

A reconsideração do espaço exterior, inicialmente descaracterizado, principalmente em edifícios em altura, através da incorporação na habitação de atividades como o tratamento de roupa ou a arrumação, ao unificar a marquise complementando as atividades desenvolvidas, principalmente na área de serviço (cozinha e lavandaria), as elites eram frequentemente a classe que usufruía em família do recinto das varandas também pelo facto de por norma estar sujeito a vistas mais interessantes sobre o espaço circundante.

A habitação genérica pertencente às classes baixa e média-baixa é indubitavelmente a reminiscência de um passado no qual se vivia num mesmo compartimento confinado, esta forma de agir permaneceu, sendo o convívio realizado na cozinha às refeições, a hora sagrada da família, uma atividade que confere a este espaço um valor de instrução de pais para filhos, que mais tarde se viria a diluir com a democratização da televisão,

agora na sala, substituindo a lareira utilizada nas casa mais rudimentares.

Quando a área disponível é escassa a lavandaria entra na cozinha, permitindo lavar, secar ou brunir, tudo isto eram atividades incumbidas à mulher, esta, também trata das refeições, portanto a operacionalização no mesmo espaço destas atividades parece inteligente já que o marido passa o dia a trabalhar e volta a casa ao fim do dia, hora a que a cozinha "despe o avental" para receber a família.

A recepção em casa de familiares trata-se de uma "cerimónia" tradicional portuguesa, especialmente, aos fins de semana e nas ocasiões festivas, o Natal, um batizado ou o casamento, a sala constitui-se como a divisão mais "nobre", mas coloca-se a questão seguinte: E no dia-a-dia? Este espaço expectante para a confraternização converte-se num museu de artefatos de família, de memórias emolduradas, de loiças, brocados, rendas e pratas, que cristalizam o estatuto familiar perante a família mais alargada, como uma "sala das vaidades".

Os quartos usam-se para dormir e pouco mais, os miúdos, excepcionalmente, poderão ter uma escrivaninha para fazer os trabalhos de casa. E brincar? Na rua, é claro, fora do horário escolar o recreio muda-se para a rua ou para o bairro fruto do improviso de brincadeiras

A intimidade é exercida de forma cautelosa está circunscrita ao casal, portanto a existência de uma casa de banho dedicada unicamente aos pais é a solução ideal, onde a mãe e o pai tratam da sua higiene pessoal longe dos olhos ingénuos das crianças.

O HABITAT-LABORATÓRIO

O projeto de um novo habitar coletivo de Le Corbusier interessa para uma leitura contemporânea nos aspectos relacionados com as soluções de ordem interior como é exemplo a incorporação das paredes utilitárias e deslizantes, inspiradas na arquitetura da casa tradicional japonesa e na *storage wall* da autoria de George Nelson e Charles Eames, apresentada em 1945 na exposição realizada em Nova Iorque da *Tomorrow's House: How to plan your post-war home now.* O emprego de contraplacado e/ou de materiais ligeiros como o alumínio, para os pavimentos, tetos e paredes deslizantes e portadores de compartimentos, as soluções e dispositivos médio-ambientais (ventilação natural, aquecimento mecânico e insonorizarão passiva). Um dos aspectos mais curiosos tem a ver com a relação utilitária entre os objetos escolhidos e o espaço construído na integração contrastante de peças de artesanato tradicional como um manifesto de

proximidade com o contexto cultural do Homem e talvez de uma nostalgia por aqueles itens que comportam um valor afetivo.

Na dialética gramatical do espaço são introduzidos conceitos delineadores de uma estima de utilização, dizia-se à época que, ... na Unidade, a morada permitia-se a quem morava e quem morava aprendia, com a morada, a morar. Ou seja, mantinha-se a noção moderna de conforto, acreditando em algo normativo e standartizável a que todos aspiravam, mas havia agora lugar a desenvolvimento posterior provocado pelo devir da vida corrente. (CARVALHO, 2006: 47)

Os conceitos chave para a criação do espaço são: a classificação, a categorização, a arrumação, os *objetcs trouvé* e o acabamento. A classificação tem que ver com a ação de ordenar, categorizar e sistematizar numa ideia de vida doméstica mais eficiente mais proveitosa no sentido da fruição interpessoal; a arrumação relaciona-se com o ato de arranjar de forma personalizada uma variedade de objetos; os *objects trouvé* são um dos exemplos dos chamados objetos de reação poética que para além do seu carácter funcionalista são portadores de uma referência instrutiva à memória do passado; o acabamento está associado com o amaciar, uma depuração dos planos à vista contrastantes com massa frígida estrutural.

A Unidade de Marselha consiste numa ...realização pioneira e atenta à vida familiar, cujas dimensões precisas e compactas permitirão, mais tarde, a fácil incorporação, por exemplo, do frigorífico e da máquina de lavar loiça. CARVALHO (2006: 45)

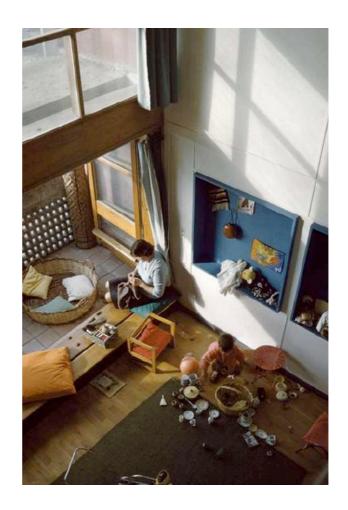
Num outro polo foram realizadas experiências mais arrojadas que constituem um extrapolo da expectativa no presente no qual o projeto é realizado. A simulação de Alison Smithson, para a exposição Jubilee Ideal Home de 1956, é uma espécie de exercício de "adivinhação", segundo aquilo que é conhecido e apresenta-se na atualidade como um sinal de progresso incidindo a sua atuação sobre o projeto na articulação interior da casa num futuro próximo de vinte e cinco anos. A concretização final apresenta-se como uma aproximação verosímil, se bem que em algumas situações, satírica acerca de um estilo de vida totalmente dependente da automatização e das tecnologias, desde o controlo remoto das tarefas domésticas à transmissão tecnológica de imagem e som para o mundo e para Marte.

The word "control" appears six times at the telephone unit (control panel 1), three times in the description for the door, twice at the bathroom and once each at the bedroom and the kitchen. However, only some of these controls are functional, others "simulate" or are a "mock-up" in this vision of a future in which the environment will

be fully regulated via wires. ¹¹ cca (2018)

016 **Fotografia da zona de estar da Unité d'Marseilles**, projeto de Le Corbusier, 1947

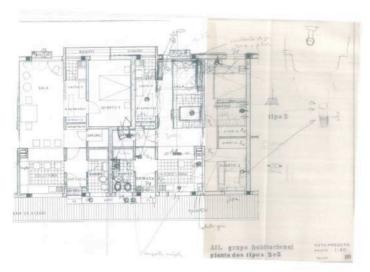
017 **Fotografia da cobertura da Unité d'Marseilles**, projeto de Le Corbusie, 1947

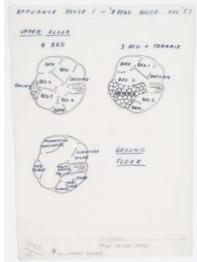




1

¹¹ A palavra "controlo" aparece seis vezes na unidade telefónica (painel de controlo 1), três vezes na inscrição da porta, duas vezes na casa de banho e uma vez em cada no quarto e na cozinha. No entanto, apenas alguns desses controlos são funcionais, outros "simulam" ou são uma "brincadeira" nesta visão de um futuro no qual o ambiente será totalmente regulado através de fios eletrónicos. (cca, 2018)





018 Esquiço da planimetria da Casa Protótipo para a exposição de 1957 019 Esquiço da "Bread House", projeto não concretizado, 1957, da autoria de Alison Smithson

A Casa Protótipo construída em Portugal, de 1957 sob a responsabilidade de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral é uma aproximação da simulação de Alison Smithson.

Este protótipo constitui uma tentativa de depuração de um estilo que em bruto tinha raízes teóricas bem firmadas, mas que na execução nem sempre foram realistas na adequação, ao indivíduo, por conseguinte, foram filtradas e apenas apreendidas as experiências consideradas exemplares.

Aliada a esta experiência destacam-se três conferências complementares relevantes, "O que é uma casa? ", de Fernando Távora, "O problema da habitação em Portugal", do Engenheiro Lino Neto e "O problema da habitação e as soluções cooperativas", da autoria de Francisco Ferreira.

Através de um estudo precedente das classes desfavorecidas, a habitação económica é selecionada como fundação de investigação, porque é aquela que reúne expressamente na menor área a maior soma de condições de habitabilidade compatíveis com a dignidade humana, num mínimo de dispêndio.

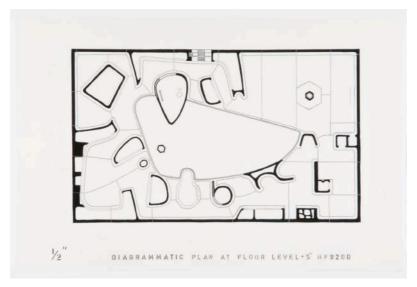
Este hipotético apartamento foi concebido para um bloco constituído por 25 fogos, o lema estipulado para a exposição foi "Um lar para cada família", a lógica de organização foi obtida segundo a subdivisão em funções constantes, que compreendem a alimentação, o desporto, o alojamento, a recriação moral e a circulação e em funções temporais, a formação moral e física, o trabalho e o repouso.

O foco na sua exploração esteve na forma da casa, nos dispositivos espaciais associados aos novos modos de vida e à tecnologia dos novos produtos e métodos modernos da indústria.

Com um programa sintético, a galeria é a primeira etapa para aceder ao espaço privado do habitar e onde se procura promover o convívio entre moradores, a distinção sensorial do privado e do público é facilitada através da diferenciação de cota, a organização é toda ela efetuada com base nos ciclos espectáveis dos usuários. No interior em vez do hall surge num primeiro momento, um curto espaço de circulação que contém uma série de funções agrupadas com acesso direto ao w.c., à cozinha, a um espaço de arrumação/dispensa e a um bengaleiro, num segundo momento a grande sala comum híbrida com ligação direta à cozinha e ao espaço de trabalho capacitado de equipamentos para o tratamento de roupa (máquina de costura, tábua de engomar, armário para a roupa), prevendo ainda uma cortina para ocultar este espaço em momento de inutilização, em complementaridade o exterior continha um tanque de lavagem e um estendal protegido das vistas, no último momento encontram-se dois quartos cada um com um roupeiro.

Os materiais utilizados são também um meio para a expressão da modernidade, no chão de tijoleira e no equipamento da cozinha com o lava loiças em inox. Os tetos de pédireito reduzido foram um dos principais alvos de surpresa para os visitantes.

020 Planta da exposição da Casa do Futuro, 1956,
projeto de Alison & Peter Smithson
021 Fotografias da utilização experimental da
Casa do Futuro





A LIBERTAÇÃO EXISTENCIAL

A libertação perante o modo de apropriação do espaço deveu-se numa primeira fase às inovações construtivas que possibilitaram uma nova plasticidade formal e uma planta livre, sem restrições estruturais, o que permitiu a resolução de uma articulação doméstica condizente com aquilo que seria espectável num futuro próximo, de acordo com uma crença positivista, do individuo do novo milénio. A Maison de Verre é um exemplar da expressão do progresso tecnológico refletido na arquitetura, no qual o mínimo pode ser convertido no máximo quando toda a habitação é reconsiderada, a espacialidade liberta-se e tudo o que nela existe é funcional, tudo é parte de um sistema disponível para o utilizador, sendo aplicado o uso de componentes mecânicos auxiliares como janelas deslizantes e escadas de porte leve em metal.

A abertura, com sua transparência acústica, torna audível qualquer canto remoto da casa, e, junto com a qualidade incomum pacífica e arejada. Era assim que imaginava o novo mundo do séc. XX: e foi que eu reconheci pela primeira vez, na arquitetura, o sentido que Picasso, Braque, Léger, Delaunay, Duchamp haviam despertado em mim. HERTZBERGER (1999: 238)

A Maison de Verre é o exemplo de como a procura do espaço mínimo pelo espaço livre conduziu a arquitetura à concepção de uma domesticidade adaptável e flexível.

Se a casa do sonhador estiver situada na cidade, não é raro que o sonho seja dominar, pela profundidade, os porões circunvizinhos. BACHEARD (1996: 39)

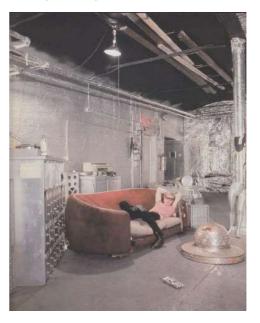
022 **Maison de Verre**, Paris, 1928-32, Pierre Chareau





O loft nova-iorquino é o arquétipo daquilo que mais tarde seria a atual casa e do habitante contemporâneos, bem como, da sua forma de pensar, construir e habitar. Esta tipologia é decorrência da aquisição, por norma, a preço reduzido, de um apartamento ou armazém de carácter industrial, póstumo à revolução industrial, localizado num lugar central e economicamente deprimido.

Esta tipologia é uma expressão de uma nova vaga onde é colocada em primeiro plano a excentricidade individual, em ruptura com as ideias positivistas e repressivas subjacentes ao habitar. A visão concretizada justifica-se, por exemplo, pelo facto do ponto mais importante da sua atividade doméstica tomar lugar à noite, com festas e *happenings*, onde o habitante passa a ser qualquer pessoa da cidade, numa desconstrução do modelo burguês, ainda vigente à época. O nível de privacidade é mínimo propositadamente plasmando a noção vivencial de comuna: "a minha casa não é um lugar qualquer, a minha casa sou eu" CARVALHO (2006: 43)





023 **Andy Warhol na Factory**, 1960, em Manhatan, Nova Iorque

024 This is tomorrow, 1956, Richard Hamilton

1.4. CASOS DE ESTUDO DO HABITAR MODERNO

[Unité d'Habitation de Marseille 1952 Le Corbusier]

[Robin Hood Gardens 1972 Alison & Peter Smithson]

[Bairro de Aldoar (Sache 1^a fase) 1979 – 89 Manuel Correia Fernandes]

Como suma do estudo transversal realizado acerca da vivência Moderna e da respetiva e essencial relação desta com o projeto de Habitação, a morfologia do espaço e a sua apropriação são os fatores gerais que suportam os critérios potenciadores de flexibilidade, estes são: a integração do espaço social sala/cozinha, a utilização de módulos em duplex e a presença minimalista de objetos, como um exemplo potencial de Adaptabilidade; a presença de grandes espaços de circulação e socialização, como um exemplar da Polivalência.

UNITÉ D'HABITATION 1952 Le Corbusier

A unidade de habitação de Le Corbusier é o culminar de todas as teorias e experiências anteriores sobre o espaço mínimo, agora, aplicadas a uma situação de emergência para o alojamento no pós-guerra no qual a procura por um lugar para habitar a baixo custo manifestou-se em massa, particularmente no acolhimento do operariado. O espaço de dimensões reduzidas é o tema prioritário para uma arquitetura, que coloca o foco na questão do social, tudo é racionalizado, com uma consciência macro sendo o objetivo primeiro retirar o maior proveito possível do ínfimo disponível. Paralelamente à vertente social, é possível a experimentação acerca do futuro da habitação e do consequente e intrínseco dinamismo que a relaciona com a cidade. A divisa que guia toda a abordagem conceptual, aliada ao sentido de mínimo, é a circulação automóvel prevendo-se como primordial para o funcionamento da cidade. Esta, necessita de espaço livre, portanto o edificio ganha altura desocupando o solo e substituindo as fundações tradicionais por uma base em *pilotis* e permitindo uma maior fluidez de circulação. (ver figura 26) Deste modo, todos os equipamentos de uso quotidiano e suporte à habitação estão contidos na unidade, induzindo uma abordagem renovada do conceito de mínimo no modulo de habitar, no qual o uso é estritamente o essencial necessário de âmbito doméstico, já que é complementado por uma variedade de "equipamentos anexo" de uso coletivo, por conseguinte só estão presentes os espaços, funções e equipamentos que não se podem encontrar na cidade.

Os módulos habitacionais em duplex permitem um aumento do número de habitantes através da poupança no volume despendido por cada apartamento, mais o facto adicional das galerias/ruas de circulação, não se localizarem em todos os pisos, mas sim em pisos alternados. (ver figura 025A)

O corpo longitudinal, com pouca largura lembra a organização existente nos navios, tudo é compartimentado ao máximo com o recurso a mobiliário ultra desenhado para servir-se ao máximo de todos os metros quadrados disponíveis, os quartos espelham esta realidade ao permitirem na maioria dos casos a colocação de uma cama individual e nada mais do que o imprescindível.

A subdivisão do apartamento em dois andares, possibilitou uma ordenação funcional do espaço, consoante uma determinada atividade ou um grupo de influência de atividades complementares. Um outro aspeto resultante deste fator é a introdução do conceito de ciclo, que se subdivide em vários tipos de ciclos: os ciclos diários, de casa-trabalho e

trabalho-casa, tornado os indivíduos progressivamente mais nómadas, indivíduos da cidade e menos dependentes da conceção tradicional de lar.

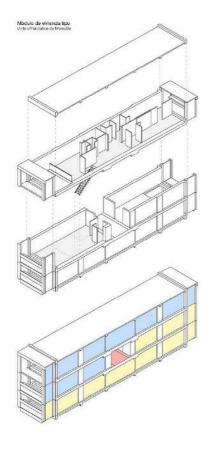
As circulações interiores aos apartamentos, em escada, são revistas e funcionam com uma rótula entre os espaços de uso dia/noite e o privado/social, para além deste elemento os corredores são suprimidos dando lugar a transições visuais diretas entre compartimentos e o mobiliário de arrumação ganha lugar para suavizar estes contrates funcionais. (ver figura 25B)

Com isto, os dois picos da atividade doméstica são: o início do dia e o final do dia, logo é necessário que a casa esteja provida dos utensílios básicos para a execução deste ritual da vida privada, que prima por uma mais breve socialização familiar e na qual a refeição é a âncora desta nova dinâmica e a televisão o pretexto para juntar diferentes gerações, a comunhão da cozinha com a sala é um fator obrigatório para albergar uma maior diversidade de atividades em simultâneo entre moradores.

Esta realidade vivencial presente na unidade decorre formalmente numa habitação na qual a cozinha é mais técnica, porque as refeições devem ser preparadas de forma eficiente de modo a aproveitar o maior tempo possível em família e aberta para a sala (estar e jantar), para a obtenção de mais luminosidade natural numa fachada de largura reduzida em que todo o pano de parede é revestido pela transparência do vidro. (ver figura 027)

As escolhas ao longo dos anos efetuadas pelos moradores em termos de decoração demonstram que apesar do minimalismo na quantidade de objetos, existe uma clara noção do que é essencial, portanto a leitura do universo pessoal construído pelos usuários é concreta e facilmente nos apercebemos da marca identitária de cada apartamento, "a necessidade aguça o engenho", é a premissa que se verifica, o apelo à criatividade dos moradores para inventarem e reinventarem à sua maneira soluções para adaptar as suas espectativas ao pequeno apartamento.

É ainda de ressalvar o facto de que é aqui que se verificam as primeiras nuances do papel que a flexibilidade dos espaços de habitar teria no futuro: no espaço livre que impôs uma maior fluidez funcional das tarefas, no mobiliário como compartimento e nas paredes/elementos deslizantes ou amovíveis e na imprescindível simbiose interior-exterior para a continuidade visual/espacial da casa.









025 **A** Esquemas sobre a coordenação dos **módulos- tipo duplex** e da respetiva **galeria** de acesso

B A galeria/rua interior Fotografia do piso térreo para circulação e estacionamento automóvel, marcado pela base do edificio assente em *pilotis* 026 Fotografia do piso térreo para **circulação e estacionamento automóvel**, marcado pela base do edificio assente em *pilotis*

027 A **relação** desobstruída **cozinha e sala comum** na parte inferior de um dos apartamentos

ROBIN HOOD GARDENS 1972 Alison & Peter Smithson

O complexo habitacional dos Robin Hood Gardens ocupou, durante a sua existência, uma área correspondente a cerca de 2 hectares, sendo composto por 213 apartamentos de um só piso e duplex.

Alguns dos conceitos-chave para a concretização deste conjunto relacionam-se com a ideia de agrupamento urbano e da polivalência, sobretudo fora dos módulos e, portanto, entre os espaços de ligação do habitar: o cluster, que por definição pode ser compreendido como um mega aglomerado urbano, que funciona segundo uma lógica em rede e na qual estão contidas todas as funções da cidade; o crescimento; a mudança e a mobilidade, a partir da solidificação destes conceitos adquiridos, este espaço habitacional foi construído como uma muralha para a exclusão do ruido, sonoro e visual, existente em demasia num lugar onde proliferava a industria e as atividades associadas à pesca, o espaço interior aos corpos edificados envolventes é o coração do projeto e a antítese ao bulício citadino, funcionando como um interstício seguro e de vizinhança.

A articulação dos apartamentos é resultado desta preocupação em criar um refúgio "longe" dos malefícios da cidade, os quartos e as cozinhas foram deliberadamente virados para o interior, enquanto que os acessos, as circulações e as zonas sociais (salas) foram colocados nas fachadas viradas para a rua. Uma outra preocupação foi a de abranger uma grande diversidade de agregados familiares e ainda de dedicar o piso de rés-do-chão para os indivíduos idosos com os apartamentos e as salas de atividades comunitárias. (ver figura 028)

For the new life-style a city pathern of large-area comprehensible livable-arround work-groups, of Disneyland-type amble-arround shopping áreas, with easy anonymous transit between, would offer a mode of organization wich correspond to our everyday experience ando retained Picture of ordinary urban life. AVERMAETE, Tom, HAVIK, Klaske, TEERDS & Hans (2009:57)

A um nível intermédio procedia-se ao acesso às garagens, que ficavam abaixo do nível do grande relvado interior, suavizando mais uma vez esta dualidade que é o complexo habitacional e a malha da cidade.

A grande inovação neste edifício é a incrementação do conceito de *streets in the sky*, galerias de dimensão generosa situadas em pisos intermédios, em três pisos, no rés-do-chão, no 3º piso e no 6º piso, a partir destas galerias era possível o acesso aos módulos,

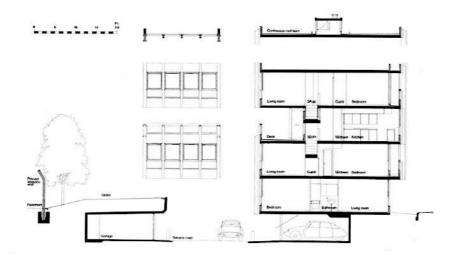
estes, variava consoante a colocação do modulo no volume do edifício, podendo ser superior ou inferior, em simultâneo estabelece-se uma nova conceção de relação entre público e privado, permitindo uma multiplicação de usos nestes espaços, uma vez que, assim, torna-se possível a expansão e complementaridade da atividade doméstica.

A estrutura do edifício foi concebida de modo a criar secções guia para a ordenação dos módulos individuais de forma a coincidirem com a estrutura metálica tornando elementos como paredes, teto e chão independentes. Este jogo modular para a rentabilização ao máximo da área existente, aliado ao conceito de *streets in the sky*, resultou numa interessante variedade tipológica, alterando em termos de área, do acesso principal ao módulo, na configuração espacial e na consequente compartimentação. (ver figura 029)

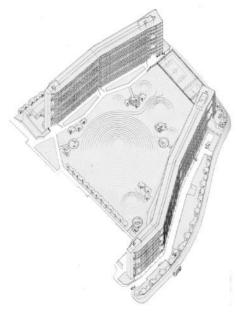
Por conseguinte haverão distintas oportunidades e concomitantemente uma maior abrangência em termos de resposta, a compartimentação, ainda presente no modelo burguês, responde temporariamente à urgência do problema do albergue digno para o operário/trabalhador com baixo rendimento através da racionalização da área usável dos apartamentos. Há ainda um cuidado na organização interior do programa, como já foi referido, na adaptação ao meio exterior, a estaticidade é uma característica resultante do zoneamento, através da separação dos dúplex por meio da caixa de escadas, que dividem os ciclos diurnos e noturnos e os corredores que separam também os usos que dentro de cada ciclo são desenvolvidos, como cozinhar e ver televisão.

O conceito que parece mais interessante e mais evoluído na implementação de elementos de inclusão/socialização, como já foi anteriormente referido, é o de conjunto, porque é neste âmbito que a vida do quotidiano verdadeiramente tem uma presença ativa visível. Este *cluster* é uma cidade dentro da cidade diferente da Unidade de Marselha, os Robin Hood Gardens são um complexo mais especializado no suporte do habitar expandido, da morada como um refúgio para lá da intensa circulação, do alarido das transações do dia-a-dia e da poluição visual difundida pela publicidade. (ver figura 030)

Como uma grande casa necessita de um suporte saudável socioeconómico para resultar, facto que não se verificou devido às patologias que resultam da ostracização de classes o que impede o confronto com outras realidades socioculturais e, portanto, de um ambiente tolerante e flexível.







- 028 Corte transversal de parte do edificio, demonstrativo da relação do interior das habitações com o exterior e do interior verde com o lugar do automóvel
- 029 Fotografía da época de inauguração e da utilização dos espaços pelos novos moradores
- 030 Axonometria desenhada do complexo Robin Hood Gardens

BAIRRO DE ALDOAR (SACHE 1^a FASE) 1979 – 89 Manuel Correia Fernandes

O edifício de habitação coletiva da cooperativa Sache (1ª fase), é um exemplar inovador de um novo modo de conceção da habitação na cidade em grande escala, neste, prevalecem as tipologias de T2 e T3 em 54 apartamentos do tipo dúplex.

Este é mais um exemplo, agora nacional, do modo inovador de distribuição da circulação e de articulação dos módulos habitacionais.

O funcionamento em galeria é o elemento que mais marca toda a lógica vivencial desta unidade, inicialmente de âmbito social, direcionou-se para uma classe média que ainda dependia dos aposentos tipicamente burgueses, no geral a intencionalidade de viver ativamente entre e com os vizinhos não deveria interferir com um resguardo até certa medida da privacidade doméstica. A galeria utilizada na Unité d'Habitation ganha uma escala *standart*, que dá uma mediana margem de revisão, não se assemelhando a uma rua como nos Robin Hood Gardens, é uma possibilidade de junção de atividades, como a lavandaria e arrumação ao percurso de circulação e aos acessos. (ver figura 033)

É de ressalvar que este pode ser considerado uma variação do mesmo modelo comum aos casos anteriormente referenciados, mas com uma dimensão dos apartamentos mais generosa, em termos do cuidado e da atribuição das áreas a cada divisão, bem como nas confrontações, por vezes indesejadas, entre o privado doméstico e o público (quartos virados para a galeria).

O piso do rés-do-chão ao contrário, do que acontece nos casos de estudo anteriores não é aberto, seguindo a regra tradicional de relação com a rua de forma a manter uma barreira entre o privado e o público, o automóvel circula na envolvente do edifício não deixando que este ocupe o papel protagonista na conceção do ambiente habitável. (ver figura 031)

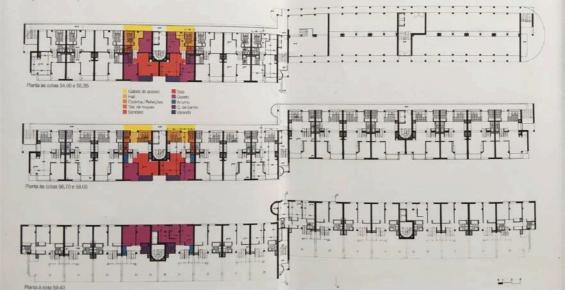
Este é um tipo particular de habitação, porque ainda estão presentes algumas das preocupações associadas ao conceito de mínimo, desde já a presença de apartamentos em duplex, que contribuem na forma como o espaço é milimetricamente catalogado e disposto segundo uma lógica de modularidade, todo espaço é usado e não havendo espaço supérfluo. (ver figura 033)

A relação da zona social com a sala ainda é tímida, no sentido de cada uma ocupar uma dependência separada, seguindo ainda uma ideia burguesa de repartição, deixando uma presença mediana da fluidez espacial, as rótulas diurno/noturno e dos usos estão presentes, de forma mais visível em alguns dos módulos, no entanto não foram

utilizadas de forma circunscrita. A pequena varanda em cada casa é mais um espaço pertinente para a requalificação dos usos. É notório, que o dúplex empresta um potencial de agregação e fragmentação dentro de limites físicos e estruturais, mantendo os critérios de conforto desejáveis.







- 031 Fotografia em perspectiva da rua sobre a fachada principal
- 032 Fotografia do interior de uma das habitações, a rótula, escadas
- 033 As plantas tipo, respetivamente, de baixo para cima, dos pisos às cotas; (59,40); (56,70 e 58,05) e (54,00 e 55,35)

CAPÍTULO II

A vivência Contemporânea e o projeto de Habitação [HOJE]

2.1. A VIVÊNCIA CONTEMPORÂNEA

A Globalização [o meu, o teu, o nosso, o vosso e o seu]

A individualização do "eu" [Eu]

A GLOBALIZAÇÃO

A era contemporânea e concretamente o séc. XXI são marcadamente definidos por uma constante transformação, metamorfose e adaptação ao "novo". Os avanços tecnológicos e a cultura social firmada na informação desdobrada numa multiplicidade de perspectivas possibilitaram a sua consequente democratização a culturas dispares por todo o mundo. A consciência individual em contracorrente ganha uma maior ênfase. O conceito de família foi um dos elementos nevrálgicos nesta mudança de paradigma desde o início do séc. XX, hoje é assumidamente um conceito amplo, ou seja, não se restringe à unidade pai e mãe, é multigeracional, abarca diferentes géneros, pode ser o resultado de divórcios, da emancipação tardia dos filhos, do facto dos moradores de uma habitação não mais estabelecerem obrigatoriamente laços familiares e ainda do aumento da esperança média de vida.

A dinâmica urbana é o motor fundamental para o funcionamento social atual, que consiste cada vez mais na transferência das atividades tradicionalmente domésticas, para a sociedade urbana assente no consumo, contribuindo para uma crescente simplificação da vivência doméstica/familiar.

A sociedade de hoje comtempla uma polivalência de atividades, como afirma Martin Heidegger, nós não somente habitamos, *isso seria quase a inatividade; temos uma profissão, fazemos negócios, viajamos e no caminho habitamos, agora aqui, logo ali.* (NESBITT, 2006: 350)

O fenómeno, propriamente dito, da globalização ou mundialização manifesta-se de forma global pela totalidade dos aglomerados humanos, contudo há que ter atenção que esta evidência pode ser lida de modo erróneo quando se pensa que o o seu efeito será igual independentemente do seu contexto, porque a verdade é que as consequências que resultam da globalização são diferenciadas dependendo de uma pluralidade de variantes/condicionantes que no fundo poderão aprofundar em certos casos ainda mais a desigualdade entre pares.



034 Supermarket lady, Duane Hanson, 1969 uma critíca voraz ao consumismo promovido pelos E.U.A.

Segundo Kerckhove podemos extrair do conceito de globalização três sub-conceitos: a transparência, a instantaneidade e os ambientes inteligentes.

Relativamente ao primeiro podemos aferir que este refere-se à presença em massa dos meios de informação/comunicação, tal como Kerckhove afirma que a transparência ... surge da distribuição instantânea das notícias e dos do seu acesso a todo o mundo através dos "media". (KERCKHOVE, 1997: 224)

Já no âmbito da instantaneidade Kerckhove salienta o desfasamento, desta, da realidade dos indivíduos. A instantaneidade, função da globalização, impõe uma circulação em todas as sociedades humanas. Tem dois efeitos principais: um é o alcance e o feedback instantâneo, o outro é a eliminação dos períodos de adaptação.

KERCKHOVE (1997: 224)

O ambiente ou a perceção do ambiente em que vivemos já não são somente os reais, mas também os virtuais, partilhados ou não, visto que não implicam a presença das fronteiras geográficas...

... hoje dependem apenas de condições psicológicas. Já não é o poder militar que domina o mundo mas o pensamento, o sentimento e a expressão da cultura tecnológica. Podemos afirmar que a conceção de tempo é cada vez mais valiosa. Está a desenvolver-se uma nova consciência do tempo, como se, depois de termos conquistado o espaço tornando-o menos constrangedor, a evolução tecnológica estivesse agora a dirigir-se ao temo – real, virtual, pessoal e social – considerando-o como a última fronteira. (KERCKHOVE, 1997: 250)

A ideia de "pensar global agir local" advém da falta de uma nova racionalização e organização dos processos e do impacto que estes poderão ter no mundo, no todo e no particular, uma ação está intrinsecamente ligada a uma rede complexa de outras ligações

interdependentes na qual essa irá garantidamente afetar uma multiplicidade de entidades. Por tudo isto é defendido o método da consciência da totalidade e da ação meticulosa num dado sector de atividade num espaço ou numa comunidade.

Uma outra ideia muito difundida no inicio do milénio é a de "aldeia global" esta provavelmente induzirá em erro à primeira vista parece então que o mundo é bem mais pequeno do que imaginávamos e toda a gente se conhece de alguma forma, a realidade é que esta "aldeia" não é para todos global e, portanto, não pode ser chamada de global quando na verdade ela é restrita, é apenas uma janela, uma imagem da totalidade do espaço conhecido pelo Homem.

Por oposição à globalização e como consequência da mesma surge a fragmentação provocada maioritariamente pela hegemonia das empresas transnacionais, que funcionam como motor da mundialização. O crescimento contínuo das metrópoles e megalópoles periféricas sobrepõem o seu crescimento económico sobre os lugares mais interiores e com um sector terciário menos desenvolvido, portanto impedem ou retardam o seu progresso, esta fragmentação no fundo deriva da liberalização dos movimentos e dos fluxos monetários.

Há também uma globalização da injustiça devido à aceleração do tempo de produção e comunicação, que resulta no desemprego desenfreado e nos cada vez mais frequentes picos das crises sociais.

As crescentes interações provocam um abalo no próprio conceito de identificação territorial, as interdependências afetam multilateralmente o nacionalismo político como centro da construção do Estado. ALMEIDA (2004: 116)

A INDIVIDUALIZAÇÃO DO "EU"

Num mundo cada vez mais global no qual a exposição é levada ao extremo o ser humano sente a necessidade de reivindicar a sua individualidade, de marcar a sua presença e fá-lo de formas tão múltiplas e tão dispares quanto possível. A moda, a imagem, a pele, são termos-chave e constroem a "pedra de toque" de todo este paradigma¹² em que a partir de códigos globais o individuo tenta construir a sua própria interpretação da contemporaneidade.

75

¹² De acordo com a breve definição enunciada na obra "Sociedade BIT" ... procuram-se modelos e, de paradigma em paradigma, avançamos – ou temos a noção de avançar, embora nos quedemos – em busca de outra coisa. ALMEIDA (2004: 36)

A questão da personalização¹³ é demonstrativa desta teoria na qual assume uma atitude de introversão ao procurar isolar-se da tendência e por outro lado demonstra uma vontade instintiva de comunicar com os outros, de procurar concordâncias num mundo de relatividades.

Hoje definitivamente institui-se *o direito de cada membro da família à sua própria vida privada*. ÁRIES & DUBY (1991:72)

Como o referido anteriormente a moda é talvez o fator fulcral mais importante para a criação de um panorama mais amplo no que concerne ao tema do personalizável, as tendências no pronto a vestir demonstram isto mesmo de forma clara, cada pessoa procura criar a sua imagem de marca, mas ao mesmo tempo ambiciona identificar-se com os seus pares, pretende-se que uma dada indumentária seja adequada para uma tarefa ou ocasião em especifico, não obstante o enquadramento das diretrizes ditadas pela moda que são objetivamente identificáveis criando, portanto uma base de concordância com o todo sem descurar o livre arbítrio perante as escolhas tomadas sobre as variáveis que essa mesma base encerra.

O individualismo crescente parece cada vez mais recorrente e a imposição do particular como uma prioridade é a regra geral, devido a vários fatores entre os quais o facto de existir uma noção mais consciente da imensidão do mundo que nos rodeia, o que pode ser um fator asfixiante quando não é permitido ao indivíduo encontrar um referencial físico e psicológico para si mesmo. Por conseguinte, um conceito como o *metime* (tempo para mim), é uma confirmação desta vontade de recuar brevemente sobre o geral e reivindicar a existência individual, a prática de atividades de gosto pessoal como desporto, leitura, dormir, cozinhar, escrever ou outras despertam o sentido de único e impossível de repetir.

_

¹³ A personalização é uma ferramenta largamente divulgada pelo marketing com o objetivo de atribuir o sentido de único a um determinado produto que por norma é de fabrico industrial, também tem impacto ao nível psicológico ao estabelecer com um utilizador um contacto direto melhorando a comunicação entre quem cria ou divulga e quem utiliza.



035 Jovens no Japão com um traje de estilo Kawai Decora, de expressão extravagante com múltiplos acessórios multicoloridos têm como referência a cultura pop desde a música às personagens ficcionais de manga





036 A B Fotogramas do filme *HER*, 2013, de Spike Jonze, no qual a individualidade é levada ao extremo, o personagem principal refugia-se do mundo ao apaixonar-se por um sistema operativo

2.2. MORFOLOGIA DO ESPAÇO HABITACIONAL CONTEMPORÂNEO

A procura pelo "funcional" [a casa instrumento]

A procura pela comunicação [o intercomunicador]

A procura pelo "meu" [o casulo urbano]

A procura de mutação [o personalizável]

A PROCURA PELO FUNCIONAL

Quando se fala de função em habitação fala-se de uso e também de usuário, este último termo nuclear foi numa primeira fase preferencialmente utilizado no pós-2ª Guerra mundial com uma conotação estritamente relacionada com uma ideia de modelo/tipo repetível como um ser saído de uma máquina, mais tarde ressurgiu nos anos 90 em detrimento de termos anteriormente utilizados como são exemplo: os habitantes, os ocupantes ou os clientes e, agora, como um reverso critico do uso primeiramente prestado por parte da arquitetura. Assente na sociologia e numa ideia de flexibilidade da arquitetura na ação do sujeito que nela habita, no virar do milénio surge uma redefinição geral para a flexibilidade no qual os princípios clássicos fundamentais que regem a arquitetura são tratados de forma pormenorizada e isolada de acordo com o contexto, o gennius loci¹⁴.

A Casa, funcionalmente, é por princípio o habitat natural do Homem, onde projeta a sua extensão terrestre, onde cria raízes, onde procura satisfazer as suas necessidades.

Hoje, é muito mais do que, a noção académica do espaço onde se come, dorme ou trata da higiene. A casa é isto ou não, a casa é e espera-se que venha a concretizar-se como o lugar que nós definimos segundo os nossos critérios e a verdade é que atualmente as atividades que se esperam realizar numa casa são inúmeras, partindo da ideia da individualização de forma objetiva conclui-se que, esta, é um suporte para tudo e mais alguma coisa consoante a vontade e a indigência de quem nela habita.

Do ponto de vista da arquitetura a sociedade é indubitavelmente o elemento central de investigação sobre a qual esta desenvolve o seu trabalho, segundo Giancarlo de Carlo *a*

_

¹⁴ Segundo uma leitura aberta do conceito preconizado na arquitetura por Christian Norberg-Schelz na obra ímpar *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*, datada a primeira edição de 1979, o lugar é interpretado numa perspectiva concordante à de Martin Heidegger do habitar, sendo esta uma ação complexa do estar encontrando-se diretamente relacionada com o modo como cada individuo está na Terra. Por conseguinte, este conceito é resultado do ato de habitar e das diferenças que no dia a dia se registam em diferentes lugares do mundo, construindo um mapa cognitivo de significados e sensações a que chamamos de espírito do lugar.

arquitectura no futuro será caracterizada por uma participação crescente do utilizador na sua definição em termos de organização e forma. (Giacarlo di Carlo in NESBITT, 2006: 753)

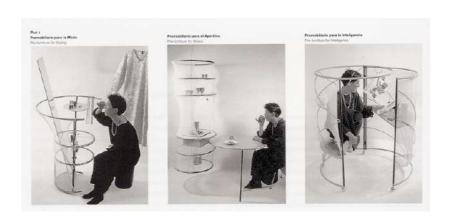
Cumulativamente a vivenda además, como la mayor parte de los objetos de uso cotidiano, tiene un valor estético por sí misma. La gente quiere que su vivienda sea bonita no solamente porque representa a sus moradores sino también porque quieren disfrutar de ella. (PARICIO& SUST, 2004: 11)

As questões que se espoletam atualmente no âmbito da reconfiguração do espaço da habitação relacionam-se com a diversidade dos programas arquitetónicos e os modos de vida, que não encontram uma resposta congruente no mercado imobiliário, logo as inovações técnicas em desenvolvimento para a articulação acessível do espaço poderão postumamente apresentar-se como a resposta aos dilemas anteriormente referidos.

A admissão de um interior livre, no qual os espaços são delimitados por paredes divisórias leves, podendo estas ser amovíveis ou o mobiliário funcionar como a própria divisória afirma a noção de que o morador deseja que a sua casa funcione independentemente das soluções tradicionais mais comumente utilizadas.

A concentração das infraestruturas técnicas é uma escolha arquitetónica em voga, devido à sua inteligência na acessibilidade a estas em caso de intervenção, na racionalização dos recursos utilizados e na emancipação do espaço interior usável através da libertação da área disponível dos elementos estruturais e fixos.

037 Experiência de "prémobiliário" para vestir, para refeições e para trabalhar, Toyo Ito, 1985



Conclui-se que relativamente à oferta imobiliária existente e a real usabilidade do espaço o cenário é o seguinte:

Con las limitaciones que estabelece un precio razonable, la oferta de vivienda se ajusta basicamente a la demanda que se produce. La demada normalmente no se decanta por una vivienda ajustada a los requerimientos efectivos que en el momento de la compra sino por una vivienda estándard que, en primer lugar, se ajuste a los requerimientos que, previsiblemente, se tendrán en el futuro cuando el grupo de ocupación alcance su máximo desarrollo y que, en segundo lugar, se incorpore sin dificultades al mercado inmobiliario en el caso de que quiera vender. En consecuencia, la diversidad de los grupos de ocupación no ha ejercido mucha influencia en la oferta, ya que la demanda a se ha basado más en requerimientos ideales que en reales.

Por esta razón las viviendas de três y cuatro dormitorios han dominado completamente el mercado. PARICIO & SUST (2004: 16)

A PROCURA PELA COMUNICAÇÃO

A comunicação abrange diretamente os fatores de âmbito social definidores da habitação contemporânea, sendo estes: a reformulação e diversificação dos grupos de convivência, a redistribuição da riqueza mundial e a mudança dos valores sociais.

A cozinha é talvez o compartimento menos consensual em termos de definição comunicacional por uns é vista estritamente como um espaço de serviço por outros é o espaço por excelência do convívio e da vida familiar.

Os espaços de circulação ganharam um protagonismo muitas vezes não intencional, são atualmente espaços ativos para a arrumação, o estudo, o ócio ou para brincar, na ausência destes os espaços de uso coletivo aumentam a sua dimensão de modo a desempenhar a função de comunicação tornando-se elos dinâmicos.

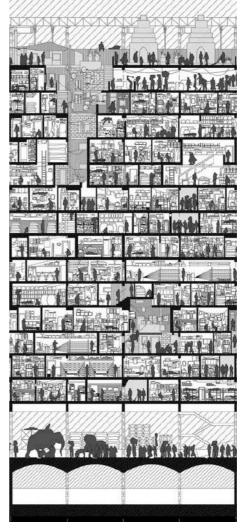
A abertura da fachada, exige uma reconsideração do exterior como um coletivo com valências visuais importantes para relação com o interior manifestando-se como um lugar para a conversação e para a circulação, devido às suas dimensões significativas e às suas características ambientais carece de um tratamento multidisciplinar, porque poderá potencialmente conduzir a uma diminuição da segurança, ao aumento dos ruídos ou a uma gestão mais complexa devido à indigência de fundos comunitários.

O espaço coletivo pode ser observado como o mais adequado para grupos de habitação homogéneos, especialmente, entre jovens e idosos, a adopção de espaços mais pequenos organizados em pequenas comunidades ou unidades de uso poderão conservar a viabilidade ao longo do tempo do projeto habitacional.

O passo seguinte é a conquista da privacidade das partes ou não caminhasse a família actual para uma "ideia de felicidade" centrada nos "valores de autonomia e a realização pessoal" de cada um dos seus membros. MATTOSO (2010: 46)

Comunicar dentro da domesticidade e desta para fora trata-se em primeira estância de uma questão virtual onde as barreiras com o físico são difíceis ou mesmo impossíveis de definir há claramente uma sobreposição ente as premissas globais, desde o mundo da internet e da televisão, e aquilo que acontece na realidade física, logo há um perigo iminente dos lugares perderem a capacidade de agregação devido ao facto de não serem capazes de conformar-se formalmente a esta nova realidade "ilusória", que consequentemente e potencialmente conduzirá a uma carência do sentido de

humanismo.



038 O ecossistema vertical do habitar vive do diálogo onde as singularidades se cruzam, onde se trocam palavras e bens gerando a vivência coletiva da habitação.

A PROCURA PELO "MEU"

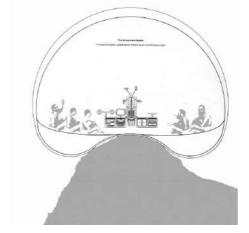
Durante muito tempo o corpo humano foi a medida para a concepção de toda a construção arquitetónica, agora poder-se-á afirmar que aliado a este a pretensão humana ganhou uma participação importante para a concepção de uma nova arquitetura.

Quando se observa o habitar restrito pode-se constatar que a área comum interior ao invólucro habitacional tem vindo a perder progressivamente o seu carácter nuclear sendo considerado como mais um espaço de distribuição. Os ambientes de uso privado ganham maior importância são multifacetados e consequentemente reclamam uma maior área são "espaços casulo" e poderão funcionar como células autossuficientes.

O todo molda o particular e este agora manifesta a sua atitude através das suas ações muito mais independentes e isoladas, algumas destas leem-se na diminuição das refeições em casa, nos diferentes ritmos e horários dos habitantes, no aproveitamento da residência como um lugar propiciador para o desenvolvimento de atividades individuais como ler, estudar ou ouvir música e ainda o crescimento significativo do trabalho a partir de casa.

A variação no modo como as atividades se desenvolvem no âmbito doméstico, de forma genérica pode-se afirmar que decorre da imposição crescente do "eu" exigindo uma procura significativa de espaços de maior intimidade como resultado da liberalização da escolha individual, a importância do conforto e do bem-estar do corpo determinam espaços com menor caráter técnico em detrimento de um usufruto confortável, o culto do materialismo e da publicidade exige uma maior área da habitação dedicada ao armazenamento de "coisas", a vivência cada vez mais cosmopolita, virada para a cidade, fonte de serviços, diminui o gasto temporal com os trabalhos domésticos e ainda a multiplicação de pontos de encontro social, bem como a proliferação dos meios de telecomunicação quase suprimiu a ideia de casa como espaço prosaico para a recepção privada de visitas.

039 The Environment Bubble, François Dallegret, 1965



A casa, hoje, mais do que nunca, evidencia-se como elemento que melhor espelha o indivíduo na sociedade e as suas aspirações pessoais. A questão fundamental que continua a pôr-se é a liberdade das famílias e dos indivíduos na vida social, podendo a habitação desempenhar neste capítulo um papel capital. (...) a ideia duma libertação progressiva dos homens, das pressões que sobre eles pesam adentro da vida social, pode ser um guia muito seguro para os urbanistas que querem participar na construção duma Humanidade mais feliz. (NESBITT, 2006: 447)

No ponto de vista contemporâneo de Paricio & Sust, la privacidade que fundamentalmente se ha de proteger en la vivienda no es la que se debe entre sus ocupantes y los visitantes sino la que debe haber entre los mismos ocupantes. Es por ello que, en caso de que se concentrem todas las habitaciones de una vivienda, es más razonable que esta concentación se produzca junto de la vivienda que en su fondo. (PARICIO & SUST, 2004: 37)

A PROCURA PELA MUTAÇÃO

Acredita-se que a problemática central da morada, hoje, é a necessidade de adaptação à realidade mutável da sociedade global, diametralmente relacionada com os métodos de produção em série, com os ritmos de vida e a alteração dos valores de referência cultural.

Na etapa de execução projetual um conjunto de elementos separadamente ou em aglomerado contribuem para a fácil criação do conceito de flexível salientam-se: a utilização de um sistema estrutural independente, a incorporação da fachada livre, o recurso à modulação, a inserção de núcleos de circulação vertical (os núcleos de serviço w.c. e cozinha) ou horizontal (pisos elevados para o agrupamento das infraestruturas técnicas).

Segundo uma visão pragmática do assunto para obter uma casa flexível capaz de se reinventar há que ter em conta algumas das seguintes considerações-chave entre elas estão a concepção de uma habitação "anónima" de fácil adequação a um grande espectro social, a previsão da evolução da ocupação ao longo do ciclo de vida do lar, a consideração das mudanças temporárias dos ritmos quotidianos e a antecipação da incorporação de novos equipamentos.

⁻

¹⁵ Anónima neste contexto não significa indiferente ao contexto físico e social no qual se integra, relaciona-se com a concepção de uma habitação para um espectro mais alargado, que não somente definido pela classe social ou pelo agregado familiar, mas sim pela pretensão comum de um dado conjunto de indivíduos no meio sociocultural alvo.

Numa época de incertezas e rápido desgaste do interesse e da capacidade funcional das coisas, a habitação converteu o seu significado em algo mais do que alojamento, é um objeto passível de modificação conforme a individualidade do(s) seu(s) morador(es).

Consequentemente estabelece-se uma questão, a necessidade de existir um "modelo" arquitetónico pelo qual a habitação poderá reger-se de modo a responder de forma rápida e multifacetada às inúmeras necessidades de utilização que lhe são propostas. Deste modo, a flexibilidade habitacional surge, portanto, não como uma tendência, mas como um princípio transversal para todas as habitações independentemente das várias possibilidades de abordagem.

Uma vez realizado, o espaço continua a viver de exigências de uso, mas estas continuam a mudar e com estas muda ulteriormente o programa inicial, é, portanto, exigido que o espaço tenha a capacidade de suportar as exigências a que deve adaptarse. CANNAVÓ (2006:18)



040 Estudo sobre a personalização dos espaços através da combinação de materiais, cores e texturas, SANAA

A ADAPTAÇÃO FLEXÍVEL DA HABITAÇÃO

2.2.1. Longevidade [A habitação para além do seu ciclo vida]2.2.2. Ambiguidade [A habitação expectante]2.2.3. Evolutividade [A habitação "móvel"]

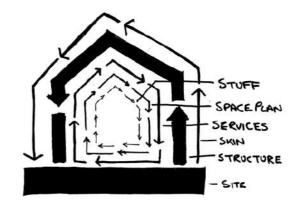
Dentro da categoria da habitação flexível existem sub categorias de métodos de flexibilidade, cunhadas através da perspectiva de autores que investigam esta problemática, como uma suma das diferentes leituras efetuadas, é agora apresentado de modo tripartido uma perspectiva genérica: a longevidade, como um conceito metodológico que se surge quando o ciclo vivencial do habitar é viável a longo prazo sem a necessidade de modificar estruturalmente o edificio esta engloba uma grande variedade de processos/soluções de adaptação que são idealizados na fase de projeto, a ambiguidade enquadra-se como uma abordagem neutra no qual a identidade vivencial do edificio não tem uma marca distintiva, o que poderá sujeitar a uma reformulação do conceito de habitação imparcial quanto ao programa arquitetónico (o híbrido), a evolutividade como uma habitação que através de métodos de transformação "rápida" por parte do usuário se conforma estendendo a sua vida útil.

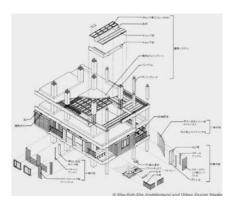
Para uma flexibilidade consciente a diversidade e a evolução da procura deverão pressupor uma diversidade formal da organização espacial para habitantes ímpares, as inovações dos equipamentos deverão de ser passiveis de adaptação à morada, a transformação do espaço coletivo deverá ser concordante com os espaços privados e a optimização da configuração da célula deverá permitir a reconstituição formal da fachada.

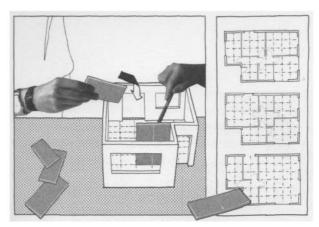
Segundo Ábalos y Herreros o interior no futuro será: constituído por volumes interiores de uso específico juntamente com divisórias mutáveis, alterando de forma radical as relações interior-exterior, bem como a relação com as habitações adjacentes. (PARICIO, & SUST, 2004: 57)

Na esperança de adivinhação do futuro da habitação destacam-se dois modelos: a habitação estática e a habitação inacabada.

A primeira define-se pela atenção ao desenho da unidade, pela importância da percepção global, a independência da formulação exterior do involucro interior, a







041 O modelo proposto por Jonh Habraken de "Open Building", no qual a estrutura é independente do conteúdo, edifício NEXT 21, Osaka, 1993

042 O modelo proposto do edificio como um sistema constituído por camadas, sendo que a cada uma corresponde uma fração do ciclo de vida espectável do edifício

043 A presença do arquiteto durante todo o projeto e junto da comunidade é fundamental para a viabilidade da habitação flexível





consideração da proporção, a possibilidade da localização periférica dos elementos comuns e uma maior diversidade de perspectivas de modificação.

A habitação inacabada como resultado de uma base projetual complexa para a previsão do maior número possível de variações possibilitando um decréscimo significativo do preço da habitação e a utilização de elementos pré-fabricados para os acabamentos e consequentemente permitindo a personalização por parte dos habitantes.

How we deal with all these aspects of time and uncertainty when we are designing such slow-moving objetcts as buildings? LEUPEN (2005:12)

Inseridas na temática da flexibilidade de uso, o *soft* e o *hard* compreendem abordagens distintas no qual o primeiro possibilita uma certa indeterminação, enquanto que o *hard* é constituído por elementos que determinam especificamente a forma como o desenho é aproveitado, é importante referir que a metamorfose do uso possibilita um caráter polivalente e multifuncional sem que a estrutura sofra qualquer alteração. A flexibilidade do espaço e da função são qualidades essenciais para a apropriação, absorção e resposta às indigências e exigências variáveis de diferentes utilizadores.

Numa outra margem a casa-serviço de Platzer categoriza o espaço de habitar em dois grupos determinados pela relação que a morada estabelece com o ambiente cultural de suporte, Kolkoz trata-se de um condomínio onde estão situados os serviços vitais ao quotidiano do usuário, exteriores ao limite do apartamento/moradia, e o seu consumo é comum à comunidade que nela se circunscreve a Unité d'Habitation é um dos exemplos clássicos da materialização deste conceito, o Cocoun pressupõe a presença de todos os serviços no espaço urbano, como suporte do espaço habitacional, sendo o seu consumo efetuado no alojamento, como no modelo idealizado de Unidade de Vizinhança.

Quanto mais influência podermos exercer pessoalmente sobre as coisas à nossa volta, mais nos sentiremos emocionalmente envolvidos com elas, mais atenção daremos a elas e mais inclinados estaremos a trata-las com carinho e amor. Só podemos desenvolver afeição pelas coisas com as quais nos identificamos — coisas sobre as quais podemos projetar nossa própria identidade e nas quais podemos investir tanto cuidado e dedicação que elas se tornam de nós mesmos, absorvidos pelo nosso próprio mundo pessoal.

HERTZBERG (1999: 170)

LONGEVIDADE

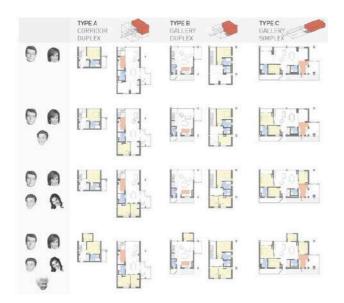
Herman Hertzberg escreve e projeta segundo uma forma interessante de aplicação da flexibilidade, sendo esta, a polivalência¹⁶, o autor, afirma que o facto de existirem distintas atividades dentro de uma habitação não significa de imediato que estas exijam um tratamento de acordo com a lógica do zoneamento, ou seja, um espaço para a execução de cada tarefa, o ideal é a coexistência de usos, porque na verdade o estático perturba a natural usabilidade e fluidez entre objeto(s) e utilizador(es).

Esta cristalização colectiva da liberdade individual de ação atribui um objetivo predeterminado a cada lugar da casa e da cidade... HERTZBERGER (1999: 147)

Um dos princípios fundamentais desta solução é a preservação da identidade, partindo da noção de flexibilidade como um meio de simplificação da adaptação do espaço ao usuário e não como um espaço de incerteza, sem valores ou diretrizes que possam incentivar a manipulação progressiva das pessoas ao habitar, *a arquitetura deveria oferecer um incentivo para que os usuários a influenciassem sempre que possível, não apenas para reforçar a sua identidade, mas especialmente para realçar e afirmar a identidade de seus usuários.* (HERTZBERGER, 1999: 148)

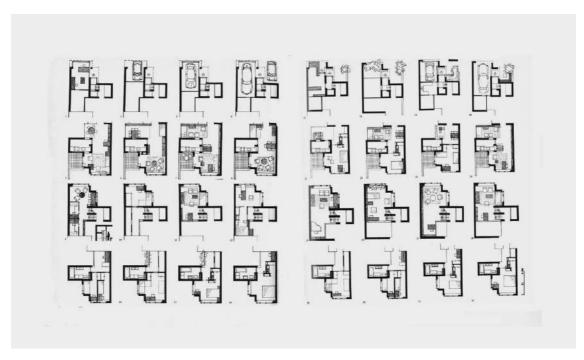
Tomando como mote ideias como *criando espaço, deixando espaço* (HERTZBERGER, 1999: 152), este, apela a uma complementaridade e a uma construção faseada da habitação, não é imediato vai sendo estabelecido ao longo do tempo, o problema de um espaço vago é o de à priori oferecer uma vastidão de alternativas que poderão funcionar como inibidoras da utilização, quando não existe um pressuposto indicador de uma possibilidade, será *necessário também que quem vai fazer a escolha possa visualizar as possibilidades uma a uma segundo seu próprio modo de pensar.* (HERTZBERGER, 1999: 162)

¹⁶ A polivalência neste contexto ganha uma especial espessura para a compreensão de um paradigma que se prolonga para além da arquitetura, o múltiplo e a relatividade caracterizam o *modus vivendi* e a modo de atuação do individuo do novo milénio, logo o espaço por principio deve adaptar-se e ser capaz de responder à demanda que este cria.



045 Quadro de estudo sobre a evolução da habitação ao ritmo das mudanças no agregado familiar

046 Diagoon Housing, Delft, Holanda, Herman Hertzberger, 1967-70



Dentro desta lógica de uma organização espacial polivalente o mais curioso é facto do arquiteto não ditar como viver, mas sim como melhorar a experiência vivencial, através da previsão de múltiplos cenários no qual o usuário é capaz de ser autossuficiente para fazer alterações. Em termos práticos alguns destes incentivos são: a existência de um anexo como uma *mezzanine*, um terraço ou uma cobertura que poderá constituir uma futura inclusão, a adição de elementos verticais ou horizontais, a expansão orgânica do espaço usado dentro dos limites da estrutura do edifício, a subtração/divisão/adição de módulos, a partilha de compartimentos ou de um espaço neutro entre habitações e também a antecipação das possibilidades de conexão/circulação.

A admissão de soluções de organização que funcionem como um "espaço bónus" serão uma mais-valia a longo termo, destes são exemplo a inclusão de um quarto com acesso direto pelo hall, de modo a funcionar independentemente da restante habitação, esta é uma solução interessante para filhos que pretendam ter maior independência ainda que em casa dos pais ou mesmo para o incremento de atividades laborais independentes.

A abertura de um quarto para a área comum é uma solução que poderá possibilitar a sua expansão e o funcionamento futuro como estúdio.

Resumidamente a longevidade baseia-se no tratamento das atividades de forma sobreposta no qual os valores de autonomia e realização pessoal são estruturantes para a formulação do espaço.

la vivienda deja de ser un conjunto de habitaciones minuciosamente distribuídas para convertirse en un "espacio destinado a la habitación", un espacio defenido desde una perefiria funcional y manisfestado como un vacío "por conquistar".

GAUSA (2002: 29)

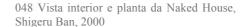
AMBIGUIDADE

A designação de habitar ambíguo é talvez a menos consensual e mais criticada pela sua difícil definição é complexa a ponto de transbordar o seu âmbito de flexível para o âmbito do hibrido que trata de uma transformação para lá do espaço do programado, ou seja, do programa propriamente dito.

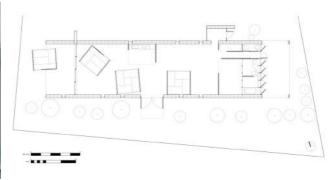
A incerteza programática e o modelo arquitetónico de *open space* de escritórios organizados em cubículos são as referências fundamentais para a indefinição no projeto da habitação, a necessidade de alojamento rápido/temporário e de custo reduzido no qual as instalações incluídas são as básicas para a a viabilidade funcional do espaço, permite que a ausência seja revista e observada como um incentivo para a liberdade e responsabilidade individual sendo colocada à prova e na qual a "necessidade aguça o engelho", o espaço passa para segundo plano e a aspiração do usuário toma a vanguarda no ato de construção do habitar.



047 Fotograma do filme "Playtime", Jaques Tati, 1967







Esta subjetividade do lugar onde a domesticidade pode ser exercida é por um lado um confronto difícil com o vazio e por outro lado uma tela em branco perfeita pela sua característica principal, um espaço vago de estrutura nua, aberto, amplo, portanto por principio mais flexível que qualquer outro espaço mesmo que minimamente compartimentado. O desafío será mesmo perceber quais as situações adequadas para a utilização deste tipo de proposta e em simultâneo ter um cuidado acrescido no momento de recepção do usuário no espaço. O usufrutuário deve ser provido de ferramentas que o capacitem de fazer um uso eficaz do espaço, aqui o arquiteto toma um papel ativo junto dos habitantes, este deve possuir a capacidade de reinventar a relação arquiteto – usuário atribuindo-lhe uma liberdade cooperativa entre aquele que cria o potencial do espaço e aquele que vive a partir desse potencial.

"Change" has become a buzz word o four time: markets have become volatible, social structures fluid and our ecological future seemingly unpredictable. Yet most buildings are still designed as if nothing ever changes in and arround them. There are solutions to this dilema – but they require design ingenuit, open mindedness and thinking about longer time horizons from architects and developers alike.

Daylight & Architecure #16 (2011: 100)

EVOLUTIVIDADE

O evolutivo pressupõe a existência de uma dada identidade que apesar de permanecer tem em si mesmo a capacidade de alterar a sua capacidade funcional este é o método mais visível que em colaboração com o design cria a casa como uma pequena máquina mutável com elementos deslizantes/móveis ou dobráveis, compartimentos que surgem da supressão de um espaço ou que se anulam na ausência da sua necessidade funcional. O espaço mínimo foi uma temática introduzida pela habitação Moderna, mas só agora é realmente vista como um assunto realmente primordial de larga amplitude social para a habitação em contexto urbano, como consequência da densidade populacional que causou uma sobre ocupação do edificado. Um ambiente reservado é mais do que nunca um bem precioso e de estima, um valor que exige ser tratado com igual nível de qualidade que qualquer outra modalidade e sobre o qual o sector imobiliário tem um impacto decisivo para a gestão da procura /oferta.

Os citadinos mais jovens são a unidade exemplar para a construção dos valores de transformação propostos atualmente, eles necessitam de um espaço que cumpra com os imperativos funcionais mínimos para o seu conforto pessoal tendo sempre presente que a habitação jovem é um valor temporário, eles vivem mais a cidade, viajam, mudam de emprego com maior frequência, mas ao mesmo necessitam de um apego simbólico, um referencial para a sua própria existência numa era de ecletismos e outros "ismos" que conduzem a que cada casa seja cada vez menos espaço e mais uma questão de tempo.

A habitação de dimensões reduzidas ou o espaço de uso uso mínimo são aqueles que requerem a utilização de técnicas de flexibilização mais complexas, logo o evolutivo é o preferido para a resolução desta problemática as seguintes estratégias para uma intervenção no século XXI são um exemplo sumário das características mais repetidas nas habitações atentas à flexibilidade de uso: a eliminação ou substituição temporária de uma divisão, a concentração circunscrita de equipamentos, a supressão de funções como

o tratamento da roupa e sobretudo a inclusão de mobiliário de design padronizado, modular ou mutável.

As atuais áreas de uma habitação genérica são demasiado encurtadas para a categorização em zonas de dia-noite ou de íntimo-social-serviços, portanto será mais adequado utilizar novos conceitos como: comum-privado, pais-filhos ou espaço c/equipamentos - espaços s/equipamentos.

As relações e atividades da sociedade são complexas e movidas pelo materialismo, pela aquisição de bens que é claramente superior à necessidade e à capacidade de armazenamento dos mesmos, insurge assim a dúvida: poderá então a habitação ser mais um espaço de armazenamento de coisas, de gavetas, caixas e compartimentos do que um espaço de usufruto?









049 A B O *fusuma* tradicional japonês no Void Space / Hinged Space housing, Fukuoka, Steven Holl, 1991

050 A B Dia/Noite, Viviendas de protección pública en Carabanchel, Madrid, Arquitectos: Aranguren y Gallegos, 2005

2.3. A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO CONTEMPORÂNEO ASPIRAÇÕES OU NECESSIDADES?

Tenho, logo existo? [UMA casa] O nosso referencial no mundo. [A Casa]

A apropriação por parte dos moradores é o ato destes se relacionarem com o espaço físico segundo a sua individualidade, que, por principio, será sempre distinta. A colocação de mobiliário e a decoração são as ferramentas que o habitante utiliza atualmente para demarcar a casa como sua, portanto há uma transição notória do: ser uma casa, para ser a casa de ..., permanentemente ou temporariamente aquele espaço é propriedade de quem o vive. Esta forma de dialogar com a casa faz cada vez mais sentido já que a habitação em apartamento tipificado prevalece como o exemplar mais comumente habitado, com uma arquitetura rígida na qual quem a utiliza pouca influência nela pode administrar.

O facto que mais se tem verificado é de a casa servir como um bem socialmente obrigatório e que este maioritariamente só satisfaz as necessidades básicas de modo medíocre, devido a dois problemas que se intensificaram após o fim da 2ª Guerra Mundial, resultantes da subversão do conceito inicial de espaço mínimo para o de espaço pequeno, por um lado o fenómeno do consumismo e por outro a procura intensa de habitação, que consequentemente resultou na crescente especulação imobiliária impedindo uma natural evolução do modo de habitar para a globalidade, com efeito hoje verificam-se acentuadas disparidades na oferta de habitação e na forma como esta potencia uma vivencia mais libertadora e pessoal.

Tal como Távora defende ...uma casa é uma caixa onde a gente mete as pessoas. Na medida do possível, com o máximo e tempo, porque a vida das pessoas muda muito. Há a chuva, há o vento, as crises económicas, o menino que morreu, a senhora que teve uma doença, etc. E altera-se tudo. LOPES (2017: 66)



051 Sem título, (Painel Edifício 1), Berlim, 2004

Acredita-se que hoje e para o futuro a casa tornar-se-á essencialmente de cariz cosmopolita sendo mais que tudo um objeto abstrato, um ponto de referência num mundo de instabilidades e em busca de uma certeza existencial.¹⁷

É importante ter em consideração o facto da semântica da família constituir-se como um fator ativo na experiência do lar, que agora, ao longo da sua vida útil será hospedeira para mais curtas gerações de distintos indivíduos ou agregados.

En un espacio así la creatividad desplegada en el habitar es máxima pues todas las opciones están abiertas; ÁBALOS (2005: 127)

A diluição dos lugares específicos para o desenvolvimento de uma determinada função é o fruto de uma vivência mais aberta a novas possibilidades, a privacidade converte-se mais numa questão relacionada com o tempo¹⁸ que dispendemos a desenvolver uma atividade, do que com a assimilação de um espaço concreto. Muitas atividades desenvolvidas são de caráter singular, devido ao predomínio do uso das tecnologias digitais nas tarefas do quotidiano.

A redução e reformulação no âmbito da família é equivalente a uma crescente redução do tempo gasto em casa e na forma como o aproveitamos, o que futuramente implicará

_

¹⁷ A casa desde os seus primórdios é conotada como abrigo (lugar protetor dos fatores externos como a chuva, o vento, as tempestades, ou a insegurança, o ruido e a poluição), hoje, prevê-se que esta seja muito mias um elemento representativo (marco existencial), que viverá essencialmente do seu contexto (ex: metrópole). A casa física reduzir-se-á ao essencial não significa que nos iremos acomodar em micro capsulas, apenas que teremos uma relação de complementaridade consciente com o habitat natural em que nos encontramos, com o *Genius Loci*.

¹⁸ Pelo facto de não existir uma dependência intrínseca entre a execução de uma atividade e o espaço em que esta é executada por consequência da nova modalidade contemporânea da mobilidade, o tempo despendido numa tarefa tornou-se mais importante, o *multitasking* prevalece e o espaço adquire uma maior leveza de modo a acomodar as dinâmicas que se querem fluidas, libertas e constantes mesmo num momento de serenidade espera-se uma supremacia da atividade humana sobre o espaço, sendo essa mesma um elemento definido pelo tempo.

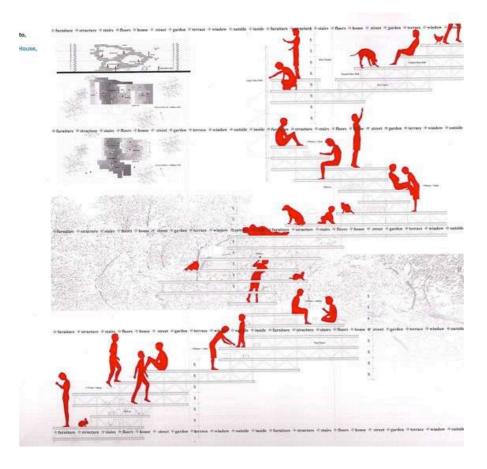
de modo universal a uma diminuição da compartimentação organizacional do espaço, à ausência de funções, hoje, obrigatórias, como cozinhar e tomar refeições e a incorporação de novos espaços que potenciem novas funções e usos com novos programas associados como escritórios ou serviços, portanto ao surgimento de novas exigências de privacidade, segurança, conforto, de infraestruturas e conectividade.

A casa atelier em Hokkaido, no Japão foi um projeto não construído, que serviu de base para a materialização de projetos posteriores como a casa NA em Tokyo, da autoria de Sou Fugimoto, o seu interesse expressa-se no modo de reinterpretação das formas primárias de habitar na natureza, sendo a árvore o elemento referencial para uma revisão dos espaços interiores e das relações passiveis de suporte, bem como um propiciador da ruptura da ideia claustrofóbica do arquétipo da casa estendendo o seu âmbito e atribuindo relevância à atividade existencial, como confirma Sou Fugimoto: *The intriguing point of a tree is that these places are not hermetically isolated but are connected too ne another in its unique relativity.* (archdaily, 2018)

O espaço habitável distribui-se em camadas/níveis funcionando como um todo ou individualmente, estes patamares interiores assemelham-se a mobiliário permitindo uma abrangência e fluidez funcional libertadora, desempenhando a função de circulação, de assento ou de nicho de trabalho, a versatilidade entra em ação no momento em que o individuo está no espaço e, portanto, o manipula.

A reforma de regulamentos basilares como o RGEU (Regulamento Geral das Edificações Urbanas), será o veículo para uma revisão consciente da casa perante um utilizador e um uso cada vez mais exigente e individualizado, as restrições impostas pelos regulamentos e pelos limites culturais não permitem um verdadeiro usufruto do espaço e o preconceito na domesticidade é um sinal de que, maioritariamente, a arquitetura não está a comunicar devidamente o seu propósito de atribuir uma ordem natural à vida.

"Wild" space is domesticated by architecture into cultural space that articulates and directs our behavior, thoughts and feelings. Architectural space mediates between the natural and the man-made, immmensity and intimicy collectivity and individuality, past and future. Juahani Pallasma in Daylight & Architecture #16 (2011: 11)





2.4. A REABILITAÇÃO ATRAVÉS DA FLEXIBILIDADE

A flexibilidade é um método transversal de aplicação na arquitetura e justifica-se ainda mais no âmbito da reabilitação, pelo facto de existirem demasiados edifícios obsoletos ou em risco de assim se tornarem, o caso concreto da Habitação Moderna de âmbito coletivo é interessante como uma forma de pôr à prova o idealismo que nela foi colocada, será que estes têm na sua gênese um verdadeiro potencial flexível, apenas à espera de uma renovação em termos construtivos?; E as relações de convivência que esta habitação previu, mantêm-se?;

Todas as questões que possam vir a ser levantadas acerca deste tema necessitam do esclarecimento prévio dos conceitos de Reabilitação e de Flexibilidade, de modo a perceber de que modo estes se complementam na ação do projeto do (re) habitar.

Entende-se por reabilitação flexível neste âmbito, um método de reabilitação transversal a todas as variantes constituintes da arquitetura do habitar, como a organização espacial, a vertente construtiva, desde o estrutural, aos acabamentos ou dos equipamentos e estruturas técnicas e tecnológicas, agora aliados a um instrumento singular, a flexibilidade, sendo usado para capacitar um elemento, ou um conjunto de elementos de adaptarem-se, moverem-se ou transformarem-se. A utilização da ferramenta da flexibilidade ¹⁹ na reabilitação prever-se-á como uma indutora de transformação do *layout* espacial ao longo do tempo de acordo com o uso espectável, uma oportunidade para a renovação das tecnologias incorporadas, uma possibilidade de adaptação às alterações demográficas e uma abertura para a alteração da habitação para um novo tipo de programa de habitar

Only about 1% of the European building stock is newly built each year. Half o four entire building stock dates from the period between 1945 and 1980 and have now reached an age where a major refurnishment is due. Daylight & Architecure #16 (2011: 30)

Uma das linhas de pensamento defendidas nesta temática é da rejeição da demolição, ou seja, a permanência ao máximo do existente, alterando somente o imprescindível para a

-

¹⁹ O método de projeto constitui o *modus operandi*, segundo o qual o arquiteto se rege para a concretização do projeto, neste seguimento quando aliado ao âmbito da flexibilidade significa que desde uma primeira análise ao contexto, à estratégia de atuação, até ao último detalhe de execução, tudo deverá ser concordante com a ideia da flexibilidade, a flexibilidade é entendida não como um acessório do qual a arquitetura se serve, mas sim como um elemento primordial em si mesmo do qual a arquitetura, deve provir-se para um futuro sustentável.

viabilização de um novo programa adaptado ao existente, numa atitude promotora da reutilização, reciclagem e da redução do desperdício.

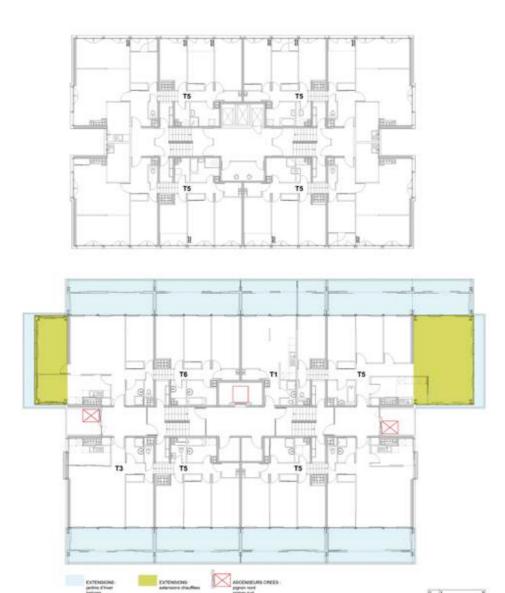
Um dos projetos exemplares de modo transversal desta forma, anteriormente referida, de intervir sobre a habitação social é a reabilitação do Edificio de apartamentos Bois-le-Prête, construído na década de 60 na cidade de Paris, agora reabilitado pelo atelier Lacaton & Vassal em parceria com Frédéric Druot no qual a mais importante intervenção foi a simples inclusão de um jardim de inverno em cada um dos módulos habitacionais potencializando a flexibilidade de vivência do espaço, bem como acrescentando valor ao uso quotidiano, sem descurar a preocupação em relação à aceitação por parte dos habitantes e não aumentando o valor das rendas por imóvel.

By allowing the residentes to define the usage and the climate of there new surrowdings, this project allows them to change their living space like a stage set - something rarely encountered because of a lack of alternatives and interior space. Karine Dana in Daylight & Architecture #16 (2011: 60)

A expansão a partir da base habitacional existente permite por um lado um aumento da área da casa, flexibilizando a gestão do espaço o que conduzirá à reordenação do habitáculo e a uma nova relação com o exterior, no caso de Bois-le-Prêtre a substituição da enclausura da fachada por extensos panos transparentes potencializando a eficiência energética e a salubridade com uma maior recepção de luz solar e ventilação do ambiente fechado. À data de conclusão do projeto registou-se um aumento da área original de 8400 m² para uma área pós-intervenção de 12460 m².

Os apartamentos deixaram de estar conotados com uma vivencia compartimentada, ao ganhar espaço de ação e possibilitando pontualmente uma polivalência de usos, particularmente na zona social que se estende até ao novo jardim de inverno.

Para além do aumento planimétrico a possibilidade de cada uma das tipologias base variarem a sua disposição, neste sentido fica a ideia de que não existem dois tipos iguais, esta atitude prevalece como um sinal de atenta compreensão da importância da







053 A B As plantas de pisotipo do antes e depois coma a adição da área envolvente ao edifício existente assinaladas a mancha azul e verde

054 A B Fotografias do antes e depois de um dos apartamentos de Bois-le-Prêtre abrangência a agregados distintos, como por exemplo um apartamento, hoje, é um T3, com três quartos, mas amanhã poderá ser um T2 porque o agregado reduziu e o espaço necessita de rever o seu enquadramento no todo que é o apartamento, devido às pequenas diferenças que foram vertidas no projeto há um maior sentido do "meu".

É visível esta receptividade após a entrevista a alguns dos moradores como a senhora Dorsemaine: ... I often go on the balcony and put others samll things there. I really like having air. I see the surroundings differently now. Last night I watched the sunset, and I could see Mont Valérien reaaly easily... (Daylight & Architecure #16, 2011: 63), uma outra habitante, a senhora Jean-Charles, salienta positivamente a coparticipação na construção do projeto: During the Works, the firm and the architects came to see me frequently to ask me to choose the wallpaper, the colours and the tiles. I think it's really importante to envolve people and give us right to change our lives.

(Daylight & Architecure #16, 2011: 63)

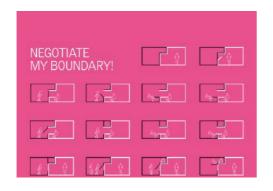
Um outro projeto de reabilitação num grande conjunto habitacional de cariz modernista é o Kleiburg em Zuidoost projetado inicialmente por Siegfried Nassuth, datado da década de 60, num contexto urbano assente numa grelha hexagonal fortemente determinada pelas diretrizes ditadas pelos CIAM. Trata-se de um aglomerado edificado constituído por 500 apartamentos, com 400 m de extensão e 11 andares, no qual o objetivo seria criar numa nova relação entre a cidade Moderna e as raízes campestres numa espécie de cidade-jardim vertical, no qual o tráfego era hierarquizado de acordo com a sua categoria, a vivência idealizada não veio a concretizar-se e o que se sucedeu posteriormente foi uma deterioração progressiva, devido a uma economia inapropriada na fase de execução, à ausência de comunicação dos projetistas e à permanente incompreensão da comunidade, à carência de manutenção e ao surgimento da procura por uma nova tipologia, a casa suburbana. (NL Architects, 2018)

Foi recuperado pela sociedade entre os ateliers NL Architects e XVW Architectuur, entre 2012 e 2016, o conceito da intervenção baseou-se no respeito pelo significado arquitetónico que este detinha modificando apenas partes da construção em betão para a inclusão de novas circulações verticais, de permeabilidade ao nível do piso de rés-do-chão e na conversão dos serviços deste piso numa dinâmica vertical distribuídos em altura, as fenestrações viradas para as galerias de circulação foram substituídas por outras de maior dimensão que permitissem uma adaptação ao gosto dos residentes, uma maior salubridade particularmente nas anteriores tituladas de zonas de serviços.

Relativamente aos apartamentos, a principal medida foi a flexibilização da unidade através da multiplicação do número de combinações diferentes, permitindo a compra do invólucro habitacional por um preço extremamente reduzido, que poderá ser adaptado e personalizado, criando novas tipologias e a ainda admitindo a combinação de dois apartamentos na vertical ou na horizontal. Este programa foi possível através da integração mínima de elementos secundários à estrutura, o apartamento é o mais amplo possível admitindo o cruzamento de atividades

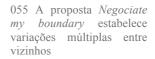
Uma outra proposta consonante, de cariz experimental, parte do princípio de negociação dos limites da casa através de uma plataforma na internet prevê-se que no futuro haja uma flexibilidade na reutilização do habitar (a ideia de que a reabilitação/manutenção da vida útil dos edificios habitacionais é executada através da emancipação dos moradores na gestão do espaço impedindo a sua degradação física e vivencial).

Negociate my boundary! propose a modelo of customising and purchusing dwellings via Internet. Mass-customised collective housing with users participation is provided throught web-based software wich triggers intensive intervencionn and negotiation among future clientes. This takes place in a real-time environment with incorporated speculative Market-strtegies ("stock-exchange" model). Daylight & Architecure #02 (2011: 41)



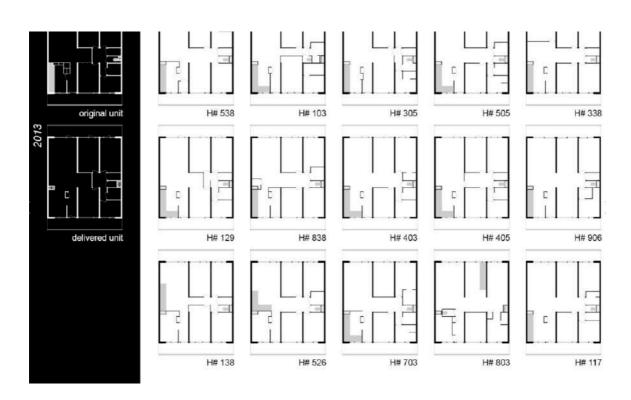






056 Fotografias do depois da reabilitação de dois apratamentos do conjunto Kleiburg

057 Quadro descritivo das variações previstas pós intervenção da planta original da unidade



2.4. CASOS DE ESTUDO DO HABITAR CONTEMPORÂNEO

[Bairro da Malagueira 1973 A. Siza]

[Vivendas Experimentais Nemausus 1985 - 87 Jean Nouvel]

[Semi-colletive Housing, 23 dwellings 2010 Lacaton & Vassal]

Como sumário do estudo, de método equiparado aos anteriores casos de estudo, foram analisados de forma transversal a vivência Contemporânea e a respetiva e essencial relação desta com o projeto de Habitação, a morfologia do espaço e a sua apropriação são os fatores gerais que suportam os critérios potenciadores de flexibilidade, estes são: a incorporação do modelo casa-pátio, o minimalismo formal do exterior, como potenciadores de Evolutividade; a libertação espacial e fluidez funcional, a concentração de núcleos para as infraestruturas técnicas, como exemplares do critério de Durabilidade; a abertura da fachada e a inclusão de variantes de um módulo base de habitação, indutores de Diversidade.

BAIRRO DA MALAGUEIRA 1973 A. Siza

O Bairro da Malagueira é um projeto de horizonte social com uma implantação numa área de 27 hectares, no qual cada habitação tem no máximo dois andares, consolidando uma superfície de alta densidade com 1200 habitantes. O projeto concretizado seguiu as diretrizes de elementos já existentes, como o aqueduto e velha malha urbana que agora agrega uma nova matriz ortogonal adaptada à topografía local, ao rio e às vias pedestres com cerca de 4-6m de largura, gerando agrupamentos de residências, resultantes das interseções promovidas pela nova geometria nos espaços intersticiais, à data do projeto previram-se equipamentos públicos, lojas, estacionamento e espaço para recriação e circulação. (ver figura 059)

A espontaneidade vernacular anteriormente existente nos bairros clandestinos à volta da cidade conservar-se agora no bairro da Malagueira, nos bairros alterava-se a rústica construção de acordo com a vontade de quem nela se abrigava, servindo-se das matérias que encontravam na proximidade funcionavam como um organismo vivo com células agrupadas como uma comuna.

O sistema de aqueduto foi o pretexto para a construção de uma estrutura em betão elevada em relação ao solo para o suporte de instalações técnicas e hidráulicas.

As habitações, propriamente ditas, seguem o modelo de casa-pátio partindo de uma planta em "L", que permite segundo os seus limites o aumento ou a redução do número de quartos de cada casa, portanto o espaço liberta-se de forma a que o habitante construa um uso mais próximo com aquilo que são os seus ideais, o cruzamento de usos no futuro será também uma variável mais facilmente possível, devido a esta elasticidade do projeto inicial. Esta possibilidade de acrescento de volumes admite também que os espaços se tornem no futuro mais multifacetados, podendo no futuro funcionar de forma independente, emancipando parte da morada para criar um espaço "autossustentável".

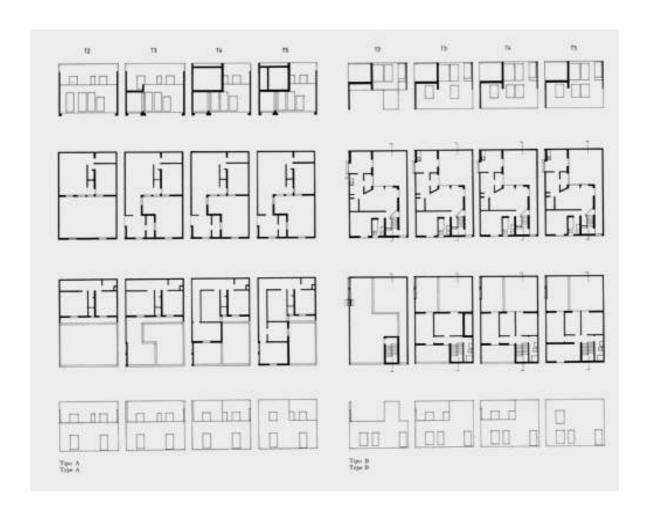
Apesar desta abordagem de flexibilidade ao longo termo é um facto que no uso do diaa-dia a planimetria da vivenda é mais rígida, nomeadamente, no que concerne às circulações interiores, os corredores marcam ainda, de um modo notório, a transição entre usos e compartimentos.

De uma conceção que resultou da colaboração estreita entre arquiteto e futuros moradores foram apresentadas duas variantes A e B que poderiam posteriormente multiplicar-se em inúmeras hipóteses de combinação espacial e oportunidades de fruição, sendo que cada lote tem 96 m², numa configuração correspondente a 8,00m x

12,00m, é ainda de salvaguardar o facto da obtenção desta base espacial flexível ser unicamente possibilitada por meio da estipulação de núcleos fixos para as infraestruturas técnicas, o que resulta em simultâneo numa eficiência do sistema, por exemplo, do fornecimento de águas e eletricidade. (ver figura 058)

A solução adotada do pátio interno para além e atender aos requisitos de ampliação futura cria um microclima interno, mais confortável, resguardado das condições climáticas mais adversas e ainda é um método passivo para a obtenção de luz natural, a previsão de vegetação nas moradias é mais uma técnica para melhorar os valores de humidade relativa no Verão.

É de salvaguardar a duplicidade na atitude projetual que por um lado procura uma homogeneidade ao suavemente pousar a arquitetura sob as alterações do proporcionadas pelo terreno e por outro incentivar ainda dentro de regulamentos conservadores a personalização de cada habitação em detalhes que só existem atentando mais de perto. (ver figura 060)







058 Plantas derivadas dos tipos A e B, piso de rés-do-chão e piso 1

059 Fotografía da nova construção para as infraestruturas em primeiro plano em relação às fachadas das vivendas

060 Vista da entrada fachada de entrada das casas a partir da rua.

VIVENDAS EXPERIEMENTAIS NEMAUSUS 1985-87 Jean Nouvel

O conjunto Nemausus constituído por dois módulos tem uma área total de 300 m² contém 114 apartamentos com três modelos, o apartamento térreo, duplex, triplex e tipologias que vão do T1 ao T4 e ainda com 17 modelos/variações diferentes e uma área medida por apartamento equivalente a 91 m².

Nas fachadas longitudinais existem terraços em cada piso, nas fachadas interiores encontram-se os terraços privados com acesso apenas através do interior de cada apartamento com uma orientação solar para sul e os terraços públicos encontram-se virados para a rua com uma orientação norte.

O aspeto mais inovador e que mais contribui para a existência de unidades flexíveis foi o aumento da área livre por módulo resultado da minimização das áreas comuns como as escadas e hall, sendo os acessos efetuados nos terraços, por caixas de escadas exteriores e por elevadores localizados centralmente no interior do edifício.

Para obter módulos flexíveis foi adotado o sistema de modularidade, composto por componentes estruturais estandardizados, o alinhamento das paredes divisórias entre apartamentos do primeiro ao último piso o que permite que a métrica seja exata e todo o espaço contido na estrutura independente desta.

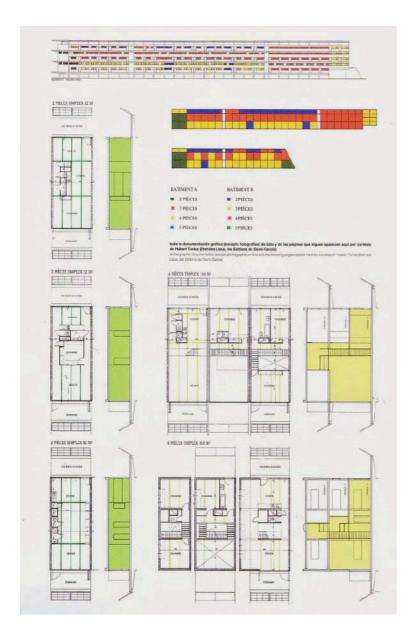
Para cada tipologia foi criado um "x" número de variações do mesmo apartamento no qual a principal diferença encontra-se na gestão da localização do recetáculo fixo para as condutas técnicas como a eletricidade, as zonas húmidas e a caixa de escadas. (ver figura 061)

O prolongamento do perímetro da habitação faz-se por meio de dois métodos por um lado pela inclusão das portas/janelas de grande dimensão que ocupam todo a altura do piso que são as mesmas utilizadas pela indústria para a fabricação das portas utilizadas pela proteção civil, o que equivale a um menor custo visto que são elementos diretamente saídos da produção em série, têm uma eficaz resistência às condições climatéricas e sonoras, permitindo uma abundante entrada de luz natural, por outro a continuidade para lá da fachada através dos terraços públicos é uma clara referência à tradicional rua medieval.

No interior há uma ambivalência nos apartamentos visto que não existe uma função estanque associada ao lugar pelo facto de ser tudo um mesmo espaço apenas pontualmente dividido pela "caixa" fixa que contém as infraestruturas, esta opção permite a eliminação do conceito fragmentário de circulação, a casa é um todo fluido

que ganha identidade quando habitada através da perceção individual do habitante e, portanto, do uso que posteriormente dele possa prestar. (ver figura 062)

Não há de facto um habitante-tipo, identifica-se uma abrangência de estratos sociais, inicialmente previu-se como habitação de baixo custo mantendo uma área generosa através do uso pertinente de materiais e do método da modularidade e da ausência de acabamentos nos apartamentos, o que que não se veio a verificara a longo termo.



061 Esquema com a articulação em planta e em corte de alguns dos apartamentos-tipo, bem como concretização em alçado

062 Colagem de um conjunto de fotografias, segundo uma mesma vista sobre as escadas e das diferenças apresentadas pela apropriação individual, partilhando da mesma luminosidade proporcionada pela transparência da fachada.



Mulhouse Housing 2005 Lacaton & Vassal

O conjunto de habitações do tipo duplex apresenta tipologias variáveis desde o T1 ao T4, com as áreas que variam desde os 102,2 m² e os 165,9 m².

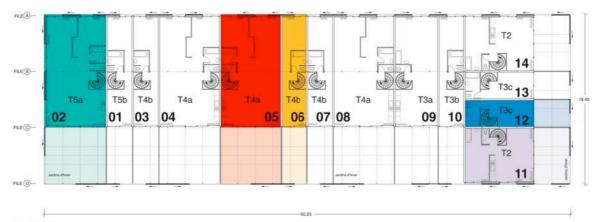
Com o objetivo de obter habitações maleáveis ao uso dos distintos moradores a diversidade é introduzida, sendo esta um ponto fundamental, no entanto, as tipologias não se circunscrevem à simples classificação obtida de acordo com o número de quartos oferecidos, estes, são apenas um indicador das alternativas de expansão ou compartimentação do todo expectante. Este aumento significativo da área resulta da exclusão de espaços de circulação intermédios, aproveitando os lotes ao máximo, funcionando de fachada a fachada com um acesso a garagem através de uma rua interior.

No perímetro circundante ainda é deixado à disposição espaço para a continuação das atividades para fora da casa e o revestimento translúcido selecionado dilui a relação fora/dentro. Neste modelo de habitação social há de facto uma predisposição similar a uma moradia individual, no qual cada casa tem a oportunidade de ter o seu *backyard* privado em forma de jardim de inverno no piso superior.

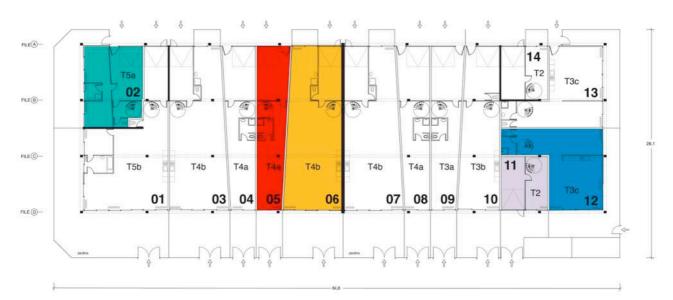
A construção inspirada pela arquitetura das estufas permitiu que grandes vazios fossem criados no interior, havendo unicamente pilares e os núcleos para a água e eletricidade, no piso inferior como a única reminiscência da estrutura e das infraestruturas nela contidas, já que a armação superior é toda ela em metal não possuindo qualquer tipo de obstrução espacial.

A volumetria do espaço livre, só foge à regra com a compartimentação fechada das casas de banho, o acesso ao piso superior através de escada em caracol foi uma outra opção que contribui para um ganho de espaço e poupança de recursos.

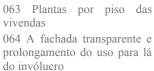
Nestas habitações "o efeito de estufa" prolonga o seu âmbito flexível para lá da organização de cada casa, adaptando-se aos fatores bioclimáticos ao transportar para o interior um conforto térmico obtido através de métodos passivos, o que coloca nas mãos do habitante a liberdade de uso conforme a sua pretensão, a luz e o calor divergem gradualmente quanto mais ou menos filtrados e à medida que se circula pelo espaço propondo conforme as atividades em execução a sua apropriação residual ou permanente.



PLAN R+1







065 O jardim de inverno como prolongamento do espaço e receptáculo de luz



CAPÍTULO III

A Reabilitação do Complexo das Lameiras [$AMANH\tilde{A}$]

O caso prático apresentado do projeto de Reabilitação de vertente flexível no Edifício das Lameiras constitui o culminar dos capítulos anteriores apresentados como uma suma interpretativa de caráter arquitetónico. Apreender com o Passado para compreender o Presente e construir o Futuro é a premissa que melhor descreve a génese da investigação e da metodologia adoptada na estruturação de um projeto/experiência sobre as possibilidades que se apresentam hoje perante nós para a projeção de um ambiente habitacional sustentável à luz das mudanças dos modos e comportamentos vivenciais do indivíduo.

3.1.1. Caracterização Urbana

A existência de planos de iniciativa municipal como a Reabilitação do centro urbano bem como o Projeto de Urbanização da Devesa, as iniciativas de valorização dos espaços coletivos, o patrocínio de eventos e iniciativas culturais como instrumento de marketing e de uma nova dinâmica cultural no qual o conjunto a intervir está contido, são fontes de potencial para a continuidade e reforço da identidade vivencial desde a cultura ou do social aliados à sustentabilidade.

A presença ainda em desenvolvimento de projetos e ações de reabilitação e reforço das dinâmicas do território assentes na rede de espaços e equipamentos coletivos relacionados com a cultura, desporto e ambiente é um indicativo de que a cidade procura reinventar-se porque encontra-se desajustada para a situação atual de um ponto de vista socioeconómico, os quais mantém ainda a forma clássica de abordagem ancorada em instituições privadas ou no âmbito de ações municipais, não havendo nenhuma iniciativa de grande impacto que advenha do associativismo popular que é tão característico da cidade, sendo este o responsável por diversas "obras" no sector empresarial, do comércio



Fig. 066 Os núcleos verdes e culturais da cidade: o Parque de Sinçães, o Parque 1º de Maio, a Fundação Cupertino de Miranda e a Casa das Artes

ou mesmo do desporto. Há uma necessidade latente de reavivar a voz e iniciativa popular num projeto comum e com significado comunitário visível na vida imediata dos intervenientes. (ver figura 067)

O perímetro de proximidade delimitador de uma zona identificável pela sua coerência funcional no sistema urbana é passível de uma divisão partindo da perspectiva do Edifício das Lameiras, no sector norte destaca-se o Parque de Sinçães, no sector nascente o Parque da Devesa, que constitui o elemento fundamental para o desenvolvimento do Plano de Urbanização da Devesa com um itinerário pedestre ainda não conectado ao centro urbano, o CITEVE (Centro Tecnológico Têxtil e Vestuário) e um conjunto de marcos histórico-culturais. (ver figura 068) É necessário estabelecer um elo de ligação com o centro da cidade que neste momento se encontra fragmentado desta vertente nascente, que se anuncia como a continuidade futura para a expansão do centro. No lado poente localiza-se a já consolidada malha urbana que se espera vir a ser alvo de reabilitação do sistema edificado e do espaço entre este, ou seja uma oportunidade de estabelecer diretivas a verter do novo para a raiz histórica da cidade.

A sobreposição do automóvel em relação ao indivíduo é evidente como são exemplo as Avenidas Humberto Delgado e Brasil intensamente movimentadas com tráfego rápido inibidos da circulação pedestre natural, mais fluida, portanto o autocarro é o meio de transporte alternativo mais bem vindo para o futuro, atualmente o Centro de Camionagem não apresenta uma estrutura de acessibilidades e de particularmente de espera pelo autocarro convidativa e confortável para os utentes não tirando qualquer género de proveito da sua localização tangente ao Parque da Devesa.

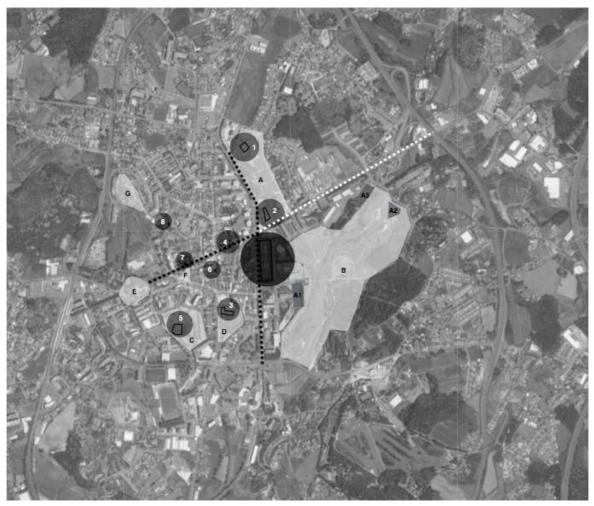


Fig. 067 Organograma estratégico na escala urbana

ORGANOGRAMA ESTRATÉGICO I ESCALA URBANA

- 1- Casa das Artes
- 2- Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco
- 3- Fundação Cupertino de Miranda
- 4- ARTAVE/CCM
- 5- Casa da Juventude
- 6- Museu Bernardino Machado
- 7- Casa Museu Soledade Malvar
- 8- Museu de Arte Sacra
- A1- Parque de Estacionamento CESPU
- A2- Parque de Estacionamento da Devesa
- A3- Parque de Estacionamento CITEVE
- Complexo das Lameiras

- A- Parque de Sinçães
- B- Parque da Devesa
- C- Parque D.Maria II
- D- Parque 1º de Maio
- E- Praça 24 de Julho
- F- Parque do Vinhal
- G- Hortas Urbanas

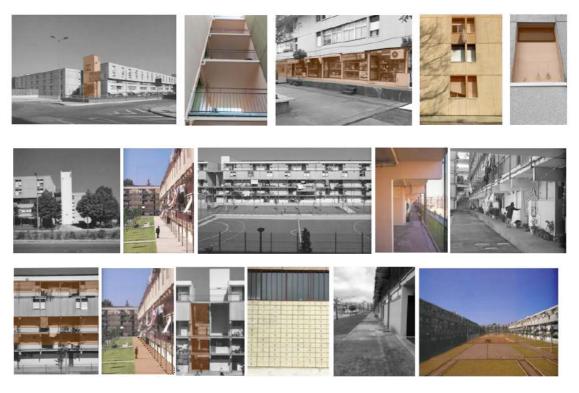


Fig. 068 Fotografías do Edifício das Lameiras – os pontos fulcrais para a a intervenção arquitetónica de reabilitação flexível

3.1.2. Caracterização do Complexo das Lameiras

O Complexo Habitacional das Lameiras, está integrado na freguesia de Antas, na cidade de Vila Nova de Famalicão, num quarteirão de que fazem parte 290 habitações sociais, 30 lojas comerciais, o "Espaço Social, Desportivo e Cultural da AML" e as antigas instalações do Centro Social e Comunitário da própria Associação, no rés-do-chão de dois blocos habitacionais, contíguos à rua da Associação de Moradores das Lameiras, com a frente voltada para o recinto com o mesmo nome.

Associado a este complexo e fruto deste está a AML (Associação de Moradores das Lameiras) com uma ação alargada de intervenção social, cultural e desportiva na cidade de Vila Nova de Famalicão, no Vale do Ave, no país e em intercâmbios com instituições de outros países". (amlameiras, 2015)

"Verifica-se uma vivência com uma identidade que é espontaneamente adaptativa". (ver figura 068)

Uma das características que vale a pena enfatizar é o facto este constituir um exemplar no qual a anteriormente aplicada "ditadura do T3" está presente, portanto o projeto é uma oportunidade para a reavaliação em massa desta tipologia, bem como da definição de tipologia para um futuro a curto e médio prazo, talvez o standard/tipo não seja mais

um copiar/colar mas sim uma base mediamente definida com capacidade de mutação que poderá ter a ver por exemplo com uma expansão ou uma retração de módulos que não estão restritos a um perímetro totalmente rígido.

O espaço interior comum que ocupa grande parte do complexo, apresenta pavimento degradado, os equipamentos de recreio não são convidativos para um uso mais diversificado restringindo as hipóteses de uso em diferentes situações, a presença dos elementos verdes foi reduzida nos últimos anos o que causou uma descaracterização do interior tornando mais vazio e ausente da propriedade de incentivo ao uso.

A existência de espaços não aproveitados ou não utilizados no seu máximo potencial é um dos principais problemas e uma agravante para a ostracização do edifico na cidade e para a perda gradual de uma vivência mais complexa e interessante, disto é exemplo a parcela reservada à associação de moradores na fachada interior nascente que se encontra de momento anulada do conjunto.

Formalmente o edifício encerra-se num bloco retangular pontualmente permeável ao exterior, mas sem grande preponderância tornando estes espaços numa espécie de "becos" não inibidores da entrada no conjunto. O edifício comunica somente ao nível tradicional do rés-do-chão, devido ao facto do interior não ser naturalmente vislumbrável para quem nele não reside.

O rés-do-chão virado para a rua é constituído pelo comércio e por serviços fundamentais para a atratividade e durabilidade dos espaços sendo o existente de pequenas dimensões o que poderá anunciar a oportunidade de existir sempre num curto espaço de tempo uma atualização de um serviço ao ritmo das necessidades de consumo da cidade, o supérfluo funcional já não faz sentido, porque é o responsável pela morte dos lugares.

Um dos aspectos mais característicos do edifício é a forma despretensiosa como os habitantes utilizam o espaço para lá das paredes das suas habitações prolongando parte da sua individualidade e vivência até ao olhar dos seus vizinhos. A roupa estendida sobre o corrimão das galerias, o tanque à entrada que já não serve tanto para a lavagem da roupa, mas muito mais como arrumação, o cultivo de "jardins" improvisados, a exposição de imagens religiosas ou o retiro aconchegante para o periquito ou para o gato. As varandas e as galerias são abertamente utilizadas sendo fechadas pontualmente ao adicionarem toldos de proteção contra a chuva ou o calor excessivo. Esta diluição

entre o público e o privado parece afirmar duas coisas uma é o pedido de mais espaço no interior e outra o sentimento de pertença e bem-estar perante o conjunto.

A iniciativa vigente de eco bairro capacita os moradores de uma consciencialização relativamente à problemática da ecologia, a distribuição de um "eco ponto" doméstico e de lâmpadas de baixo consumo energético entre outras ações futuras revelam uma associação de moradores ativa junto dos moradores. Uma outra ação ainda não concretizada é a da construção adicional de mais 15 habitações de dimensões reduzidas (T0) com o objetivo de chegar a uma população mais frágil, mais concretamente a terceira idade.

A festa é desde sempre o pretexto para pontualmente instituir-se um clima de convergência entre pessoas, os Santos Populares são o exemplo perfeito de uma comunidade que se une numa mesma vontade na qual se verifica em pluralismo na celebração da tradição, com a comida, os jogos, as atividades, a música e a dança.

O recinto comum interior ao conjunto apresenta uma área vasta para a concretização de um lugar flexível para a utilização mais intensa por parte dos habitantes e em simultâneo a inclusão de todo o tipo indivíduos, que juntamente com a complementaridade dos equipamentos de proximidade circundantes possibilitam a consolidação de uma nova "mini Unité d'Habitation" inclusiva e diversa.

3.2. A Reabilitação flexível do Complexo das Lameiras para o *modus vivendi* atual e futuro em V.N. de Famalicão

A transferência daquilo que são os princípios inicialmente determinados pelo "quadro conceptual" do projeto para o desenho foi adaptada numa primeira etapa no nível urbano que comtemplou a zona de intervenção determinada pelo limite que a circunscreve, tendo em linha de conta não somente os elementos edificados, como os equipamento e as habitações, mas também o espaço entre estes que constituindo neste projeto um papel fundamental para cerzir todas componentes nele contidos, funcionando como elos indutores de flexibilidade. Posteriormente foi aplicado o mesmo método utilizado para o núcleo restrito do conjunto edificado, que é definido pela massa do edifício, pelos espaços de circulação, pelo espaço público e semi-público e pela fachada que é em si mesmo um forte elemento de comunicação.

Deste modo foram subdivididas mediante os princípios basilares as principais medidas operativas do projeto, que englobam as os "princípios desenhados", os objetivos e as ações.

No plano da zona e do complexo das Lameiras os princípios no qual assenta o projeto relacionam-se com, por um lado, a adaptabilidade e a evolutividade e por outro a durabilidade e a diversidade. Às primeiras concernem questões relacionadas com a revalorização funcional dos elementos que já existem desde o espaço livre, aos elementos construtivos que não permitem, de momento um uso mais flexível. Nesta linha de pensamento ao adaptar o pré-existente verifica-se necessário uma adaptação continua, que possua a capacidade de evoluir e de mudar as suas nuances conforme a vontade dos habitantes.

A polivalência e a diversidade representam o segundo grupo de princípios aos quais concernem o estabelecimento de uma nova lógica de desenvolvimento das atividades, nas quais procura-se uma maior abrangência de diferentes tipos de usos e em simultâneo a realização num mesmo perímetro de influência de várias atividades distintas.

Por último, mas pode ser mesmo considerado como o princípio basilar, a durabilidade, que surge como uma condição que deve verificar-se a todas as escalas do projeto desde o tratamento do espaço público até ás escolhas dos materiais de acabamento, as coisas devem permitir de alguma forma que a sua vida útil seja prolongada para lá do limite tradicional, por meio de métodos que auxiliem os utilizadores a reutilizar a função dos elementos que compõem o espaço habitável.

A partir dos princípios basilares estabelecidos, estabeleceram-se os objetivos e posteriormente as ações gerais e concretas no plano da zona:

Os Objetivos

- 01- Promoção de espaços comuns para o usufruto entre diferentes gerações.
- 02- Fomentar a mobilidade não motorizada.
- 03- Ampliar a rede cultural na cidade junto da população que habita a zona delimitada.
- 04- Flexibilizar o acesso à habitação a vários estratos sociais.

As Ações Gerais para a Zona:

- 01- Continuar e criar percursos a pé e de bicicleta.
- 02- Criação de uma bolsa de estacionamento passível de utilização para a habitação e equipamentos de proximidade.
- 03- Redesenhar o espaço público flexibilizando-o com mobiliário público para um "uso mais próximo das pessoas", com vegetação e uma maior amplitude visual e dimensional.

A relação das ações em específico como resultado direto dos princípios:

Adaptabilidade

A criação de uma bolsa de estacionamento prevê-se como uma transição daquilo que é uma cidade moderadamente motorizada para uma zona mais passiva no que diz respeito ao uso automóvel, portanto o estacionamento de proximidade é fundamental para o funcionamento dos equipamentos urbanos, a coexistência entre carro e pessoas é a pedra de toque neste âmbito.

Durabilidade

A definição de uma rede estável/congruente de equipamentos urbanos que possam interagir de uma forma sustentada como uma Unidade de Vizinhança.

Polivalência

A reabilitação do espaço público que não é circulação com a capacidade de este desempenhar funções distintas, em simultâneo ou não.

Numa mesma área de influência é possível desenvolver atividades como brincar, celebração de eventos culturais, descansar ou caminhar.

Evolutividade/Adaptabilidade

No desenho do mobiliário urbano fundamentalmente ambíguo que poderá mudar a sua função de acordo com a demanda por parte do público.

O desenho do espaço é pensado de modo a que este possibilite posteriormente um uso distinto, ou que dentro do mesmo uso ocorra uma intensificação do mesmo, uma abertura ou uma restrição a um grupo "alvo" de indivíduos.

Diversidade

Na capacidade de disponibilizar uma multiplicidade de valências que servem diferentes propósitos funcionais na cidade.

A opção de escolha de meios diferentes de mobilidade e o se funcionamento em paralelo.

A existência de valências incentivadoras através da organização e desenho do espaço ou do mobiliário que o constitui.

As Ações Gerais a aplicar no Complexo das Lameiras:

- 01- Adaptar as tipologias habitacionais existentes capacitando-as de um caráter flexível de vários níveis e de oferta variada, com acessos melhorados.
- 02- Adaptar o espaço comum dentro do conjunto flexibilizando-o com equipamentos de recreio, de lazer e o espaço para exposições, colóquios ou festas.
- 03- Integrar com o comércio existente "serviços" de caráter cultural (galerias ...).
- 04- Atribuir o atributo da transparência no edifício com o objetivo de criar permeabilidade, bem como revalorizar à luz do séc.XXI o papel das galerias através do desenho de nichos e dos corrimãos.

Edificios existentes Edificio objeto de intervenção Estacionamento de vizinhança proposto Zonas verdes Percursos pedonais / ciclovia Limite da zona de intervenção Pavimento em lagetas de granito Árvores de folha caduca Árvores de folha persistente Cobertura translúcida

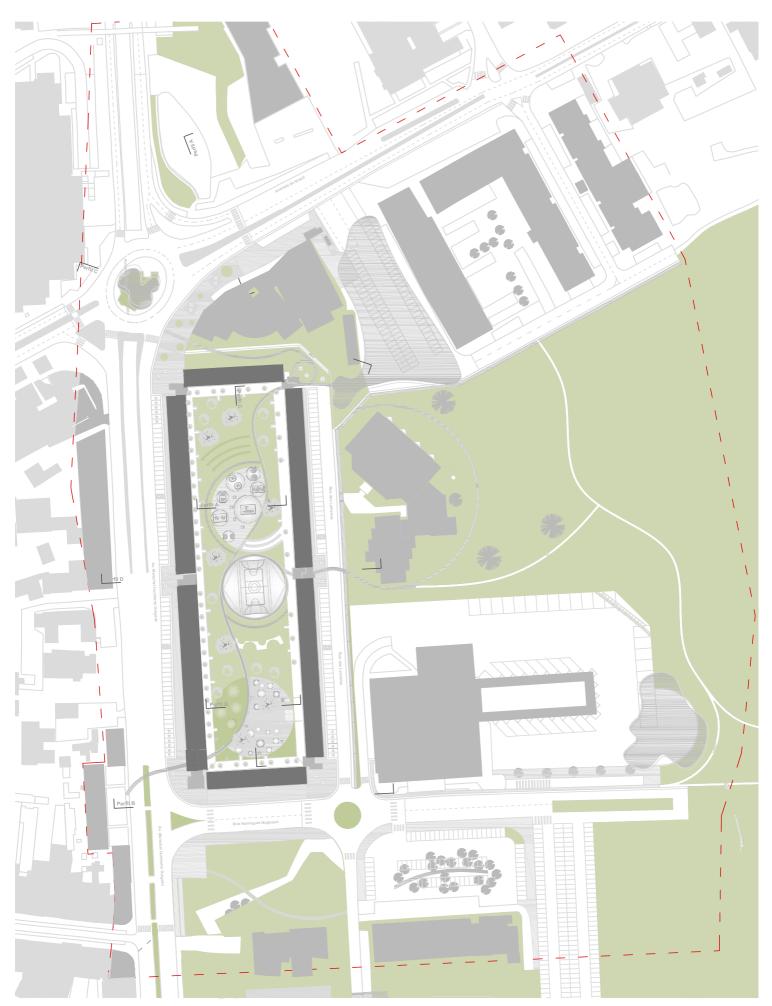


Fig. 069 A planta da Zona de intervenção delimitada, escala 1:2000

A relação das ações em específico como resultado direto dos princípios no plano do Complexo das Lameiras:

Adaptabilidade

As circulações ganham especial ênfase através da lógica da circulação em galeria da circulação espera-se que esta adeque a sua atual função de modo a que seja um espaço de encontro para a utilização ativa e para continuação do habitar privado para fora propiciando a conversação entre vizinhos como consequência de atividades como estender a roupa ou a a exposição de pequenos objetos.

Propõem-se ainda circulações verticais adaptadas através da incorporação de elevadores pontualmente ao longo do perímetro da habitação, para todos indivíduos independentemente do seu grau de mobilidade e para a inclusão do transporte da bicicleta individual até à porta de casa.

Durabilidade/Evolutividade

A permanência de uma métrica modular pré-existente permitirá a preservação da sua essência enquanto objeto Moderno e por outro lado esta "regra" permitirá a mudança conforme a necessidade, a utilização de partes amovíeis, núcleos técnicos fixos para a água e eletricidade, o espaço livre menos compartimentado é sugestivo para uma apropriação mais flexível e menos dependente do espaço físico.

Polivalência

Este é o principio fundamental para o funcionamento do módulo do habitar promovendo o todo em detrimento da política da zonamento estabelecendo uma base para fruição de realidades funcionais diferentes, graças à crescente importância do espaço psicológico.

Diversidade

Na desconstrução do termo tipologia por meio da reabilitação dos tipos existentes partindo da apresentação de duas configurações base, que consequentemente permitirão uma multiplicidade de configurações organizacionais para cada um dos tipos existentes.

Os Objetivos

- 01- Prolongar o espaço público confinado à habitação para o uso alargado à cidade.
- 02- Incentivar o albergue de uma maior diversidade de moradores, incluindo moradores com mobilidade reduzida.
- 03- Atribuir maior ênfase à dinâmica de hibridez na habitação.

Após a apresentação sintética da estratégia em dois nos dois planos de ação definidos, será realizada uma descrição mais meticulosa do projeto, que materializa a temática do

trabalho determinada à priori, a adaptação flexível da habitação Moderna aos modus vivendi da sociedade a longo prazo.

Por conseguinte, o projeto estrutura-se através de uma abordagem segundo um método que trata a totalidade subdividindo o projeto/espaço em "zonas/temas de influência", a partir da identificação de zonas chave/elos/rótulas para a flexibilização do habitar.

Retomando e melhor elaborando a ideia acerca das "zonas de influência", estas relacionam-se com os percursos urbanos não motorizados, a fachada, a plataforma verde comum, os espaços de circulação, os espaços ambíguos e as habitações. Numa primeira fase foi revista a base na qual o edifício assenta, os percursos e o espaço público complementar foi alvo de revisão adicionado quando não existia ou revisto numa lógica de continuidade, no qual se previu a incorporação de mobiliário público formalmente ambíguo como um elemento desbloqueador do uso limitativo que o espaço permitia.

Partindo da premissa conceptual dos princípios gerais definidos outros subprincípios operativos forma estabelecidos pelo projeto, como: a manutenção sempre que possível do existente; a economia de processos de reabilitação e consequente economia de custos na fase de construção; a priorização do ambiente, através de métodos passivos como é exemplo a adição de uma estrutura verde mais interessante desde o público até ao privado.

Para a intervenção o conceito de agrupar unidades habitacionais associadas a equipamentos de proximidade tem bastante interesse, pela capacidade de dinamização, do acréscimo da segurança e da multifuncionalidade, para além da questão social de base. Contudo ao contrário das primeiras abordagens desta teoria operativa do flexível a malha preexistente é um enquadramento fundamental para a unidade entre zonas da cidade em detrimento do conceito de "ilha".

O desenho do espaço entre edifícios é o objeto para a a iniciação de um processo de uniformização que espelha as referências presentes no local, como a área envolvente à CESPU (Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário), o Parque de Sinçães e o Parque da Devesa. A construção de um parque de estacionamento adicional à rede de apartamento existente na área permite que a implantação em concreto, de modo a que seja mais frequentada não sofrendo do constrangimento da ausência deste reforçando a capacidade de associação de movimento humano em concreto do Gimnodesportivo, do "Pátio da Lameiras" e ainda servindo mais eficazmente o Centro Social e o serviço diário que este disponibiliza para a comunidade. (ver figura 069)

Por conseguinte, foram definidos os pontos chave para a agregação da zona ao edificio com os vértices dos sectores nascente-norte e poente-sul, onde se dá a entrada para uma nova cidade e a entrada para uma cidade consolidada e a travessia aérea da Avenida Humberto Delgado estabelece o contato com esta vertente mais antiga, sendo o eixo desenvolvido por estes vértices uma tentativa para abrir caminho para uma área mais movimentada. Formalmente a volumetria em bloco do edificio mantém-se pela sua importância caracterizadora para a identificação de um património Moderno relevante e pela sua perspicácia ao organizar tão racionalmente o espaço edificado, contudo fez-se uma abertura cirúrgica num ponto focal, para a obtenção de uma referência de entrada, de um rosto, com o intuito de criar um novo contato com " o estranho de passagem" que agora sente-se curioso pelo vislumbrar da atividade vivida.

Este dinamismo transparece através da fachada e a reconversão e ampliação de um simples espaço de circulação foram o suficiente para dar oportunidade a novos usos que permitirão a transposição mimética atualizada da vida existente ao nível da rua, agora na vertical com uma área generosa poderão enquadrar-se todo o tipo de atividades relacionadas com o grande tema da cidade: a cultura, desde o comercial ao expositivo.

A galeria é revisitada não constituindo um mero acesso às habitações, são ruas onde pontualmente surgem pontos de "fuga", de "pausa" e onde o jardim privado ganha lugar ao abrir-se desde a casa até à galeria, a nova rua, é a resposta para o sentimento de oportunidade de democratização do "meu", da nova Unidade de Vizinhança flexível, porque dá a opção de escolher entre uma atitude mais reservada ou mais aberta. A galeria desdobra o seu significado e compreende-se entre o acesso e o espaço expectável para a concretização da cultura do habitar contemporâneo.

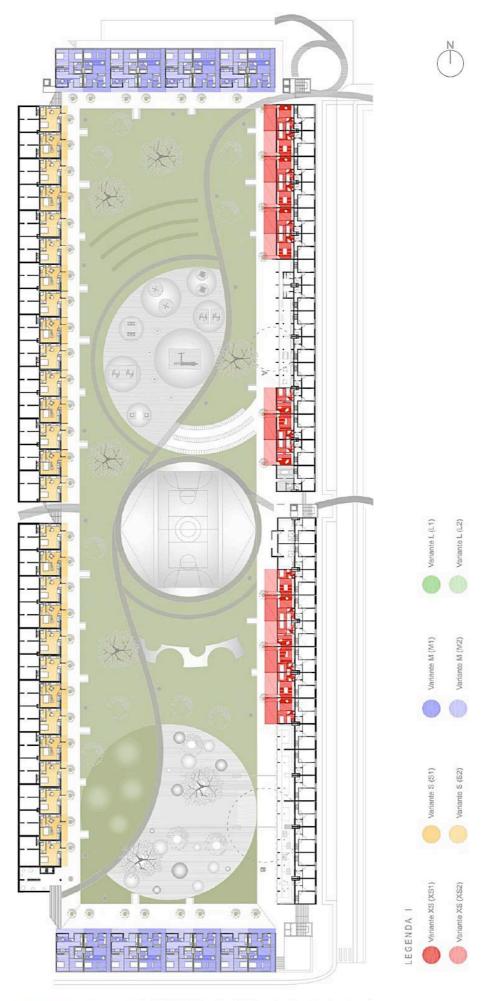


Fig. 070 Planta Piso 1, escala 1:1000

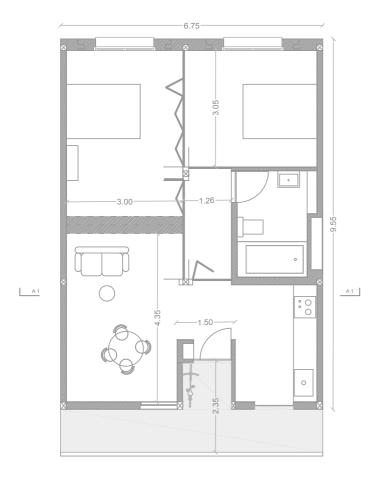
No interior o primeiro piso é uma continuação do espaço verde como o ATL, a prolongar-se para uma zona de recreio, um espaço desportivo complementado pelos balneários e as galerias culturais que se abrem para um espaço generoso em alinhamento com a nova "entrada" do edifício. Este espaço polivalente procura ser o palco de todo o conjunto onde eventos culturais se realizam ao ar livre, mas que faz todo o sentido na ausência deste pelo facto de permitir um uso diversificado e personalizado no dia a dia de forma adaptativa. (ver figura 070) Todo o espaço é concebido como um todo comum mediamente zoneado por razões funcionais, para o incentiva através de ligeiras alterações altimétricas no terreno, de um conjunto de mobiliário sem um propósito pré-determinado e dos vazios complementares. A habitação no 1º piso é de área reduzida, portanto à entrada de cada módulo foi deixada uma área complementar pertencente ao caminho circundante interior a toda a volta do bloco, assumindo a ideia de que quanto mais reduzido for o interior mais área exterior disponível será necessária. Aos acessos verticais existentes foram adicionados elevadores aproveitando os espaços não utilizados junto ao lanço de escadas de cada piso com o propósito de acolher eficazmente utentes com mobilidade condicionada, para o transporte da bicicleta até casa ou simplesmente para melhor acomodar as indigências diárias da domesticidade.

A Habitação como elemento nevrálgico do projeto é repensada no âmbito tipológico, no qual o conceito de tipologia é desconstruído e a problemática da área do habitar torna-se na base para uma configuração mais flexível. O facto de um T2 estar necessariamente associado ao facto de ter dois quartos, enquanto que ter 52 m² poderá significar ter uma base pré-determinada com a função prestada pela cozinha e pela casa de banho, mas que todo o restante espaço é bastante adaptável, podendo ter dois quartos uma sala, um quarto e um escritório ou apenas um quarto.

As tipologias existentes foram reconvertidas em "variantes" sendo o T0+1 correspondente à área "S", o T2 à "M", o T3 e o T4 à "L" e ainda mais uma nova variante mais reduzida do que as anteriores a "XS". Para cada variante foram projetadas 2 sub-variantes base estruturais com diferenças de estrutura entre elas permitindo uma duplicação das possibilidades organizacionais do uso que cada variante encerra. As designações de XS, S, M e L são mais um indicador quantitativo em m², do que um indicador qualitativo da substância do habitar. (ver figura 076). A habitação XS e S estão associadas a um custo mais reduzido de aquisição, na qual a vida doméstica está maioritariamente ancorada nos serviços disponibilizados pela cidade.



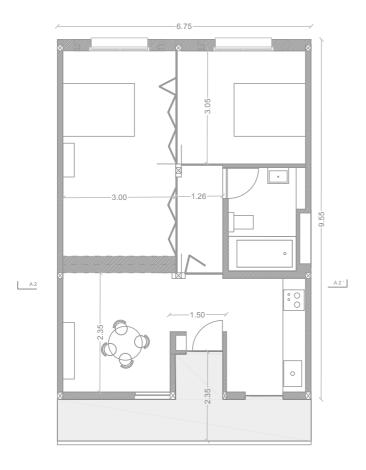
Fig. 071 Exemplos de combinações da variante habitacional (M), escala 1:100

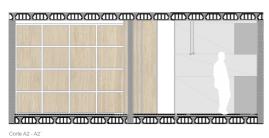




	Alvenaria em tijolo térmico		Coretes sanitárias	\boxtimes	Pilar
-88885	Isolamento em aglomerado e cortiça	~~~	Coretes sanitárias		Carris deslizantes
• •	Betão armado		Painel de cortiça	Turuluda	Móvel/Parede divisória deslizante
	Reboco / Argamassa		Mobiliário em madeira de carvalho		

Fig. 072 Variação 1: Planta e corte transversal da variante habitacional (M), escala 1:100





Alvenaria em tijolo térmico

Coretes sanitárias

Pilar

Coretes sanitárias

Carris deslizantes

Betão armado

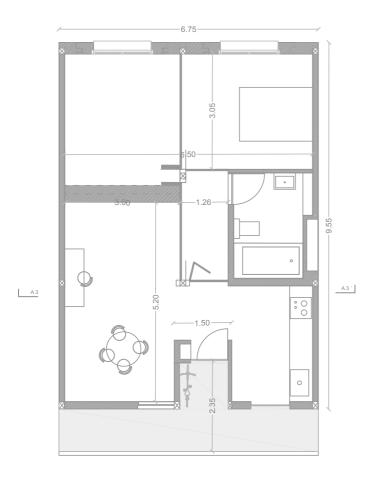
Painel de cortiça

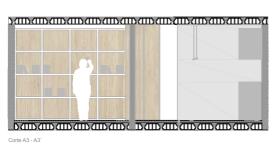
Móvel/Parede divisória deslizante

Reboco / Argamassa

Mobiliário em madeira de carvalho

Fig. 073 Variação 2: Planta e corte transversal da variante habitacional (M), escala 1:100





	Alvenaria em tijolo térmico		Coretes sanitárias	\boxtimes	Pilar
	Isolamento em aglomerado e cortiça	~~~	Coretes sanitárias		Carris deslizantes
• •	Betão armado		Painel de cortiça	Value and a second	Móvel/Parede divisória deslizante
	Reboco / Argamassa		Mobiliário em madeira de carvalho		

Fig. 074 Variação 3: Planta e corte transversal da variante habitacional (M), escala 1:100

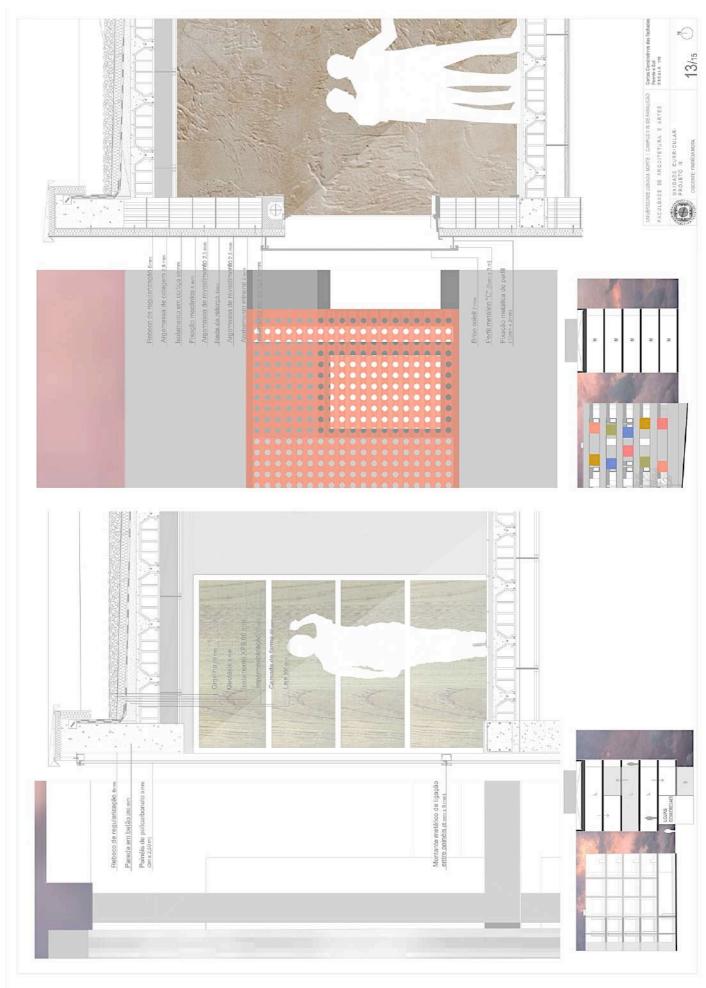


Fig. 075 Redução da Folha síntese sobre os pormenores construtivos das fachadas: poente e sul

Uma casa de banho de maior dimensão é um requisito quando o individual se sobrepõe a uma vida doméstica partilhada por um grupo maior de pessoas, a cozinha reclama a importância da sala visto que é o pretexto atual para a a reunião e convívio, enquanto que o lugar de dormir restringe-se ao seu mínimo fundamental.

Para a variante "M" de média dimensão verificou-se a oportunidade de teste de um método distinto de flexibilidade através da fragmentação de uma porção da área total e da sua adição à galeria de circulação permitindo a existência alternada de permeabilidades visuais na massa do edifício no sector norte e sul no qual a luz tem um efeito importante para a salubridade do espaço de circulação, bem como para a comunicação da dialética interior/exterior. Por outra via serão permitidas duas entradas diferenciadas o que abre opções fora do campo tradicional da morada, como um escritório em casa (fora de casa), um micro negócio ou um jardim de inverno. (ver figuras 071/072/073/074)

A exclusão de interrupções sempre que possível como panos de parede opacos para a inclusão de paredes leves passíveis de remoção ou adição, transparentes ou simplesmente utilizando cortinados, a participação de métodos de flexibilidade ativa como o mobiliário multifuncional contribuem para a transposição do habitar para lá de muros sendo muito mais manipulável.

A variante "L" está presente em maior número sendo em simultâneo a que mais usos diversificados permite pelo facto de tratar-se de um dúplex facilmente transportou-se o método da fragmentação ao adicionar galeria nos setores não contemplados por esta, deste modo todas as variantes "L" poderão funcionar independentemente, através da divisão dos pisos.

Verificando-se uma tendência progressiva para a diminuição do espaço doméstico, o habitante não tem mais de adaptar-se a um espaço tipificado e incógnito, a casa muda e respeita a vontade individual crescendo ou diminuindo conforme a exigência imposta por quem nela vive.

Um dos aspetos interessantes desta variante para além da sua área mais generosa e consequentemente mais flexível é a reconversão do momento da entrada e de um compartimento destinado a servir como despensa, num mais amplo espaço de recepção e também de estar, o qual absorve numa das sub variantes estruturais o quarto junto à entrada convertendo-o num jardim virado para a rua (galeria).

La vivenda deja de ser un conjunto de habitaciones minuciosamente distribuidas para convertirse en un destinado a la habitación, un espacio detenido desde una periferia funcional y manifestos como un vacío "por conquistar. GAUSA (2002: 29)

A forma básica deve ser entendida como a estrutura interior de uma forma ou como um princípio que contém a possibilidade de infinitas variações formais e modificações estruturais do "tipo" em si. NESBITT (2006: 270)

A vertente lúdica do espaço interior comum do "pátio das Lameiras" foi explorada de um modo informal sem uma definição rígida, ainda que partindo de um pressuposto organizacional geométrico à priori.

No interior as galerias dominam a fachada, mas o seu uso é por principio mais limitado quando estão completamente abertas inibindo a possibilidade de os aproveitar como extensões do interior de cada habitação. Logo a inclusão de painéis retráteis perfurados de aspecto translúcido permite que apesar da hipótese de fecho devido às condições climáticas, não haja o sentimento de enclausuramento, sendo personalizável a sua presença e em simultâneo a criação de uma base visual para que cada indivíduo se aproprie destes nichos com os seus objetos pessoais, as suas plantas ou com a roupa pendurada nos corrimãos.

As opções tomadas pelo projeto a nível das fachadas relacionam-se com o princípio da permanência ao máximo da identidade formal do edifício em detrimento da ideia de descaracterização, nesta conjuntura foi adoptada uma perspectiva de revalorização na qual os ritmos das fenestrações são conjugados com *brises-soilles* perfurados que se movem ao longo de montantes metálicos, permitindo uma maior diversidade cromática e essencialmente uma mais fácil e personalizável filtragem luminosa, a estes foram adicionados pontualmente vasos para o suporte de plantas transportando o espírito ambiental tão importante que domina o parque adjacente. (ver figura 075)

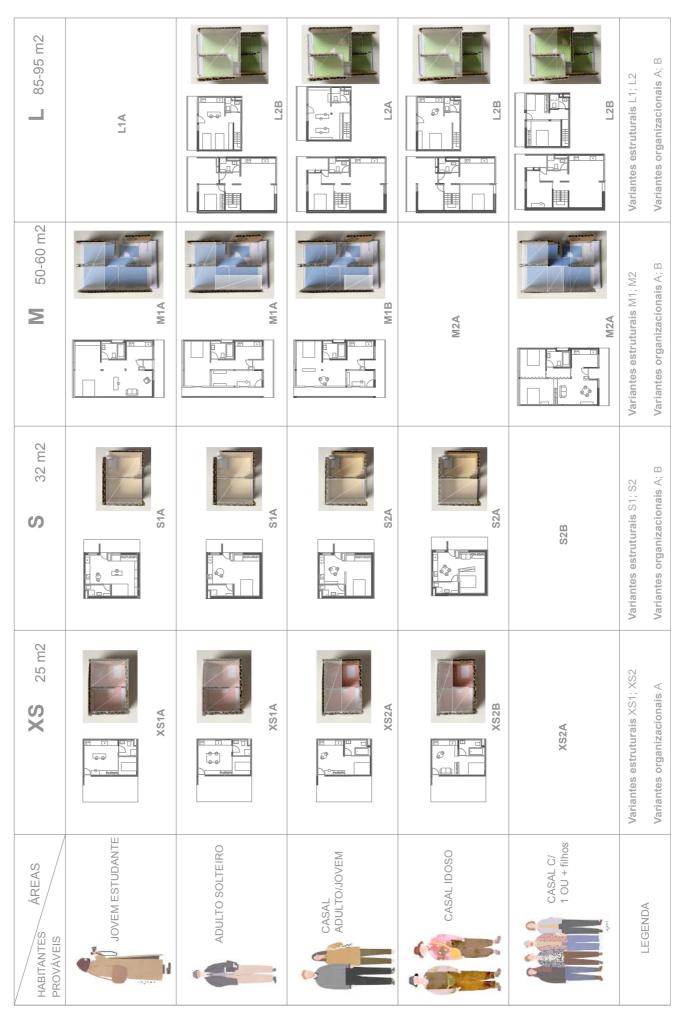


Fig. 076 Quadro Reinterpretativo das Tipologias Habitacionais

CONCLUSÃO

Como suma do estudo realizado é possível concluir que, por um lado é necessário que o vasto repertório, ainda existe, da arquitetura habitacional Moderna seja reabilitado, em concordância com uma atitude sustentável de anti demolição, pelo facto fundamental desta arquitetura deter um interesse histórico, como base da habitação de hoje, mas ainda mais relevante, é o facto desta, como foi comprovado pela dissertação, possuir um real potencial flexível, verficou-se que determinados elementos caracterizadores do espaço habitacional Moderno preenchem os requisitos daquilo a que apelidamos de critérios potenciais de flexibilidade.

Apesar de se tratarem de paradigmas vivenciais distintos a arquitetura que os acolhe é bem mais próxima, pode-se mesmo afirmar que uma é a primogénita da outra, portanto a segunda é somente mais extensa, mais complexa, mas na sua essência contém todos os princípios que regem a composição do habitar, esta materialidade, quando sujeita a uma adaptação consciente é passível de "fácil" regeneração.

Atualmente verifica-se que muita da construção habitacional existente é de origem Moderna, portanto, esta é uma boa premissa para repensar o modo de atuação da arquitetura, de trabalhar/melhorar o potencial existente, através da flexibilização, não como uma tendência, mas como uma atitude transversal, que capacite os indivíduos e os edifícios de autossuficiência, na medida em que o espaço não seja uma matéria enclausuradora, mas sim base para um espectro alargado de vivencias ímpares.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

LIVROS E PERIÓDICOS:

ÁBALOS, Iñaki. (2005). *La Buena Vida*. 5ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.

ALMEIDA, Reginado Rodrigues. (2004). Sociedade BIT, Da sociedade da informação à sociedade do conhecimento. Lisboa: Quid Juris sociedade editora. 2ª edição

ARIÉS, Philippe & DUBY Georges. (1990). *História da Vida Privada*. Vol. IV. Da Revolução à Grande Guerra. Lisboa: Edições Afrontamento

ARIÉS, Philippe & DUBY Georges. (1991). *História da Vida Privada*. Vol. V. Da Primeira Guerra Mundial aos Nossos Dias. Lisboa: Edições Afrontamento

AVERMAETE, Tom, HAVIK, Klaske & TEERDS, Hans. (2009). *Architectural Positions*: Architecture, Modernity and the Public Sphere. Amesterdam: SUN Publishers

BACHELARD, Gaston. (1996). A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes

CALDAS, João. (2001). *Habitações Modernas* in P. (Ed.). Guia de arquitectura moderna: Porto 1901-2001. Porto: Ordem dos Arquictetos: Editora Civilização

CANNAVÓ, Paola. (2006). Programar a flexibilidade. J.A. Programa nº 222. pp. 95-103

CARDOSO Alexandra, Fátima Sales, Jorge Cunha Pimentel. (2012). Januário Godinho: leituras do movimento moderno. 1ª edição. Porto: Edições CEAA/3

CARLO, Giancarlo. *Uma Arquitetura da participação* in RODRIGUES, José et al. 2010. *Teoria e crítica de Arquitetura século XX*. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA.

CARVALHO, Ricardo. (2006). Morada: rua, casa. J.A. Morada. nº 224. pp. 34-41

CIAMH. (2017). Edificio de habitação coletiva Cooperativa Sache, frente & verso 1^a fase. Porto: Edições CIAMH -. ISSN 218-8237

COELHO, António Batista et al. (2013). *Habitação para o maior número, Portugal os anos de 1950 – 1980*. Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana. Lisboa.

COSTA, Jorge. (2001). *Bairros do Estado Novo* in P. (Ed.). Guia de arquitectura moderna: Porto 1901-2001. Porto: Ordem dos Arquitectos: Editora Civilização

CURTIS, Willam. (1991). *Modern Architecture since 1900*. 2ª edição. London: Phaidon

Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE. (2009). *Habitar em Coletivo*: Arquitectura Portuguesa antes do S.A.A.L. Print to File: Lisboa

Daylight & Architecture Magazine. (2011). #16 Life cicles. Velux Group

FERNANDES, Fátima & Cannatà, Michele. (2003). *Habitação Contemporânea, Formas de Habitar*. 1ª edição. ASA Editores, S.A.

FERNANDES, José Manuel. (2005). Arquitetura Modernista em Portugal, 1890 – 1940. 2ª edição. Lisboa: Gradiva

FERNANDES, José Manuel & ALMEIDA Pedro. (1986). *A Arquitetura Moderna* in História da Arte em Portugal, vol.14. A Arquitetura Moderna. Lisboa: Alfa

FURTADO, Gonçalo & MOREIRA, Inês. Cartografías da Domesticidade. *J.A. From Bauhaus to our House*. nº 203. pp. 96-103

GAUSA, Manuel. (2002). Housing: new alternatives, new systems: the private domain. Boston: Birkhäuser

GONÇALVES, José. (2001). *Prédios de Rendimento* in P. (Ed.). Guia de arquitectura moderna: Porto 1901-2001. Porto: Ordem dos Arquictetos: Editora Civilização

GONÇALVES, José. (2002). Ser ou não ser moderno: Considerações sobre a Arquitetura Modernista Portuguesa. FCTUC: Coimbra

HABRAKEN, John. (1998). *The Structure of the Ordinary*. The MIT Press: Cambridge

HERTZBERGER, Herman. (1999). *Lições de Arquitetura*. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes

HOLL, Steven. (2011). *Questiones de Percéptión: Fenomenologia de la arquitetura*. G.G. Tradução: Igor Fracalossi. [referência de fevereiro de 2018]. Disponível na Internet em: http://www.archdaily.pt >

LAMAS, José. (2014). *Morfologia Urbana e desenho da cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 7ª edição.

LEUPEN, Bernard et al. (2005). *Time-Based Architecture*. Roterdão: 010 Publishers LINO, Raúl. (1992). *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia. 9ª edição

LOPES, Carlos. (2017) Arquitetura e modos de habitar, Conversas com arquitetos: #07 Fernando Távora, Porto: Edições CIAMH

KERCKHOVE, Derrick. (1997). *A Pele da Cultura*. Lisboa: Relógio D' Água Editores

MATTOSO, José. (2010). *História da vida privada em Portugal*. Vol.3. Lisboa: Círculo de Leitores

MATTOSO, José. (2010). *História da vida privada em Portugal*. Vol.4. Lisboa: Círculo de Leitores

MELLO, Eduardo Fernando. (2006) Situação Copan: Contaminações mútuas*. *J.A. Quando não se reconhece a matriz*. 220/221. pp. 24-29

MILHEIRO, Ana Vaz & SALEMA, Isabel. "Queríamos criar um espaço para a vida

moderna", Público, supl. Mil Folhas, Lisboa, 26 Jun. 2004, p. 5.

MONTANER, Josep Maria. (1994). Después del movimiento moderno: arquitectura de la segunda mitad del siglo XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.

NESBITT, Kate. (2006). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*, Antologia Técnica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify

PARICIO, Ignacio & SUST Xavier. (2004). *La vivenda contemporánea: Programa y tecnologia*. Barcelona: Institut de Tecnologia de la Construcció de Catalunya

PORTAS, Nuno. (2008). A Arquitetura para hoje, seguido de a evolução da arquitetura moderna em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte

SCHNEIDER, Tatjana & TILL, Jeremy. (2005). Flexible Housing: opportunities and limits, Arq.9 n°2

SCHULZ, Christian. (1991). *Genius Loci: Towards a Phenomenoloy of Architecture.* Nova Iorque: Rizzoli

TAVARES, Maria. (2015). "Habitações Económicas", Federação de Caixas de Previdência, Arquitectura e Modos de Actuação no Exercício de Projecto. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

TAVARES, Maria. Casa protótipo: afirmação de um caminho experimental em arquitectura. [referência de 20-01-2018], p.1-17, Disponível na Internet em: www.resdomus.blogspot.com

RODRIGUES, José et al. (2010). *Teoria e crítica de Arquitetura século XX*. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA.

TOSTÕES, Ana. (1997). Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50. 2ª edição. Porto: FAUP

FONTES BILIOGRÁFICAS SECUNDÁRIAS:

CALVINO, Ítalo. (1990). Seis propostas para o próximo milénio. São Paulo: Companhia das Letras.

KAFKA, Franz. (2018). O Processo. Lisboa: Livros do Brasil

DOCUMENTÁRIOS:

Manuel Graça. 1996. *Quinta da Malagueira*. [referência de 19-06-2018], Disponível na Internet em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/quinta-da-malagueira/

Inês Santos. 2008. O Modernismo. [referência de 02-04-2018], Disponível na Internet em: http://ensina.rtp.pt/artigo/o-modernismo/

ENDEREÇOS ELETRÓNICOS:

https://fims.up.pt/index.php?cat=19&subcat=43, consultado em 13/10/2017

http://www.archdaily.pt, consutado em 04-12-2017

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5 879&sysLanguage=fr-fr&itemPos=78&itemSort=fr, extrato de Le Corbusier e Pierre Jeanneret, Œuvre complète, volume 1, 1910-1929, consultado em 12/02/2018

https://amlameiras.pt/associacao-historia, atualizado em 04-03-2015, consultado em 19-06-2018

www.cca.qc.ca/en/issues/2/what-the-future-looked-like/32734/1956-house-of-the-future, consultado em 05-03-2018

http:/journals.cambridge.org, consultado em 19-05-2018

http://www.nlarchitects.nl, consultado em 16-09-2018